



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**THAINÁ DE LIMA REIS**

**ESTUDO DAS CATEGORIAS NOMINAIS EM ENAWENE NAWE  
(ARUÁK): UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

**CAMPINAS**

**2023**

**THAINÁ DE LIMA REIS**

**ESTUDO DAS CATEGORIAS NOMINAIS EM ENAWENE NAWE  
(ARUÁK): UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.**

**Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Correra Mori**

**Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Barros Brandão**

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Thainá de Lima Reis e orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.**

**CAMPINAS**

**2023**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

R277e Reis, Thainá de Lima, 1998-  
Estudos das categorias nominais em Enawene Nawe (Aruák) : uma análise preliminar / Thainá de Lima Reis. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.  
Coorientador: Ana Paula Barros Brandão.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Enawene Nawe. 2. Língua Aruák. 3. Posse nominal. 4. Marcação de plural. 5. Classificação nominal. I. Corbera Mori, Angel Humberto, 1950-. II. Brandão, Ana Paula Barros. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** A study of nominal categories in Enawene Nawe (Arawak) : a preliminary analysis

**Palavras-chave em inglês:**

Enawene Nawe

Arawak Language

Nominal possession

Plural marking

Nominal classification

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestra em Linguística **Banca examinadora:**

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador] Glauber

Romling da Silva

Camille Cardoso Miranda

**Data de defesa:** 21-11-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4884-0530>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1632355070281485>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Angel Humberto Corbera Mori**

**Glauber Romling da Silva**

**Camille Cardoso Miranda**

**IEL/UNICAMP  
2023**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, avós e a todos os que  
vieram antes de mim a traçar a estrada  
em que hoje caminho.*

## AGRADECIMENTOS

Este mestrado foi um sonho que tive desde muito antes da minha graduação. Foi uma experiência muito mais desafiadora do que a pessoa que eu era imaginava, e ficar longe de casa e de tudo que me é familiar foi, confesso, bastante assustador. Nesses dois anos cresci tanto como pesquisadora, e ainda mais como pessoa. Muitas coisas ficaram claras para mim e, talvez por isso, dou ainda mais valor a todos os que me acompanharam (de longe ou de perto) nessa jornada.

Minha família foi a base sólida em que cresci acreditando poder realizar todos os meus sonhos. Mesmo que minha vinda para Campinas significasse que ficaríamos separados por um tempo, eles me apoiaram, embarcaram comigo nesse projeto e nunca sequer cogitaram que eu não seria capaz. À minha mãe, Leide Reis, a meu pai Heraldo Reis, Maiko e Amanda, obrigada pelo amor incondicional e, acima de tudo, por serem o lar para onde volto agora.

À minha madrinha, Patrícia Silva, ao João Victor e a Tio Francisco Reis e sua família, obrigada por me acolherem e cuidarem de mim enquanto estava longe de casa. Espero um dia poder retribuir tudo o que fizeram por mim!

Aos meus amigos, que sempre são fonte inesgotável de alegria, me ouvindo e aconselhando nos momentos mais difíceis, e que sempre acreditaram em mim muito mais do que eu mesma.

Aos colegas e amigos que fiz em Campinas e São Paulo: Windson, Ana Flávia Caballero, Júlia Neto, Mariana e as meninas da Verdinha obrigada pelas conversas, risadas e fofocas, e por me fazerem sentir menos sozinha. Meu muito obrigada ao amigo desde a época do Curso Livre de inglês na UFPA, Lucas Sousa, a quem reencontrei e que me quebrou muitos galhos quando precisei. Lucas te devo muitas! Desejo a todos tudo de melhor e espero vê-los novamente!

Ao meu orientador, prof. Angel Corbera Mori, obrigada por esses dois anos em que compartilhou comigo seu conhecimento do fascinante e difícil mundo da pesquisa com línguas indígenas. Sua orientação e experiência foram essenciais para a produção desta dissertação, e me fizeram admirar ainda mais o profissional que é.

Obrigada à minha coorientadora, Prof.<sup>a</sup> Ana Paula Brandão, companheira de perrengues nas viagens a campo e minha primeira mestre que ainda tanto me ensina e ajuda. Grata pelos anos de orientação e amizade, e por fazer parte de mais essa etapa da minha vida acadêmica. Acho que nem quarenta mil é suficiente para retribuir tudo que a senhora fez por mim!

Aos Enawene Nawe, com quem comecei essa jornada com as línguas indígenas há quatro anos, obrigada pela paciência e contribuições importantíssimas para essa pesquisa. Nesse trabalho pude conhecer pessoas inspiradoras e tive experiências que enriqueceram a minha vida profissional e pessoal. Obrigada a cada um que me ajudou com essa pesquisa e espero encontrá-los novamente por aí. Awe!

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Penso nas palavras de Dr. Cornell West, dizendo que somos o que somos porque alguém nos amou, cuidou de nós e nos atendeu. Ouço a voz de Gal Costa cantando que sou filha de todas as vozes que vieram antes. Eu sou o resultado do amor, investimento e cuidado de muitas pessoas (algumas delas citadas aqui), sou um coro de diversas vozes que cantaram afinadamente. Cheguei aqui por causa de vocês e com vocês. Muito obrigada!

## RESUMO

Neste trabalho, são apresentadas as categorias nominais de posse, número e classificação nominal na língua Enawene Nawe, uma língua indígena brasileira pertencente à família Aruák e falada no Estado do Mato Grosso por aproximadamente 1.000 falantes. No que diz respeito a posse, a língua segue o padrão tipológico da família a qual pertence, distinguindo o seu léxico nominal em nomes inalienáveis, alienáveis e não possuídos. No primeiro grupo estão os termos de parentesco, partes do corpo e alguns objetos de valor pessoal. Em sua maioria, esses nomes são formas presas de posse obrigatória que sempre devem receber os prefixos de possuidor quando possuídas e, quando em sua forma absoluta, ocorrem com a presença de um sufixo de não-possuído (sendo os termos de parentesco uma exceção). Já os alienáveis, são raízes nominais livres em que a posse é opcional, podendo ocorrer em sua forma não possuída sem nenhuma marca morfológica; quando possuídos, esses nomes recebem, além das marcas de possuidor, um dos sufixos de possuído encontrados na língua. Nomes não possuídos incluem nomes de animais, elementos da natureza, nomes de lugares e pessoas que não podem receber nenhuma marca morfológica de posse. Uma parte importante dessa classe são os nomes de animais que, para ocorrerem em construções possessivas, sempre devem aparecer justapostos à raiz nominal *hol-* ‘criação’. Essa raiz recebe o sufixo *-i* de concordância de primeira pessoa do singular, e *-a* quando possuída pelas demais pessoas. No que diz respeito às marcas de posse, a análise mostrou os seguintes prefixos e pronomes independentes de possuidor: *no~n-* ‘1SG’, *hi~h-* ‘2SG’, *ere* ‘3SG’, *wi~w-* ‘1PL’, *di~d-* ‘2PL’, *erenaha* ‘3PL’. Os sufixos de possuído são *-ne~ni*, *-li~la* e *-ri~ra*; e a marca de não-possuído é realizada por meio do sufixo *-ti*. A marcação de número na língua ocorre por meio do sufixo *-nawe*, que pode ter o significado de plural ou coletivo, possuindo valor de obrigatoriedade somente com referentes humanos. Já quanto a classificação nominal, o EN apresenta os dois sistemas comuns em línguas Aruák: gênero e classificadores (Aikhenvald, 1999). O gênero é marcado pelos sufixos *-li~ri* ‘masculino’ e *-lo~ro* ‘feminino’. Os morfemas de gênero na língua ocorrem predominantemente em construções com referentes humanos, tendo funções derivacionais e anafóricas e realizando a classificação sem gerar concordância gramatical. O sistema de classificadores é composto por onze morfemas: *-se* ‘pequeno, alongado’; *-kase* ‘longo, rígido’; *-nase* ‘cilíndrico’; *-xi* ‘pequeno’; *-hi* ‘fino, longo, flexível’; *-oko* ‘circular’; *-la(-)/-ra(-)* ‘líquido’; *-he* ‘pó’; *-ri(-)* ‘redondo’; *-kwa(-)* ‘plano’; *-ako* ‘dentro’. Esses morfemas também desempenham funções derivacionais e anafóricas, e classificam principalmente a parte do léxico com nomes para inanimados e animados não humanos com base na forma, tamanho e consistência desses referentes. Além disso, os morfemas *-kwa* e *-ako* também podem ocorrer como posposições locativas. Com este trabalho, busca-se ampliar o conhecimento sobre os aspectos morfossintáticos e semânticos das categorias nominais em Enawene Nawe. Essa pesquisa se faz relevante para o conhecimento e avanço da descrição e documentação do EN, que até o momento se encontra em estágio inicial.

**Palavras-chave:** Enawene Nawe; Aruák; Posse; Número; Classificação nominal.

## ABSTRACT

This dissertation presents the nominal categories of possession, number, and nominal classification in the Enawene Nawe language, an indigenous language in Brazil that belongs to the Arawak family and is spoken in the state of Mato Grosso by approximately 1,000 speakers. Regarding possession, the language follows the typological pattern of the family to which it belongs, distinguishing its nominal lexicon into inalienable, alienable, and non-possessed nouns. In the first group are kinship terms, body parts and some objects of personal value. For the most part, these nouns are bound forms of obligatory possession that must always receive the prefixes of possessor when possessed and, when in absolute form, they must occur with the presence of a non-possessed suffix (kinship terms being an exception). Alienable nouns, on the other hand, are free nominal roots in which possession is optional, since they can occur in their unpossessed form without any morphological mark; when possessed, these nouns receive, in addition to the possessor marks, one of the possessed suffixes found in the language. Non-possessed nouns include animal nouns, elements of nature, place names and prenames that cannot receive any morphological mark of possession. An important part of this class are the animal nouns which to occur in possessive constructions must always be juxtaposed to the nominal root *hol-* ‘creation’. This root receives the suffix *-i* for first-person agreement, and *-a* when possessed by the other persons. As far as marks of possession are concerned, the analysis showed the following prefixes and independent pronouns for possessor: *no--n-* ‘1SG’, *hi--h-* ‘2SG’, *ere* ‘3SG’, *wi--w-* ‘1PL’, *di--d-* ‘2PL’, *erenaha* ‘3PL’. The possessive suffixes are *-ne--ni*, *-li--la* and *-ri--ra*; and the non-possessed mark is realized by means of the suffix *-ti*. Number marking in Enawene Nawe is marked by the suffix *-nawe*, meaning either plural or collective, and is only obligatory with human referents. As for nominal classification, Enawene Nawe has the two systems that are common in Arawak languages: gender and classifiers (Aikhenvald, 1999). Gender is marked by the suffixes *-li--ri* ‘masculine’ and *-lo--ro* ‘feminine’. Gender morphemes have derivational and anaphoric functions in the language, occurring predominantly in constructions with human beings and classifying referents without grammatical agreement. The classifier system, on the other hand, is composed of eleven morphemes: *-se* ‘small, elongated’; *-kase* ‘long, rigid’; *-nase* ‘cylindrical’; *-xi* ‘small’; *-hi* ‘thin, long, flexible’; *-oko* ‘circular’; *-la(-)/-ra(-)* ‘liquid’; *-he* ‘powder’; *-ri(-)* ‘round’; *-kwa(-)* ‘flat’; *-ako* ‘inside’. These morphemes also have derivational and anaphoric functions and mainly classify the part of the lexicon with nouns for inanimate and non-human animates based on their shape, size, and consistency. In addition, the morphemes *-kwa* and *-ako* can also occur as locative postpositions. With this work, we intend to increase the understanding of the morphosyntactic and semantic aspects of nominal categories in Enawene Nawe. This research is relevant to the knowledge and advancement of the description and documentation of Enawene Nawe, which is still in its initial stages.

**Keywords:** Enawene Nawe; Arawak; Possession; Number; Nominal classification.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa da Localização da TI Enawene Nawe.....	17
<b>Figura 2:</b> Imagem aérea da aldeia Dolowikwa/Kotakwinakwa .....	18
<b>Figura 3:</b> Falantes Enawene Nawe utilizando o método Story Builder .....	27
<b>Figura 4:</b> Interface ELAN .....	28
<b>Figura 5:</b> Interface de textos do programa FLEx .....	29
<b>Figura 6:</b> Sistema General number/Singular versus Plural .....	54

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Inventário fonológico dos segmentos consonantais em Enawene Nawe.....	20
<b>Quadro 2:</b> Inventário fonológico dos segmentos vocálicos em Enawene Nawe .....	20
<b>Quadro 3:</b> Correspondências entre escrita, fonética e fonologia em Enawene Nawe .....	22
<b>Quadro 4:</b> Prefixos pronominais de possuidor em Enawene Nawe .....	35
<b>Quadro 5:</b> Partes do corpo (não) possuídas em Enawene Nawe.....	36
<b>Quadro 6:</b> Nomes de seres inanimados inalienáveis .....	36
<b>Quadro 7:</b> Termos de parentesco (não) possuídos em Enawene Nawe .....	39
<b>Quadro 8:</b> Uso dos sufixos possessivos -ni~-ne e -li~-la em Enawene Nawe.....	42
<b>Quadro 9:</b> Nomes que recebem os sufixos -ri~-ra .....	45
<b>Quadro 10:</b> Comparação dos prefixos de possuidor em Enawene Nawe e Paresi.....	50
<b>Quadro 11:</b> Ocorrência da pluralidade .....	55
<b>Quadro 12:</b> Numerais em Enawene Nawe .....	62
<b>Quadro 13:</b> Propriedades dos sistemas de gênero e classificadores.....	66
<b>Quadro 14:</b> Nomes em Enawene Nawe com a marca de gênero em sua morfologia .....	73
<b>Quadro 15:</b> Variação na marcação de gênero em 18 itens lexicais em Enawene Nawe.....	76
<b>Quadro 16:</b> Nominalizações a partir do uso dos morfemas de gênero em Enawene Nawe....	80
<b>Quadro 17:</b> Propriedades do sistema de gênero em Enawene Nawe .....	81
<b>Quadro 18:</b> Classificadores em Enawene Nawe .....	84
<b>Quadro 19:</b> Uso derivacional dos classificadores em Enawene Nawe .....	97
<b>Quadro 20:</b> Propriedades do sistema de classificadores em Enawene Nawe .....	98

## ABREVIACÕES

1SG	Primeira Pessoa do Singular
3SG	Segunda Pessoa do Singular
3SG	Terceira Pessoa do Singular
1PL	Primeira Pessoa do Plural
2PL	Segunda Pessoa do Plural
3PL	Terceira Pessoa do Plural
ASSOC	Associativo
C	Consoante
COL	Coletivo
CLF	Classificador
COM	Comitativo
CONJ	Conjunção
DEM	Demonstrativo
DET	Determinante
EMPH	Ênfase
FEM	Feminino
INT	Interrogativo
LOC	Locativo
MASC	Masculino
N.POSS	Não possuído
NOM.PROP	Nome Próprio
NMLZ	Nominalizador
NUM	Numeral
O	Objeto
PAS	Passado
PL	Plural
POSS	Possuído
POST	Posposição
PRES	Presente
SG	Singular
V	Vogal

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
1.1 O povo Enawene Nawe .....	15
1.2 Perfil linguístico e escrita do Enawene Nawe.....	19
1.3 Filiação Genética.....	22
1.4 Estudos Prévios .....	23
1.5 Objetivos e justificativa.....	24
1.6 Metodologia.....	25
1.7 Estrutura da Dissertação .....	29
2. Posse Nominal .....	30
2.2 A posse em línguas humanas.....	30
2.2.1 Posse Inalienável .....	32
2.2.1.1 <i>O caso dos termos de parentesco em Enawene Nawe</i> .....	36
2.2.2 Posse Alienável.....	39
2.2.3 Nomes não possuídos .....	46
2.3 Conclusões.....	49
3. Número .....	52
3.1 Marcação de número nas línguas do mundo .....	52
3.2 Pluralidade nominal em Línguas Aruák .....	56
3.3 Pluralidade na língua Enawene Nawe .....	58
3.4 Conclusões.....	63
4. Classificação Nominal .....	64
4.1 Os sistemas de classificação nominal.....	64
4.2 Gênero gramatical .....	67
4.2.1 Gênero Gramatical em Enawene Nawe .....	67
4.2.1.1 <i>Concordância/Marcação múltipla</i> .....	68
4.2.1.2 <i>Obrigatoriedade</i> .....	72

4.2.1.3 <i>Flexibilidade na classificação e tipo de classificação</i> .....	74
4.2.1.5 <i>Contribuição Semântica</i> .....	78
4.2.1.6 <i>Função semântica</i> .....	78
4.3 Classificadores.....	82
4.3.1 Classificadores em Enawene Nawe .....	83
4.3.1.1 <i>Marcação Múltipla/Única</i> .....	90
4.3.1.2 <i>Obrigatoriedade</i> .....	93
4.3.1.3 <i>Flexibilidade na classificação e tipo de marcação</i> .....	93
4.3.1.4 <i>Locus operandi e Contribuição semântica</i> .....	95
4.3.1.5 <i>Funções semântica e discursiva</i> .....	96
4.4 Conclusões.....	99
5. Considerações finais .....	102
Referências Bibliográficas.....	104
Anexo – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	110

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo preliminar das categorias nominais na língua Enawene Nawe (Aruák). A análise e descrição apresentadas focam nas categorias de posse, número, classificadores e gênero, tendo por finalidade contribuir com o conhecimento de uma língua que pouco figura na literatura sobre línguas indígenas. Neste capítulo introdutório, são discorridas algumas informações sobre o povo e a língua Enawene Nawe; a literatura existente sobre a língua; a justificativa para realização desta pesquisa; os objetivos que nortearam o trabalho e a metodologia utilizada. Ao final, será apresentada a estrutura da dissertação.

### 1.1 O povo Enawene Nawe

As primeiras informações sobre o povo Enawene Nawe datam do início do século XX, em 1909, e foram fornecidas por indígenas *Waimare* da etnia Paresi ao Marechal Rondon durante a “construção das primeiras linhas teleféricas na Amazônia” (Silva, 2012, p. 6). Bussatto *et al.* (1995 *apud* Corrêa, 2015, p. 32) afirmam que, entre as décadas de quarenta e sessenta, grupos de seringueiros que exploravam áreas mais ao norte do estado do Mato Grosso relatavam encontrar vestígios de um povo não identificado que construía barragens com troncos de árvores nos braços de rios da região.

O primeiro contato com o povo ocorreu em meados dos anos setenta, mais precisamente em 28 de julho de 1974, quando os representantes da Missão Anchieta Padre Thomaz de Aquino Lisboa e o missionário Vicente Cañas (chamado pelo povo de Kwixi) encontraram-se com indígenas Enawene Nawe (Lisboa, 1985, p. 18). Em uma das narrativas registradas no projeto de documentação da língua Enawene Nawe sobre os primeiros contatos, encontradas no arquivo da língua no *Endangered Languages Archive* (ELAR, 2018), um dos indígenas que estava presente nesse primeiro encontro com o *inoti* ‘não indígena’ relatou:

Primeiro eu fiz roça e depois fui pescar. Eu pescava matrinxã, pescava no fim da tarde quando escutei barulho de motor. – “Ah! *Inoti!* O *inoti* está vindo” – Meu tio velhinho teve medo quando encontrou o *inoti* [...] eu chorei muito! [...] Eles deram dois (machados) para mim [...] deu para os Enawene Nawe, mas nem todo mundo ganhou, então ficaram bravos. Eles disseram que da próxima vez iriam repartir e todos iriam ganhar; vão dar anzol e foice. Assim chegou o *inoti* para os Enawene Nawe<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> “*hitati notowene, hitalati notowene. Namerataha. hoxikia nalolokwa namerataha erakoxi nasemene humumumum (barulho de motor) ikianaweta nalolokwa hoxikia – “inoti! Ah! ah inoti ainia!” kokoli kolakalali merena hatawalali [...] notiya kaxata! [...] ikianawe iya nowane [...] Enawene Nawe owana maiha talokwa wala, inola Enawene Nawe. ohitama holikionia talokokwa Enawene Nawe, maratihi hokotako iyene. Holidema takoita inoti Enawene Nawe owana.*” - Ver seção 1.2 para esclarecimentos sobre a escrita alfabética do Enawene Nawe.

Lisboa (1985, p. 19) conta que, logo em suas primeiras observações, os missionários notaram o formato das casas, a existência de uma casa de flautas no centro da aldeia e “o sotaque”, deduzindo assim que se tratava de um povo Aruák. Por conta disso, ao retornarem à aldeia pela segunda vez, foram acompanhados de indígenas Paresi que, como relatou o missionário, conseguiam entender minimamente a língua dos Enawene Nawe.

Os Enawene Nawe foram por muitos anos chamados pelos povos vizinhos ao seu território e conhecidos na literatura como povo *Salumã*. Lisboa (1985) admite que essa denominação, usada pelos missionários por nove anos, foi equivocada. *Salumã* é, na verdade, o nome de um dos muitos rituais realizados pelos Enawene Nawe durante o ano. A autodenominação do povo faz referência à palavra pessoas/povo: *Enawene* ‘pessoa/ser humano’, *Nawe* ‘marca de plural/coletivo’.

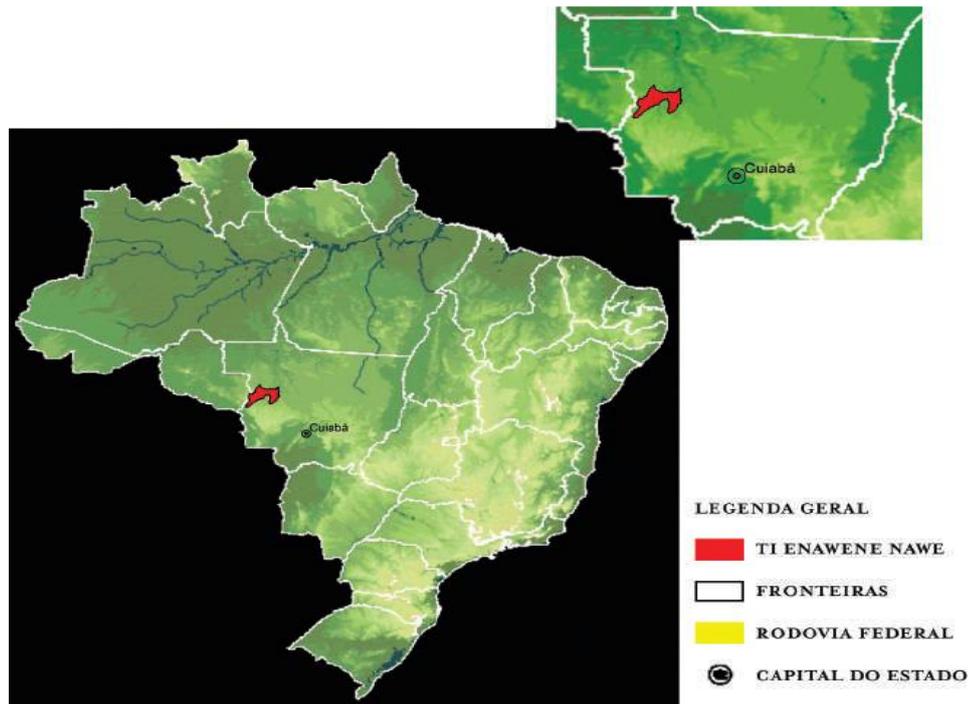
Os Enawene Nawe relatam que, em tempos mais longínquos, o povo era bastante numeroso e se espalhava por grandes e diversos aldeamentos que ocupavam um território que abrangia toda a extensão do Rio Juruena (IPHAN, 2018, p. 19). Já os relatos um pouco mais atuais, que datam da época dos primeiros contatos, mencionam o costume de existirem pelo menos duas aldeias (Cañas, 1983, p. 298). Mas desde 1984 o povo Enawene Nawe tem residido em uma única aldeia<sup>2</sup> dentro da Terra Indígena (TI) localizada a noroeste do estado do Mato Grosso, região centro-oeste do território brasileiro (Lima-Rodgers, 2014). A TI dos Enawene Nawe fica próximo à divisa com o estado de Rondônia, em uma zona de transição entre os biomas de cerrado e floresta Amazônica; possui 742.088 hectares e está localizada no Vale do Juruena, perpassando por três municípios: Comodoro, Juína e Sapezal, todos no estado do Mato Grosso. (IPHAN, 2018). Ao redor do território Enawene Nawe estão os povos Nambiquara, Myky, Rikbaktsa e Cinta Larga.

Abaixo está um mapa que mostra a localização da TI dos Enawene Nawe no estado do Mato Grosso.

---

<sup>2</sup> Em 2020, por conta de questões internas, um grupo de pessoas abriu uma segunda aldeia, denominada *Kolinakwa*. No entanto, já em 2022 o povo voltou a residir em apenas uma comunidade dentro da TI.

**Figura 1:** Mapa da Localização da TI Enawene Nawe.



Fonte: Brito, 2014 *apud* IPHAN, 2018.

Todas as aldeias dos Enawene Nawe se caracterizam pelas casas organizadas uma ao lado das outras, formando um grande círculo. Um pouco mais à frente das casas, em direção ao centro do pátio da aldeia, é construída a *Yaõkwa hakolone* ‘casa de *Yaõkwa* ou casa de flautas’, instrumentos sagrados utilizados em diversos rituais. A aldeia mais recente dos Enawene Nawe recebe dois nomes: *Dolowikwa* e *Kotakwinakwa*, um para cada lado dos agrupamentos de casas (informação recebida em comunicação pessoal com os indígenas). Assim como todas as aldeias anteriores, ela está localizada às margens de afluentes do Rio Juruena.

A imagem a seguir é a visão aérea da aldeia atual em que reside o povo Enawene Nawe, gentilmente cedida pelo autor, W. Enawene, a quem estão todos os direitos reservados.

**Figura 2:** Imagem aérea da aldeia Dolowikwa/Kotakwinakwa



**Fonte:** W. Enawene, 2022

O povo se encontra dividido em nove clãs: *Anihiare*, *Aweresese*, *Kaholase*, *Kailore*, *Kawekwarese*, *Kawinariri*, *Lolahese*, *Mairoete* e *Maolokori*. Sobre os clãs, Jakubaszko (2006) comenta que, para os Enawene Nawe, essas subdivisões são uma maneira de manter viva a origem de seus antepassados:

Cada clã - *Yaōkwa* - tem um lugar demarcado no território, uma origem que remonta a um passado muito remoto e conjuga grupos de pessoas, espíritos, paisagens, recursos, saberes e instrumentos musicais. Os Enawene contam que sua sociedade é resultado de um longo trajeto histórico que gradativamente foi incorporando pessoas e saberes de remanescentes de outros grupos que são considerados o vínculo de ancestralidade que integra os Enawene Nawe.

(Jakubaszko, 2006, p. 20).

Em relação a população Enawene Nawe, os números variam a depender da fonte. Os dados oficiais disponíveis até a realização desta pesquisa ainda estimam que o povo Enawene Nawe tenha uma média de 600 a 700 pessoas: o Instituto Socioambiental (ISA) estima a população em 737 indivíduos, enquanto o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) aponta o número de 627 (Brandão e Reis, 2022, p. 2)<sup>3</sup>. No entanto, em viagem a campo desde 2018, Brandão (2023, comunicação pessoal) observou que a realidade é outra, e estimou de forma não oficial que a população Enawene Nawe provavelmente já ultrapassou esses números. Até a escrita deste trabalho, o último censo do IBGE ainda não divulgou as estimativas da população Enawene Nawe em 2022.

<sup>3</sup> Os dados do ISA são baseados em pesquisas da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), e datam do ano de 2014. Já os dados do IBGE que estão disponíveis ainda são referentes ao censo de 2010 (Brandão e Reis, 2022, p.2).

Todos os Enawene Nawe são falantes da língua indígena e majoritariamente monolíngues (crianças, idosos e a maioria das mulheres falam somente a língua materna). No entanto, com as idas dos Enawene Nawe às cidades próximas a TI se tornando mais frequentes, a criação das escolas e a presença cada vez maior de não indígenas dentro da comunidade, a parcela da população que fala ou compreende o português é crescente (sendo composta, em sua maioria, por homens mais jovens).

## 1.2 Perfil linguístico e escrita do Enawene Nawe

A língua Enawene Nawe pertence à família linguística Aruák e, como todas as línguas dessa família, possui características aglutinativas e polissintéticas, apresentando uma variedade de morfemas que podem ser afixados a base e ter variação alomórfica. É uma língua de núcleo final, sendo OV a ordem mais recorrente (1). Os pronomes pessoais podem ocorrer como afixos ou formas livres (2ab). Os verbos recebem marca de aspecto, mas não de tempo, como também vemos em (1). Apenas a terceira pessoa objeto é sufixada (3), todas as outras se ligam aos verbos como prefixos (Rezende, 2003, p. 17).

- (1) *watataxihi anina*  
 watataxihi    ani-na  
 pipoca            comer-IMPERF  
 ‘(Ele) está comendo pipoca’ (História de Kaywe)

- (2) a. *hakolo nihatetama*  
 hakolo n-ihateta-ma  
 casa    1SG-contar-REP  
 ‘Eu vou contar as casas de novo’ (Hotaketi)

- b. *erenaha Owali Kamike kakwa*  
 erenaha            Owali            Kamike            kakwa  
 3PL                NOM.PROP        NOM.PROP        COM  
 ‘Eles são Owali e Kami’ (História de Kamike)

- (3) *hitati notowene, hitalati notowene*  
 hitati                no-tow-**ene**,            hitalati            no-tow-**ene**  
 primeiro        1SG-fazer-3SG.O        roça                1SG-fazer-3SG.O  
 ‘Primeiro eu fiz, fiz roça’ (História dos primeiros contatos)

Quanto ao inventário fonológico, Rezende (2003) aponta que o Enawene Nawe possui treze fonemas consonantais que ocorrem em seis pontos de articulação, como pode ser visto no quadro abaixo.

**Quadro 1:** Inventário fonológico dos segmentos consonantais em Enawene Nawe

	<b>Bilabial</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Alveolo-palatal</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>	<b>Glotal</b>
<b>Oclusiva</b>		t d			k	
<b>Nasal</b>	m	n		ɲ		
<b>Tepe</b>		r				
<b>Fricativa</b>		s	ʃ			h
<b>Aproximante</b>	w			j		
<b>Aproximante lateral</b>		l				

Fonte: Rezende, 2003

Em relação aos segmentos vocálicos, Rezende (2003) afirma que a língua apresenta quatro vogais, com algumas ocorrências de alofonia em ambientes específicos. É o caso da vogal anterior alta não-arredondada não-tensa [ɪ] que ocorre como alofone de /i/; a posterior alta arredondada não-tensa [ʊ], alofone de /o/; e a central baixa não-arredondada não-tensa [ə], variante do fonema vocálico /a/. Todas essas alofonias normalmente ocorrem em posição átona final. Em Enawene Nawe, qualquer uma das vogais pode ser nasalizada em ambientes que antecedem consoantes nasais ou quando em posição contígua à consoante glotal /h/. Abaixo, o quadro do inventário fonológico das vogais em Enawene Nawe (Rezende, 2003).

**Quadro 2:** Inventário fonológico dos segmentos vocálicos em Enawene Nawe

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Posterior</b>
<b>Alta</b>	i		
<b>Média</b>	e		o
<b>Baixa</b>		a	

Fonte: Rezende, 2003

Quanto a estrutura silábica, Rezende (2003, p. 133-134) identificou o padrão (C)V(V), com o núcleo vocálico podendo ser constituído de uma vogal oral ou nasal. Os

fonemas consonantais podem ocorrer em início de sílaba, mas não na posição final. Nesse sentido, todas as sílabas da língua são abertas. Abaixo seguem alguns exemplos das estruturas silábicas em Enawene Nawe que autora destaca:

## (4) V

- |               |                  |
|---------------|------------------|
| a) [a.ko.'la] | ‘escorpião’      |
| b) [o.'lo]    | ‘dinheiro’       |
| c) [e.'õ.li]  | ‘pele’           |
| d) [ha.nu.'ĩ] | ‘namorada/noiva’ |

## (5) VV

- |             |            |
|-------------|------------|
| a) [uj.'ta] | ‘capivara’ |
| b) [‘uj]    | ‘cobra’    |
| c) [‘ju]    | ‘seco’     |

## (6) CV

- |                   |         |
|-------------------|---------|
| a) [ha.ko.lo.'ne] | ‘casa’  |
| b) [wi.'ju]       | ‘nós’   |
| c) [a.ko.'te]     | ‘muito’ |

Segundo a autora, o núcleo silábico do padrão CVV pode ser formado “por vogais longas, quando foneticamente idênticas, ou por ditongos orais ou nasais” (Rezende, 2003, p. 134), como visto abaixo:

## (7) CVV

- |                |                      |
|----------------|----------------------|
| a) [a. ni:.ni] | ‘ele/a comeu’        |
| b) [a.'hu]     | ‘amargo, não cozido’ |
| c) [haj.'ta]   | ‘já’                 |

Em relação a escrita alfabética da língua, mesmo depois de alguns estudos sobre o tema, os Enawene Nawe ainda não possuem um sistema de escrita fixo. Ao longo dos anos, foram feitas diversas tentativas para estabelecer uma escrita alfabética, cuja dificuldade se explica, dentre outros fatores, pelas muitas variações fonológicas da língua (Rezende, 2003; Zorthêa, 2006).

Utilizamos neste trabalho a convenção estabelecida entre os falantes, que são os responsáveis pelas transcrições apresentadas ao longo deste trabalho. Essa convenção é apresentada em Rezende (2003, p. 22), possuindo um total de dezoito letras alfabéticas: **a, d, e,**

**h, i, k, kw, l, m, n, ñ, o, r, s, t, w, x, y.** Abaixo, é apresentado um quadro retirado de Rezende (2003), baseado nos trabalhos da própria autora e nos estudos de Zorthêa (1998).

**Quadro 3:** Correspondências entre escrita, fonética e fonologia em Enawene Nawe

<b>Símbolo alfabético</b>	<b>Escrita</b>	<b>Representação Fonética</b>	<b>Representação Fonológica</b>	<b>Glosa</b>
<b>a</b>	<halata>	[ha.la.'ta]	/halata/	‘Pente’
<b>d</b>	<dete>	[de.'te]	/dete/	‘Fedorento’
<b>e</b>	<kase>	[ka.'se]	/kase/	‘Perna’
<b>h</b>	<atahõ>	[a.ta.'ho]	/ataho/	‘Borduna’
<b>I</b>	<xixi>	[ʃi.ʃ'i]	/ʃiʃi/	‘Beiju’
<b>k</b>	<kolote>	[ko.lo.'te]	/kolote/	‘Bolsa’
<b>kw</b>	<makwa>	[ma.'kwa]	/makwa/	‘Menarca’
<b>l</b>	<dalihi>	[da.li.'hi]	/dalihi/	‘Lacraia’
<b>m</b>	<mamalo>	[ma.ma.'lo]	/mamalo/	‘Mãe’
<b>n</b>	<nato>	[na.'to]	/nato/	‘Eu’
<b>ñ</b>	<tiñolaiti>	[ti.no.laj.'ti]	/tipolaiti/	‘Sangue’
<b>o</b>	<ohiro>	[o.hi.'ro]	/ahiro/	‘Mulher’
<b>r</b>	<mairo>	[maj.'ro]	/mairo/	‘Caju’
<b>S</b>	<sori>	[ 'so.li] ~ [ 'so.ri]	/sori/	‘Esperar’
<b>T</b>	<tekwa>	[te.'kwa]	/tekwa/	‘Fugir’
<b>W</b>	<olawa>	[o.law.'wa]	/olawa/	‘Tucum’
<b>Y</b>	<yaya>	[jaj.'ja]	/jaja/	‘Irmão (ã) mais velho(a)’

Fonte: Rezende (2003) e Zorthêa (1998)

### 1.3 Filiação Genética

Ao propor uma classificação interna para as línguas Aruá com base apenas no critério de localização geográfica dos povos Paresi e Enawene Nawe, Aikhenvald (1999) alocou as duas línguas em subgrupos distintos, diferentemente do que os estudos mais recentes afirmam. Assim, o Paresi faria parte do subgrupo ao qual a autora chamou Paresi-Saraveka; já o Enawene Nawe estaria incluído no subgrupo Aruák do Sul, junto com línguas como Bauré e Terena.

Comumente, se leva em consideração o critério geográfico quando o conhecimento linguístico acerca de uma língua ainda não é suficiente para classificá-la (como era o caso do Enawene Nawe à época da publicação do trabalho de Aikhenvald, 1999). Por esse motivo, é preciso ter em mente a limitação desse critério (Duchowny *et al*, 2012).

Desta forma, agregando o critério de localização geográfica desses povos com as observações dos missionários sobre a inteligibilidade mútua entre falantes de Enawene Nawe e Paresi, Fabre (2005) realizou uma proposta de classificação dessas duas línguas, agrupando-as juntamente com o extinto Saraveka em um único ramo ao qual chamou *Mato-grossense*.

Alguns anos mais tarde, Brandão e Facundes (2007) buscaram entender a relação entre as línguas Paresi e Enawene Nawe. A análise realizada por eles tinha como objetivo verificar a proporção de cognatos compartilhados entre Enawene Nawe, Paresi e outras línguas Aruák com base em uma lista de 203 étimos reconstruídos para a protolíngua por Payne (1991). Com isso, Brandão e Facundes encontraram um total de setenta e seis cognatos que, para os autores, aponta uma proximidade genética entre Paresi e Enawene Nawe.

Brandão, Carvalho e Pereira (2018) também afirmam ter uma relação genética muito próxima entre Enawene Nawe e Paresi, a ponto apresentam a hipótese de que essas duas línguas seriam codialeto de uma língua ancestral. Os autores, assim como Brandão e Carvalho (2022) classificam as línguas Enawene Nawe e Paresi como parte de um agrupamento chamado de *Juruena*, apontando que essas línguas seriam originadas de uma mesma língua mãe compartilhada exclusivamente por elas.

#### 1.4 Estudos Prévios

A língua Enawene Nawe ainda possui uma descrição muito incipiente. Grande parte dos trabalhos acadêmicos produzidos ao longo dos anos são de cunho antropológico, sendo um dos primeiros o já mencionado texto de Lisboa (1985) sobre os primeiros contatos. Entre os mais recentes estão as dissertações de Jakubazko (2003) e Corrêa (2015), ambas sobre o percurso histórico do povo Enawene Nawe; e as teses de Silva (2012) e Lima-Rodgers (2014). Esses dois últimos trabalhos realizaram, respectivamente, a análise da organização social do povo e a documentação do principal ritual dos Enawene Nawe, o *Iyaōkwa*.

Durante o fim da década de oitenta e o início da década de noventa, antropólogos e linguistas fizeram algumas tentativas de elaboração de uma grafia da língua. Ente 1989 e 1991, a Operação Amazônia Nativa (OPAN) fez “um levantamento de vocabulário básico” para elaboração de um sistema de escrita provisório do Enawene Nawe (Rezende, 2003, p.22).

Os primeiros estudos com foco específico na língua começaram a ser produzidos somente no início dos anos 2000, sendo realizados por Rezende (2003, 2013). O primeiro trabalho trata-se de uma dissertação que descreve a fonética e fonologia da língua, e o segundo uma tese que apresenta a descrição morfossintática do Enawene Nawe. A tese, no entanto, nunca esteve disponível para a comunidade acadêmica ou mesmo para os próprios falantes, não sendo possível saber ao certo se ela realmente chegou a ser concluída. O contato com a autora também não foi possível.

Em 2005, uma proposta de documentação da língua Enawene Nawe também coordenada pela linguista Ubiray Rezende recebeu o financiamento do *Endangered Language Documentation Program* (ELDP). O projeto intitulado “Gramática de esboços, textos e dicionário de Enawene Nawe (Aruák, Brasil)” não chegou a ser concluído, e dele não há disponível qualquer registro de dados (Brandão e Zezokiware, 2018).

A partir do ano de 2018, uma nova iniciativa de documentação da língua Enawene Nawe foi financiada pelo ELDP. Por meio da Universidade Federal do Pará e com coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Brandão, o “Projeto de Documentação da Língua Enawene Nawe” teve como objetivo, a partir de uma demanda dos membros da comunidade, a documentação de histórias tradicionais dos Enawene Nawe, entre elas o conto da criação e os relatos dos primeiros contatos do povo com o *inoti* ‘não indígena’.

Esse projeto resultou em novos e mais recentes trabalhos sobre o Enawene Nawe: um estudo histórico-comparativo preliminar entre o Enawene Nawe e o Paresi, realizado por Pereira (2018); e trabalhos sobre os sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe por Brandão & Reis (2018); Brandão & Reis (2020); Reis (2020); Brandão & Reis (2022). Uma boa parte desses estudos foram realizados pela autora desta pesquisa em colaboração com a coordenadora do projeto.

## 1.5 Objetivos e justificativa

O objetivo inicial deste trabalho focava na classificação nominal em Enawene Nawe, a fim de realizar uma descrição mais detalhada das categorias encontradas na língua. O interesse pela realização desta pesquisa surgiu do trabalho que a autora vem realizando desde a graduação em Letras, quando foi bolsista de iniciação científica da Universidade Federal do Pará. Entre os anos de 2018 e 2020, foi iniciada uma análise e descrição preliminar da categoria de gênero em Enawene Nawe. No início de 2021, essa análise foi expandida para abranger também o sistema de classificadores.

Muitos questionamentos surgiram a partir dos trabalhos realizados nesse período, o que motivou o interesse em continuar e expandir a pesquisa sobre a classificação nominal, agora para o nível de uma dissertação de mestrado acadêmico.

Ainda hoje o Enawene Nawe se encontra entre um número grande de línguas indígenas brasileiras que não apresentam nenhuma ou pouca descrição científica relevante, algo que configura, entre outros fatores, o Enawene Nawe como uma língua ameaçada (MOORE et al., 2008, p. 40). Assim, a realização deste trabalho se faz extremamente relevante para contribuir com a documentação e descrição da língua e, principalmente, com o avanço do conhecimento científico sobre ela.

No entanto, o tema que inicialmente foi planejado para ser desenvolvido nesse trabalho precisou ser mudado, como veremos mais a fundo na seção sobre a metodologia. Como os dados não eram significativos para aprofundar em uma única categoria, e considerando que ainda não se tinha tanto conhecimento sobre a classe de nomes do Enawene Nawe, a escolha por fazer uma mudança no tema e apresentar uma descrição mais geral de outras categorias nominais se justifica.

Dito isso, este trabalho passa a objetivar não só a realização de uma análise e descrição dos sistemas de classificadores e das marcas de gênero, como também descrever a categoria de posse nominal na língua, e entender como é realizada a marcação de número nos nomes em Enawene Nawe.

## 1.6 Metodologia

Cotini-Morava e Kilarsk (2013, p. 286) defendem que é preciso que haja avanço na discussão das funções dos sistemas de classificação, e para isso, é de extrema importância que as análises utilizem uma variedade de textos naturais de fala espontânea e “ricos em contexto”. No entanto, Passer (2016) reconhece a dificuldade dessa empreitada. De acordo com o autor, os estudos realizados sobre o tema são, em sua maioria, voltados para uma descrição das propriedades formais desses sistemas, e não funcionais, com muito mais descrição que análise, devido justamente à escassez de dados espontâneos para muitas línguas.

Nossa metodologia inicial focava na coleta de dados espontâneos para assim apresentar uma análise e descrição mais completa das categorias de classificação nominal em Enawene Nawe. Entretanto, desde o início deste trabalho, encontramos muita dificuldade em compor uma amostra significativa de dados espontâneos que possibilitasse uma descrição mais

detalhada das categorias de gênero e classificadores nominais. Na realidade, mesmo a coleta de dados elicitados foi bastante desafiadora.

Em julho de 2022, a equipe do projeto de documentação da língua Enawene Nawe, do qual a autora desta pesquisa faz parte, realizou uma viagem de campo para o estado do Mato Grosso. A intenção era de trabalhar com os falantes alguns textos previamente gravados, revisando a tradução e transcrição de algumas histórias tradicionais. Junto a isso, se esperava também realizar a coleta de novos dados, elicitados e, principalmente, espontâneos para a esta dissertação.

No entanto, ao chegar na cidade de Vilhena-RO, localidade mais próxima da entrada da Terra Indígena e bastante frequentada pelos Enawene Nawe, os pesquisadores foram informados de que não seria um bom momento para entrar na TI, pois naquela ocasião o povo estava lidando com algumas questões e conflitos internos. Com isso, a equipe precisou alterar os planos, passando a realizar as atividades na cidade e com apenas três falantes.

Além disso, a duração da viagem, que inicialmente seria de quatro semanas, precisou ser encurtada devido ao desconforto dos falantes em passarem muito tempo na cidade. Assim, os trabalhos foram realizados em duas semanas, o que dificultou a realização da coleta e fez com que a metodologia precisasse ser adaptada.

Uma estratégia de coletar dados mais espontâneos surgiu a partir da utilização de estímulos visuais. Foi utilizado o método de *story builder*, que consiste na criação de histórias a partir do uso de imagens que facilitam a narração criativa e a descrição de personagens, estimulando o máximo possível a fala natural. Nesse método, os falantes usam cartões que contém personagens e ações; eles escolhem os cartões que irão usar e os colocam em ordem para que possam narrar a história usando suas próprias palavras. A metodologia do uso de cartões de *story builder* foi feita com base em Sardinha (2011), sendo parte do programa de Sistemas Cognitivos da Universidade de British Columbia, e podem ser encontrados no site <http://www.story-builder.ca>.

**Figura 3:** Falantes Enawene Nawe utilizando o método *Story Builder*



O trabalho com falantes que possuem um nível intermediário de compreensão da língua portuguesa pode ser desafiador. Mesmo que nossos colaboradores compreendessem bem o português, ainda assim era difícil fazer com que compreendessem o que estávamos pedindo. Muitas vezes, era perceptível que davam respostas genéricas e diferentes do que pediam as perguntas do questionário (talvez pelo cansaço ou impaciência pela incompreensão). Nesse sentido, o uso dos cartões para criação de história possibilitou que a coleta fosse mais facilmente compreendida pelos colaboradores, assim como sendo mais interativo e divertido: em vários momentos eles expressaram que tinham gostado dessa atividade.

Com o método do *story builder*, conseguimos gravar, transcrever e traduzir duas histórias contadas por dois dos falantes que auxiliaram os trabalhos em Vilhena. Com elas conseguimos informações das categorias nominais descritas nesta pesquisa, além de dados lexicais que foram inseridos no banco de dados da língua Enawene Nawe.

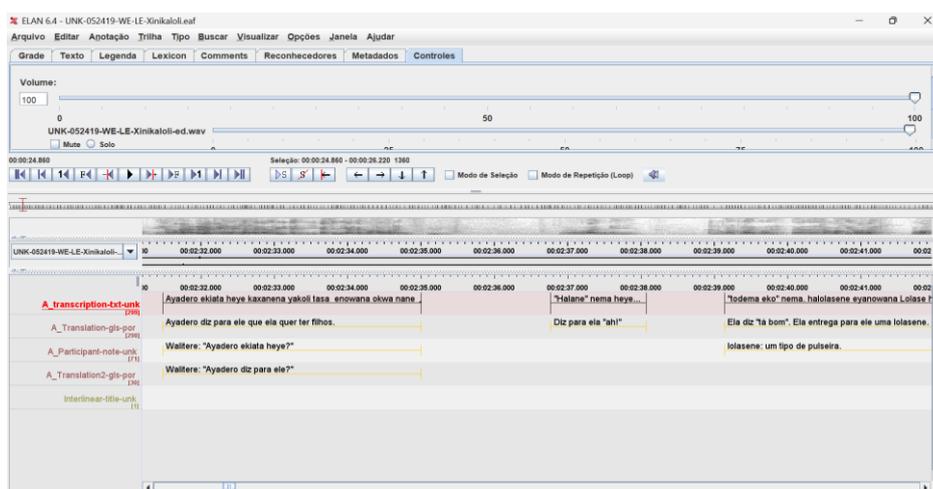
Além desses textos, também foram realizadas a transcrição e tradução de textos de histórias tradicionais do povo Enawene Nawe gravados em viagens a campo anteriores. No entanto, como esse é um trabalho mais demorado e que necessita cuidado, não foram muitos os textos que se conseguiu traduzir e transcrever de forma satisfatória.

Dente modo, por conta do curto período, o foco precisou ser maior nos dados elicitados e no julgamento de gramaticalidade, com alguns questionários produzidos anteriormente à viagem de campo sendo aplicados. Esses questionários continham frases em português e abarcavam nomes de diversos campos semânticos que, num primeiro momento, os falantes deveriam traduzir para Enawene Nawe. Depois dessa atividade, com base nas traduções feitas pelos falantes, os dados eram checados e perguntas eram feitas sobre possíveis

construções, para checar se elas seriam gramaticais ou não na língua indígena. A comunicação por *WhatsApp* também foi uma ferramenta utilizada durante a análise dos dados.

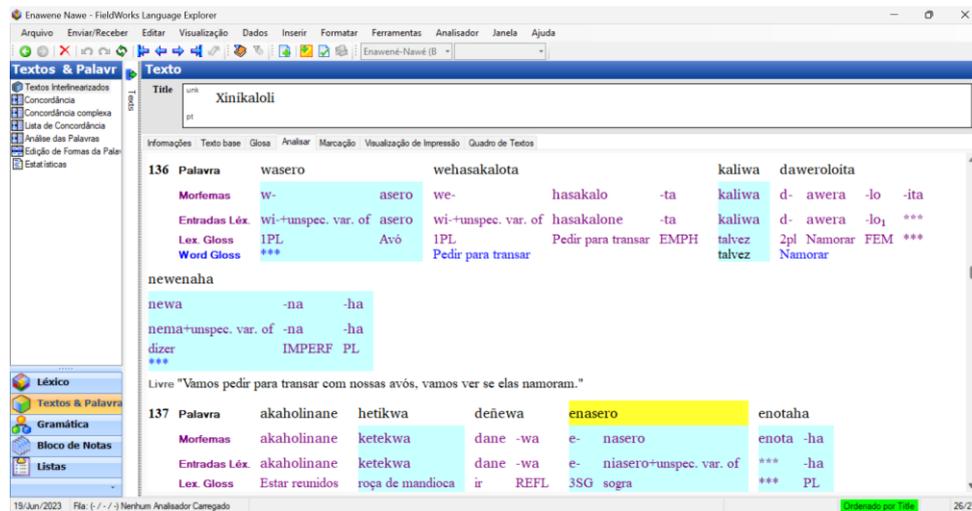
Todos os dados foram tratados inicialmente no software computacional ELAN, programa específico para realização de transcrições e traduções de áudio e vídeos. Nele foram realizadas as transcrições e traduções dos textos e questionários utilizados nesta pesquisa. Os próprios falantes, com o auxílio da autora, realizaram essa tarefa. A escolha dessa ferramenta se deu pelo fato de os falantes já estarem mais familiarizados com seu uso, pois desde o início do projeto de documentação da língua Enawene Nawe, eles receberam treinamento para utilização do ELAN. Além disso, e como é possível ver na imagem a seguir, a interface do programa permite uma melhor visualização das correspondências entre áudio, transcrição e tradução, o que facilita ainda mais o trabalho dos falantes.

**Figura 4:** Interface ELAN



Após a realização da tradução e transcrição, os textos foram convertidos em arquivos FLEx, podendo assim serem exportados para outro software, o *FieldWorks Language Explorer* (FLEx), programa para análise de léxico e texto, e criação de dicionários. O uso do FLEx possibilitou a interlinearização das narrativas, fazendo com que a análise dos aspectos morfossintáticos analisados neste trabalho ocorresse de forma mais detalhada. Abaixo uma imagem da interface do Flex destinada a textos interlinearizados.

**Figura 5:** Interface de textos do programa FLEx



## 1.7 Estrutura da Dissertação

Além deste capítulo introdutório, este trabalho está estruturado em outras quatro partes. No capítulo dois, apresentamos uma descrição e análise dos aspectos morfossintáticos da categoria de posse nominal em Enawene Nawe; já no capítulo três, é descrita a categoria de número nominal na língua; no capítulo quatro, focamos nas categorias de classificação nominal em Enawene Nawe. Por fim, uma última seção contém uma breve revisão dos pontos do trabalho e as considerações finais.

## 2. Posse Nominal

Neste capítulo, são abordados o conceito de posse nominal e os principais subtipos semânticos da categoria encontrados nas línguas do mundo. Os trabalhos utilizados como base para esta pesquisa foram Seiler (1983), Chappell e McGregor (1989; 1996), Heine (2001), Stassen (2009), Aikhenvald (2013), Freitas (2017), além dos estudos de Payne (1991) e Aikhenvald (1999; 2020) sobre línguas da família Aruák. Assim, nos apoiando nesses textos, apresentamos a descrição de aspectos morfológicos da categoria de posse nominal em Enawene Nawe.

### 2.2 A posse em línguas humanas

Apesar das diferenças na extensão da codificação da categoria de posse, os estudos tipológicos sobre o tema apresentam evidências contundentes de que este seja um conceito encontrado em todas as sociedades de que se tem conhecimento (Stassen, 2009; Heine, 2001), sendo fundamental não somente para as línguas humanas, como também para a vida humana como um todo (Seiler, 1983).

Para Aikhenvald (2013, p. 1), a natureza do possuidor, do possuído e da relação entre as entidades presentes nas relações possessivas são a base de uma gama de variações entre as línguas do mundo; e ainda que as estruturas linguísticas das construções de posse sejam diferentes entre as línguas humanas, pode-se afirmar que este seja um traço universal da categoria de nomes.

Como um conceito semântico, a categoria de posse equivale a uma relação que envolve as entidades cognitivas de um possuidor e um item possuído. Essa é, segundo Stassen (2009), a característica mais “neutra e menos controversa” da posse, que envolve uma relação assimétrica de *pertencimento*. Segundo o autor, qualquer leigo pode identificar um caso “real” de posse em que uma das entidades, o possuído, pertence a outra entidade, o possuidor. Vemos isso em sentenças possessivas do português como *Maria tem uma bicicleta*, ou *Pedro tem um carro*. Outro conceito da categoria de posse engloba ainda a noção locativa, isto é, além de o item possuído X estar em uma relação de pertencimento com o possuidor Y, essas entidades também compartilham o mesmo espaço e, por conta disso, estariam em *contato*.

Por conta dessa relação hierárquica em que a noção de controle do possuidor sobre o possuído está presente, Stassen (2009, p. 12) considera que o primeiro apresentaria prototipicamente o traço [+humano], ou pelo menos de [+animado]. Isso se vale pelo fato de apenas humanos poderem exercer controle sobre outros seres. O autor então resume um caso

prototípico de posse como sendo aquele que apresenta uma relação entre um possuidor e um possuído, de forma que a) o possuidor e o possuído estejam em algum tipo de relação locacional relativamente duradoura; e b) o possuidor, apresentando tipicamente o traço [+humano], exerce controle sobre o possuído (Stassen, 2009, p.15).

No entanto, Freitas (2017) afirma que, mesmo o que se considera como um caso prototípico de posse não é o que unicamente corresponde a essa esta categoria e suas mais diversas configurações nas línguas humanas. Segundo Aikhenvald (2013, p. 3), o que os gramáticos chamam de *construções possessivas* cobre uma gama de significados como: a) propriedade, do inglês *ownership*; b) relações de parte-todo, que incluem partes do corpo e partes de plantas; e c) relações de parentesco do tipo consanguínea como de pais e filhos, ou outros tipos de relações familiares como aquelas formadas por casamento.

Há línguas que usam o mesmo tipo de construção para indicar cada um dos tipos mencionados acima. Um exemplo é o inglês, em que *Mary's army* 'o braço de Mary', *Mary's mother* 'a mãe de Mary', e *Mary's car* 'o carro de Mary' apresentam exatamente a mesma construção nominal para indicar, respectivamente, relações de parte-todo, parentesco e propriedade. Esse é um padrão encontrado em muitas línguas indo-europeias (Aikhenvald, 2013, p. 3).

Diferentemente do inglês e outras línguas semelhantes, há aquelas que fazem distinção de construções possessivas de propriedade, relações de parte-todo e parentesco: há as que diferenciam as construções com relações de parentesco e parte todo de outros tipos de posse, ou que apresentam construções diferentes para cada um dos significados em a, b e c vistos acima (Aikhenvald, 2013, p. 3).

Assim, a literatura sobre o tema apresenta alguns subtipos semânticos do conceito de posse. Focaremos nesse trabalho nos *aspectos morfológicos* dos subtipos de posse inalienável e alienável, comuns à família linguística Aruák e encontrados na língua Enawene Nawe, que classifica seu léxico nominal em nomes obrigatoriamente e opcionalmente possuídos, além de apresentar nomes que não podem ocorrer com marcas morfológicas em construções possessivas, ao que os chamaremos de nomes não possuídos. As características tanto dos tipos de posse, quanto da posse em Enawene Nawe serão discutidas no decorrer deste capítulo.

### 2.2.1 Posse Inalienável

O primeiro subtipo semântico da categoria de posse que abordaremos é a posse *inalienável*, também encontrada na literatura sobre o tema com os nomes de posse “íntima”, “inerente”, “inseparável” ou “abnormal” (Pereira, 2016). Esse subtipo pressupõe uma relação de contato permanente e duradoura, mas difere da posse alienável (que veremos adiante) ao não pressupor o controle do possuidor sobre o possuído. Além disso, o conceito de inalienabilidade varia de uma língua para outra, já que está sujeito a fatores socioculturais (Stassen, 2009, p. 16).

Os aspectos semânticos da posse inalienável foram primeiramente registrados pelo filósofo e sociólogo francês Lucien Lévy-Bruhl em seu texto de 1914 sobre línguas da Oceania: *L'expression de la possession dans les langues melanesiennes*. Com base nessa pesquisa, o autor fez uma divisão do léxico nominal das línguas documentadas: o primeiro grupo, estariam os nomes cujos referentes possuem uma certa conexão com os falantes, seja por conta de “relações inerentes ou espaciais” (Chappell e McGregor, 1996, p. 4). A eles chamamos de *nomes inalienáveis*.

Desta forma, os nomes considerados como inalienáveis cobrem uma gama diversificada de campos semânticos. No entanto, mesmo que as línguas expressem esse subtipo de posse por meio de construções distintas, quase todas elas classificam como inalienáveis os nomes referentes a relações parte-todo (partes do corpo, partes de plantas), termos de parentesco e, mais raramente, relações sociais (Chappell e McGregor, 1989; 1996; Stassen, 2009; Aikhenvald, 2013).

Assim, a inalienabilidade pressupõe uma relação indissociável, essencial e relativamente imutável entre possuidor e possuído. Chappell e McGregor (1996, p. 4) comentam sobre as relações inalienáveis que, segundo eles são:

[...] relações sobre as quais os possuidores exercem pouca escolha ou controle: toda pessoa nasce em uma rede de parentesco, sua própria existência implica em uma mãe e um pai biológicos; e toda pessoa tem um corpo composto de partes que, no curso normal dos acontecimentos, permanecem indivisíveis do todo e que podem ser vistas em termos de dimensões espaciais imutáveis (não dêiticas), independentemente da posição da pessoa ou do ponto de referência. (Tradução minha)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “[...] relations over which possessors exercise little choice or control: every person is born into a kin network, their very existence implying a biological mother and father; and every person has a body made up of parts that in the normal course of events remain indivisible from the whole and which can be viewed in terms of unchanging (nondeictic) spatial dimensions regardless of a person's position or speaker's reference point.”

Outros nomes que, para muitos povos, são inalienavelmente possuídos são aqueles que fazem referência a alguns objetos da cultura material ou pessoais (como flauta, canoa, arco), animais de estimação e peças de roupas. De qualquer modo, um fato é que esses nomes sempre dizem respeito a referentes que têm uma ligação íntima com o possuidor, de forma tal que sem essa entidade esses nomes não podem ocorrer.

Como dito acima, a inalienabilidade é fortemente influenciada por fatores socioculturais. Em Tariana, língua pertencente à família Aruák, todos os termos de parentesco e partes do corpo são considerados inalienáveis, exceto os nomes *itfa* ‘cabelo’ e *ñapi* ‘ossos’ que podem ser opcionalmente possuídos. Essa mudança na morfologia está sendo causada pelo contato linguístico com o Tucano (Aikhenvald, 2003, p. 130).

Quanto a expressão morfossintática dessa variedade semântica de posse, Chappell e McGregor (1989, p. 26) afirmam haver dois tipos construções possessivas com nomes inalienáveis nas línguas do mundo. O primeiro deles é encontrado em línguas nas quais os nomes inalienáveis são possuídos sem *nenhuma* marca morfológica: a entidade possuída é justaposta a um referente nominal que corresponde ao possuidor. Podemos ver o primeiro tipo de construções inalienáveis em línguas como o Mandarim e o Dâw nos exemplos abaixo.

(8) Mandarim (Sino-Tibetana)

*wo de baba*  
 wǒ de<sup>5</sup> baba  
 eu ASSOC pai  
 “Meu pai”

(Kong & Hsu, 2022, p. 17)

(9) Dâw (Naduhup)

*dɔw juw*  
 dɔw juw  
 Dâw sangue  
 ‘sangue do Dâw’

(Martins, 2004)

Já o segundo tipo de construção inalienável é aquele em que o item possuído é marcado por um morfema preso que normalmente é uma referência cruzada pronominal ao possuidor. Esse tipo de construção é o que Nichols (1986, p. 59) chama de *head-marked* ou

---

<sup>5</sup> Em Mandarim, se utiliza a partícula associativa *de* para ligar dois componentes lexicais de uma construção com o intuito de formar determinadas associações semânticas, sendo a posse uma delas. O uso dessa partícula é opcional. (Kong & Hsu, 2022, p. 17; Kliffér, 1998)

núcleo marcado. As línguas Navajo e Nanai apresentam exemplos dessa construção, como vemos abaixo:

- (10) Navajo (Família Na-Dené)  
*ashkii bideezhí*  
 ashkii            bi-deezhí  
 menino            3SG-irmã.mais.nova  
 ‘A irmã mais nova do menino’  
 (Young & Morgan, 1980)

- (11) Nanai (Família Manchu-Tungus)  
*naj dilini*  
 naj                dili-ni  
 pessoa            cabeça-3SG  
 ‘A cabeça de uma pessoa’  
 (Avrorin, 1959 *apud* Nichols, 1988)

Como já mencionado, a entidade do possuidor frequentemente apresenta o traço semântico [+humano] (cf. Stassen, 2009, p. 12), ou pelo menos [+animado], já que a hierarquia nominal tende a controlar os tipos semântico que podem ocupar as posições dentro de uma construção possessiva. Assim, o conjunto de possíveis possuidores é bem mais restrito do que daqueles nomes que podem ser possuídos (Aikhenvald, 2013, p. 11).

Há em muitas línguas também a ocorrência de nomes inalienáveis sem a marca de possuidor, a qual a tipologia chama de *absolutos*. Como esses nomes são formas presas, eles necessitam receber afixos que indiquem sua forma não possuída. As línguas da família Aruák são exemplos de línguas com essa característica: o sufixo *\*-t/i* remonta desde a protolíngua e pode ser encontrado ao longo de toda a família marcando a forma absoluta dos nomes (Payne, 1991, p. 379). É o caso do morfema *-ti* encontrado em línguas como Paresi, Baniwa, Piro, ou o *-si* da língua Tariana (Aikhenvald, 2020, p. 18).

Outra língua Aruák em que é encontrado um reflexo do sufixo de não possuído da protolíngua é o Apurinã. Assim, nomes inalienáveis em Apurinã, quando em sua forma absoluta, recebem o sufixo *-txi*, como vemos nos exemplos abaixo retirados de Freitas (2017, p. 191).

- (12) a. piuki-**txi**        ‘dedo da mão’  
       nhi-piuky        ‘meu dedo da mão’  
       \*piuky

b. ukĩ-txi      ‘olho’  
 n-uky          ‘meu olho’  
 \*uky

Em Enawene Nawe, os nomes inalienáveis são formas presas de posse obrigatória, que devem sempre ocorrer com a figura de um possuidor, que pode ser formas pronominais prefixais ou independentes, ou uma outra raiz nominal. Quando o possuidor é uma outra raiz nominal, ela sempre precederá o nome possuído, como podemos ver nos exemplos em (13) e (14).

(13) *Oloho doseoko*  
 Oloho          dose-oko  
 NOM.PROP      olho-CLF.CIRCULAR  
 ‘Óculos do Oloho’ (Elicitação)

(14) *hotoli xiweri*  
 hotoli xiweri  
 rato      cabeça  
 ‘Cabeça do rato’ (*Xinikaloli*)

Como ocorre em grande parte das línguas da família Aruák, os prefixos pronominais de possuidor em Enawene Nawe compartilham as mesmas formas dos prefixos de sujeito de verbos transitivos e intransitivos, tendo alomorfia condicionada pelo início da palavra. Em construções possessivas, a terceira pessoa do singular pode ocorrer como forma independente ou prefixada, já a pessoa do plural possui somente o pronome independente. No quadro 3 são listadas as formas pronominais prefixais e independentes que podem ocorrer como possuidores do léxico nominal em Enawene Nawe.

**Quadro 4:** Prefixos pronominais de possuidor em Enawene Nawe

Pessoas	Singular		Plural	
	Nomes iniciados com vogais	Nomes iniciados com consoantes	Nomes iniciados com vogais	Nomes iniciados com consoantes
<b>1</b>	n-	no-	w-	wi-
<b>2</b>	h-	hi-	d-	di-
<b>3</b>	en-/ere	ere	erenaha	erenaha

Semanticamente, o conjunto de nomes inalienáveis em Enawene Nawe inclui partes do corpo, termos de parentesco e alguns objetos pessoais. A maioria desses nomes, quando possuídos, podem receber um dos prefixos de possuidor listados no quadro 3. Como já mencionado, esses nomes são raízes presas, o que significa que não podem ocorrer como

constituintes livres. Desta forma, quando não possuídos, essas raízes aparecem ligadas ao sufixo de não possuído *-ti*, que é reflexo do sufixo *\*-t/i* com mesma função presente no Proto-Aruák (Payne, 1991; Aikhenvald, 2020). Como veremos mais a diante, os termos de parentesco são exceção a essas regras.

No quadro 4 abaixo são listados alguns nomes de partes do corpo em suas formas possuídas e não possuídas, recebendo o sufixo *-ti*.

**Quadro 5:** Partes do corpo (não) possuídas em Enawene Nawe

<b>Forma possuída em 1SG</b>	<b>Glosa</b>	<b>Forma não possuída</b>	<b>Glosa</b>
no-xiweri	‘minha cabeça’	xiweri-ti	‘cabeça’
no-kaili	‘meu nariz’	kaili-ti	‘nariz’
no-kanase	‘minha boca’	kanase-ti	‘boca’
no-dose	‘meu olho’	dose-ti	‘olho’
no-tenehi	‘minha orelha’	tenehi-ti	‘orelha’
no-kano	‘meu braço’	kano-ti	‘braço’
no-kase	‘minha perna’	kase-ti	‘perna’
no-weseko	‘minha mão’	weseko-ti	‘mão’
no-kixi	‘meu pé’	kixi-ti	‘pé’

Em relação aos nomes de seres inanimados que são classificados como inalienáveis, estes ocorrem em menor número na língua, estando mais restritos a objetos de uso pessoal, como é o caso de roupas e adereços como colares e cocares. O quadro 5 lista alguns nomes inalienáveis de objetos em Enawene Nawe.

**Quadro 6:** Nomes de seres inanimados inalienáveis

<b>Forma possuída em 1SG</b>	<b>Glosa</b>	<b>Forma não possuída</b>	<b>Glosa</b>
no-doseoko	‘meu óculos’	doseoko-ti	‘óculos’
no-maline	‘minha roupa’	maline-ti	‘roupa’
no-kiawalanoko	‘meu bracelete’	kiawalanoko-ti	‘bracelete’
no-neta	‘meu colar’	neta-ti	‘colar’
no-dawera	‘meu cocar’	dawera-ti	‘cocar’

### 2.2.1.1 O caso dos termos de parentesco em Enawene Nawe

Em boa parte das línguas do mundo, os termos de parentesco são nomes comumente classificados como inalienáveis. Isso se dá pelo fato de a semântica desses nomes ser responsável por essa classificação (cf. Chappell e McGregor, 1996, p. 4).

Em Enawene Nawe, os termos de parentescos se mostraram um desafio de classificação quanto a posse nominal: quando possuídos, os termos de parentesco recebem somente os prefixos de possuidores, sem qualquer marca sufixal anexada a eles, o que morfológicamente impossibilita a sua classificação como nomes alienáveis. No entanto, esses nomes não podem ocorrer em suas formas não possuídas, ou seja, não recebem o sufixo *-ti*, diferentemente do resto do léxico nominal que é classificado como inalienável. Desta forma, construções como *\*erane-ti* ‘marido-N.POSS’ e *\*mamalo-ti* ‘mãe-N.POSS’ são agramaticais em Enawene Nawe. Então como classificar esses nomes?

Sapir (1917, p. 86-87) também chama a atenção para o fato de que em muitas línguas os termos de parentesco possuem comportamento distinto do resto do léxico nominal. O autor então afirma que esses casos sugerem que, juntamente com a classificação dos nomes alienáveis e inalienáveis, há de se ter uma classe independente de classificação para os termos de parentesco, que se diferem do resto dos nomes de determinadas línguas.

Esse é um comportamento encontrado em algumas línguas da família Aruák, como Mehináku, Lokono, Terena e Baniwa (cf. Miranda, 2023, p. 432-453). Segundo Aikhenvald (1999, p. 82), muitas línguas Aruák fazem distinção entre a posse de nomes para partes do corpo e termos de parentesco, no sentido de que os primeiros possuem formas não possuídas com o sufixo *\*-t/i*, enquanto os termos de parentesco não podem receber essas marcas.

Olhando para uma língua geneticamente mais próxima do Enawene Nawe, temos o exemplo da língua Paresi. Segundo Brandão (2014, p. 164-165), uma construção como *kahi-ti* ‘mão-N.POSS’ é gramaticalmente possível, mas *\*txiyityo-ti* ‘neta-N.POSS’ não é. A autora registrou por meio de elicitación alguns termos de parentesco com uma forma não possuída recebendo um sufixo diferente: *-kati*. Brandão afirma que essa forma pode ser segmentada em dois sufixos: *-ka* que, segundo a autora, não ocorre com outros nomes inalienáveis e não possui significado claro; e o sufixo de não-possuído *-ti*. No entanto, essa marca parece não ter sido registrada em contextos de fala espontânea.

Freitas (2017) descreve uma ocorrência semelhante na língua Apurinã, que também apresenta termos de parentesco que não ocorrem em sua forma não possuída. A autora afirma que o termo “obrigatoriamente possuído” não é suficiente para diferenciar os demais nomes inalienáveis em Apurinã da subclasse a qual pertencem os termos de parentesco, já que segundo ela, “ambos são obrigatoriamente possuídos” (p. 189). Freitas então propõe o termo *inalienáveis não marcados* para explicar o caso dos termos de parentesco em Apurinã, que sempre ocorrem com a presença de um possuidor, mas em suas formas absolutas não aparecem marcados pelo sufixo *-txi*.

Em nossa análise dos termos de parentesco em Enawene Nawe, decidimos continuar classificando esses nomes como *inalienáveis*. Para isso, levamos em conta tanto o aspecto semântico desses nomes, de acordo com Chappell e McGregor (1996), como também o fator morfológico que os impedem de serem classificados como alienáveis, já que o padrão para essa classe em línguas Aruák é receber sufixos possessivos, o que não ocorre com os termos de parentesco em Enawene Nawe.

Apesar de ainda serem classificados como inalienáveis, acreditamos que, assim como afirmam Freitas (2017) e Sapir (1917), os termos de parentesco em Enawene Nawe constituem uma subclasse de nomes inalienáveis que os difere dos demais, já que não podem ocorrer com o sufixo de não possuído *-ti*, o que os configura como *inalienáveis não marcados*, de acordo com a definição apresentada em Freitas (2017).

Como dito anteriormente, os termos de parentescos sempre ocorrem com seus possuidores expressos na sentença. E mesmo quando esse possuidor não é expresso por justaposição ou mesmo por um dos prefixos do quadro 3, a semântica de determinados termos dá conta dessa expressão.

É o que ocorre com alguns termos de parentesco que possuem formas diferentes quando possuídos pela primeira pessoa do singular, ocorrendo sem receber quaisquer prefixos de possuidor (15). Esses termos podem ser usados normalmente mesmo em sentenças não vocativas, como vemos em *mamalo awexinyalo* ‘minha mãe é boa’, o que contrasta com *mama*, forma vocativa para ‘mãe’<sup>6</sup>.

Há ainda os termos *neto* ‘mãe’ e *ene* ‘pai’ que sempre estão ligados aos pronomes independentes das terceiras pessoas de singular e plural, como vemos em (16). O quadro 6 ilustra termos de parentesco em suas formas possuídas na segunda pessoa do singular.

(15)	<i>mamalo</i>	‘minha mãe’
	<i>hahali</i>	‘meu pai’
	<i>yayali</i>	‘meu irmão mais velho’
	<i>yayalo</i>	‘minha irmã mais velha’
	<i>yawali</i>	‘meu irmão mais novo’
	<i>yawalo</i>	‘minha irmã mais nova’
	<i>atoli</i>	‘meu avô’

<sup>6</sup> As formas vocativas correspondem às raízes dos termos de parentesco utilizados para a primeira pessoa do singular, diferenciando das formas não vocativas por não terem as marcas de gênero. Essas forma não podem receber marcas prefixais ou sufixais de posse.

	<i>ahero</i>	‘minha avó’
	<i>kokoli</i>	‘meu tio’
	<i>kekero</i>	‘minha tia’
(16)	<i>ere neto</i>	‘mãe dele/a’
	<i>erenaha neto</i>	‘mãe deles/as’
	<i>ere ene</i>	‘pai dele/a’
	<i>erenaha ene</i>	‘pai deles/as’

**Quadro 7:** Termos de parentesco (não) possuídos em Enawene Nawe

Forma possuída em 2SG	Glosa
h-eto	‘sua mãe’
h-ihí	‘seu pai’
h-anenane	‘seu irmão mais velho’
h-inoarine	‘seu irmão mais novo’
h-ahalo	‘sua irmã mais velha’
h-inoalone	‘sua irmã mais nova’
h-etane	‘seu filho’
h-asero	‘sua avó’
h-atokwe	‘seu avô’
h-akero	‘sua tia’
hi-koke	‘seu tio’
hi-xiwete	‘seu neto’
h-erane	‘seu marido’
h-eraneto	‘sua esposa’

### 2.2.2 Posse Alienável

Outro subtipo semântico da posse é justamente a definição mais prototípica dessa categoria: a posse *alienável*, que também recebe as nomenclaturas de posse “não-íntima”, “acidental”, “adquirida”, “transferível” ou “normal” (Pereira, 2016). Neste trabalho será utilizado o termo posse *alienável*, já que este é o mais amplamente utilizado nos estudos de posse para se referir a casos canônicos da categoria.

Enquanto a inalienabilidade denota um tipo de relação inerente entre possuidor e possuído, a posse alienável diz respeito a relações mais livres entre essas entidades. Neste conceito, a ligação entre as entidades participantes não é inerente e pode ser quebrada a qualquer

momento. É estabelecida uma relação locativa e relativamente duradoura e, como já dito no início deste capítulo, há o controle do possuidor sobre o possuído, algo que só se mantém enquanto o possuidor assim desejar. Além disso, de acordo com Stassen (2009, p. 16), essa relação pode ser quebrada por outros motivos que não necessariamente envolvem a vontade do possuidor: como por exemplos perdas e roubos.

Stassen (2009) salienta que mesmo este sendo um caso prototípico da categoria, também há variações do que se considera posse alienável nas línguas do mundo, já que a posse é um conceito social fortemente influenciado pela cultura dos povos. Podemos ver nos exemplos abaixo, com construções possessivas das línguas Apurinã e Tolai, diferentes campos semânticos que comportam nomes alienáveis e diferem de uma língua para outra.

(17) (Apurinã – Aruák)

*Nuta awary nyãatare*  
 nuta awa-ry ny-ãata-re  
 eu ter-3SG.M.O 1SG-casco-POSS  
 ‘Eu tenho meu casco’

(Freitas, 2017, p. 106)

(18) (Tolai – Família Austronésia)

*kaugu vavina*  
 kau-gu vavina  
 POSS-meu/minha mulher  
 ‘Minha esposa’

(Mosel, 1984, p. 34)

Já quanto a expressão desse sentido, Chappell e McGregor (1989) afirmam que a alienabilidade é expressa por meio de diferentes tipos de construções que os autores se referem como *genitivas*. Segundo eles, a posse alienável é o tipo mais frequente na maioria das línguas, sendo comumente morfológica e sintaticamente marcada.

A marcação alienável pode ser realizada de maneiras distintas de uma língua para outra: o possuidor pode receber morfemas possessivos, como nos exemplos do Tolai vistos acima; ou classificadores possessivos, como ocorre na língua Aruák Garifuna (19). A esse tipo de construção Nichols (1986, p. 59) chama de *dependent-marked* ou dependente marcado. Há também a possibilidade de a marcação ser feita por meio de um constituinte separado, como vemos nos exemplos da língua Nilo-saariana Acholi em (20); ou ainda ligada a figura do possuído, como ocorre no Apurinã, sendo um exemplo de núcleo marcado conforme Nichols (1986).

- (19) Garifuna (Aruák)  
*níyi údereü*  
 n-úyi                      údereü  
 1SG-CLF.CARNE        peixe  
 “Meu peixe”

(Larsen-Haurholm, 2016 *apud* em Miranda, 2020a, p. 111)

- (20) Acholi (Família Nilo-saariana)  
*lok pa laconi*  
 lok                      pa        laco-ni  
 palavra                POSS    homem-DET  
 “A palavra desse homem”

(Bavin, 1996, p. 847)

Essa separação morfossintática é o que, segundo Chappell e McGregor (1989, p. 25), expressa a relação semântica alienável da construção possessiva. Assim, eles afirmam que:

O padrão comum de separação morfossintática reflete iconicamente, nós sugerimos, a relação semântica ‘alienável’ de associação não inerente entre os dois constituintes nominais, uma relação estabelecida apenas por meio da própria construção, e não necessariamente por meio de quaisquer circunstâncias do mundo real. (Tradução minha)<sup>7</sup>

(Chappell e McGregor, 1989, p. 25)

Em Enawene Nawe, os nomes alienáveis comportam uma variedade de campos semânticos e são caracterizados por serem raízes nominais livres opcionalmente possuídas; assim, quando em sua forma absoluta, ocorrem sem qualquer marca morfológica.

Quando possuídos, esses nomes recebem um dos prefixos apresentados no quadro 3 como marca de possuidor, e um sufixo possessivo adicional. A presença de um morfema possessivo na entidade do possuído é, segundo Chappell e McGregor (1989, p. 25), mais rara entre as línguas do mundo. Entretanto, esse tipo de marcação é um traço característico das línguas Aruák, sendo compartilhado pelo Enawene Nawe.

Os sufixos possessivos em Enawene Nawe, a saber *-ni~-ne* e *-li~-la*, demonstram uma alomorfa gramaticalmente condicionada, com a primeira pessoa do singular apresentando uma forma diferente das demais pessoas: o morfema *-ne* muda para *-ni* quando em primeira

<sup>7</sup> “The common pattern of morpho-syntactic separation iconically reflects, we suggest, the ‘alienable’ semantic relation of non-inherent association between the referents of the two nominal constituents, a relationship established solely through the construction itself, and not necessarily through any real-world circumstances.”

pessoa do singular; e o morfema *-la* muda para *-li* no mesmo contexto. Abaixo, o quadro 7 lista o paradigma dos sufixos possessivos em Enawene Nawe.

**Quadro 8:** Uso dos sufixos possessivos *-ni~-ne* e *-li~-la* em Enawene Nawe

Possuidor		<i>haira</i> ‘bola’	<i>katoliyaka</i> ‘compra’
1SG	no-	no-haira- <b>ni</b>	no-katoliyaka- <b>li</b>
2SG	hi-	hi-haira- <b>ne</b>	hi-katoliyaka- <b>la</b>
3SG	ere	ere haira- <b>ne</b>	ere katoliyaka- <b>la</b>
1PL	wi-	wi-haira- <b>ne</b>	wi-katoliyaka- <b>la</b>
2PL	di-	di-haira- <b>ne</b>	di-katoliyaka- <b>la</b>
3PL	erenaha	erenaha haira- <b>ne</b>	erenaha katoliyaka- <b>la</b>

As marcas de possuído encontradas ao longo da família linguística Aruák são relativamente estáveis e remontam dos sufixos possessivos da protolíngua descritos por Payne (1991): *\*-ne*, *\*-te*, *\*-re*, *\*-i/e*, e *\*-na* *\*-ne* e *\*-∅*. Segundo o autor, *\*-ne* é o mais comum entre as línguas da família e, no caso do Enawene Nawe, é o reflexo mais claro dos sufixos possessivos do Proto-Aruák.

Segundo Aikhenvald (2020, p. 19), a escolha desses morfemas em línguas Aruák pode ser parcialmente motivada pela semântica dos nomes, com alguns sufixos sendo utilizados com animados, outros com artefatos pessoais e demais inanimados, e assim por diante. Em Enawene Nawe, além da pessoa do possuidor condicionar a escolha entre *-ni~-ne* e *-li~-la*, não observamos qualquer influência do significado do nome que possa determinar, ainda que minimamente, qual dos sufixos será utilizado.

Nomes de animados não humanos em Enawene Nawe não recebem marcas morfológicas de posse<sup>8</sup>. Uma parcela pequena de nomes com referentes humanos, como profissões e/ou cargos de liderança podem ser alienavelmente possuídos. Desta forma, todo o restante de nomes que recebem marcação de posse inalienável na língua Enawene Nawe é de inanimados que fazem parte dos mais variados campos semânticos, desde objetos pessoais e de uso diário, entre outros.

Foi observado que a maioria desses nomes recebem *-ni~-ne*, sendo os sufixos mais produtivos na língua. Esses nomes incluem profissões/cargos (21), objetos de uso cotidiano (22), alguns objetos pessoais (23), para se referir a casa (24), e empréstimos do português (25).

- (21) *nodaratalini*  
no-daratali-ni  
1SG-professor-POSS

<sup>8</sup> Cf. seção 2.2.3

‘Meu professor’ (Elicitação)

- (22) *ere noxine*  
 ere noxi-ne  
 3SG pilão-POSS  
 ‘O pilão dele/dela’ (Elicitação)
- (23) *hihalatane*  
 hi-halata-ne  
 2SG-pente-POSS  
 ‘Seu pente’ (Elicitação)
- (24) *ere dehakolone*  
 ere de-hakolo-ne  
 DEM 2PL-casa-POSS  
 ‘Essa é a casa de vocês’ (*Hotaketi*)
- (25) *nocelulani*  
 no-celula-ni  
 1SG-celular-POSS  
 ‘Meu celular’ (Elicitação)

Já os nomes que recebem os alomorfes *-li~-la* ocorrem com menor frequência. Nesses casos também não há indício de algum condicionamento fonológico que possa explicar a escolha desses sufixos, já que eles aparecem nos mesmos contextos em que *-ni~-ne* podem ocorrer. Além disso, nomes que fazem parte dos mesmos campos semânticos vistos acima podem receber *-li~-la*, o que não aponta nenhum padrão semântico para a escolha dessas marcas, como vemos abaixo.

- (26) *Dodokiene, enaolila enako*  
 Dodokiene en-aoli-la enako  
 NOM.PROP 3SG-cacique-POSS LOC  
 ‘Dodokiene, cacique dele (na casa)’ (*Hotaketi*)
- (27) *nohetali nawekwana*  
 no-heta-li n-awe-kwa-na  
 1SG-roça-POSS 1SG-limpo-CLF.PLANO-IMPERF  
 ‘Eu limpei minha roça’
- (28) *ere dotakola*  
 ere dotako-la  
 3SG armadilha-POSS  
 ‘Armadilha dele/a’ (Elicitação)

- (29) *nokaoli*  
 no-kao-li  
 1SG-carro-POSS  
 ‘Meu carro’ (Elicitação)

Apesar de escassos, encontramos em nosso *corpus* um terceiro par de sufixos possessivos em Enawene Nawe: *-ri~-ra*. Esses morfemas têm baixa produtividade na língua, mas assim como *-ni~-ne* e *-li~-la*, apresentam alomorfia condicionada pela pessoa do possuidor, com *-ri* marcando a primeira pessoa do singular, e *-ra*, as demais.

Trabalhamos com a hipótese de que essa possa ser uma alofonia dos sufixos *-li~-la*, já que conforme registrado por Rezende (2003), ao fazer uma descrição preliminar da fonética e fonologia do Enawene Nawe, a variação entre [l] e [ɾ] é encontrada com bastante frequência na língua. Mesmo que não tenha aprofundado a análise, a autora indica que essa poderia ser uma variação geracional, já que, segundo ela, os dados de falantes mais jovens comumente apresentam o uso da aproximante lateral, enquanto o uso do tepe alveolar está mais presente na fala de adultos mais velhos e idosos.

Apesar da ocorrência de *-ri~-ra* ser bastante escassa em nossos dados, esses sufixos foram registrados tanto na fala de falantes jovens, quanto dos mais velhos. No entanto, seria necessária uma análise mais aprofundada para confirmar ou descartar a hipótese de variação geracional desses dois fonemas.

Observamos então, que os sufixos *-ri~-ra* não ocorrem nos mesmos contextos morfofonológicos em que encontramos *-li~-la*. O que nos faz levantar a hipótese de que a realização de [l] e [ɾ] sejam um caso de distribuição complementar condicionada pela fonologia, em que a realização de um desses alomorfes em determinados contextos exclui o outro.

Desta forma, a realização dos sufixos possessivos *-ri~-ra* ocorre em uma parcela limitada de nomes em Enawene Nawe sem qualquer padrão semântico; no entanto o contexto em que eles ocorrem é sempre diante da vogal anterior semifechada não arredondada [e], como é possível ver nos exemplos abaixo. E nesse contexto, os morfemas *-li~-la* (e, por consequência, *-ni~-ne*) não podem ocorrer. Desta forma, construções como *\*no-taotase-li* (1SG-faca-POSS) *\*hi-taotase-la* (2SG-faca-POSS) são agramaticais.

- (30) [hone'ra]  
*honeranowa*  
 h-one-ra                      n-owa  
 2SG-água-poss                1SG-pegar

‘Peguei sua água’ (Elicitação – Falante mais jovem)

- (31) [noʃɪfase'ri]  
*noxixaseri*  
 no-xixase-ri  
 1SG-copo-POSS  
 ‘Meu copo’ (Elicitação – Falante mais velho)

Tipologicamente, segundo Ladefoged e Maddieson (1996, p.243), a alternância entre [l] e [r] encontrada em muitas línguas do mundo está geralmente ligada ao “ambiente vocálico” em que essas consoantes ocorrem. Segundo os autores, vogais posteriores parecem estar predispostas à produção das laterais, enquanto as anteriores produzem variantes róticas. Essa variação é vista em outras línguas Aruák, dentre elas o Yine em que, segundo Carvalho (2021, p. 63), a variação ente [l] e [r] nos sufixos remonta ao \**r* do Proto-Purus, sendo também condicionada pela vogal precedente.

Como o foco deste trabalho não é a descrição fonética do Enawene Nawe, essas são apenas hipóteses levantadas para tentar explicar a realização dos sufixos possessivos em nomes alienáveis na língua Enawene Nawe. Muito ainda precisa ser descrito e aprofundado em trabalhos futuros. Abaixo são listados os nomes encontrados em nosso banco de dados que recebem os sufixos possessivos *-ri~-ra*.

**Quadro 9:** Nomes que recebem os sufixos *-ri~-ra*

<b>Forma não possuída</b>	<b>Glosa</b>	<b>Forma básica possuída</b>
<i>taotase</i>	‘faca’	taotase-ri, -ra
<i>salise</i>	‘pedrinha’	salise-ri, -ra
<i>kohase</i>	‘no sentido de pesca, não o animal’	kohase-ri, -ra
<i>one</i>	‘água’	one-ri, -ra
<i>konete</i>	‘saia’	konete-ri, -ra
<i>xixase</i>	‘copo’	xixase-ri, -ra
<i>kowatairose</i>	‘feijão’	kowatairose-ri, -ra
<i>heyote</i>	‘terreno’	heyote-ri. -ra

A posse alienável na língua Enawene Nawe, assim como com nomes inalienáveis vistos anteriormente, também pode ser feita com a justaposição do possuidor como item lexical e do item possuído, que é marcado apenas com o sufixo possessivo, como vemos nos exemplos abaixo.

- (32) *ere Kawali hakolone kanene xewitama Kayoweta hakolone.*  
 ere Kawali hakolo-ne kanene xewitama  
 DEM NOM.PROP casa-POSS CONJ próximo  
 Kayoweta hakolo-ne.  
 NOM.PROP casa-POSS  
 ‘Essa é a casa do Kawali e a próxima é a casa de Kayoweta’ (*Hotaketi*)
- (33) *Walitere kaola*  
 Walitere kao-la  
 NOM.PROP carro-POSS  
 ‘O carro do Walitere’ (Elicitação)

Além disso, em dados coletados por meio de elicitação, encontramos nomes inalienáveis ocorrendo com o sufixo *-ti* ao mesmo tempo em recebem os sufixos de posse alienável. Os exemplos abaixo mostram um processo de derivação a partir da forma não possuída de nomes para partes do corpo em Enawene Nawe.

- (34) kase-ti  
 perna-N.POSS
- dekasetine keya*  
 de-kaseti-ne keya  
 2PL-calça-POSS sujo  
 ‘A calça de vocês está suja’ (Elicitação)
- (35) tinihi-ti  
 orelha-N.POSS
- hitinihiokola*  
 hi-tinihiti-oko-la  
 2SG-brinco-CLF.CIRCULAR-POSS  
 ‘Seu brinco’

A seguir serão apresentados os nomes que não podem receber qualquer marca morfológica de posse, também encontrados em Enawene Nawe.

### 2.2.3 Nomes não possuídos

Muitas línguas do mundo possuem nomes que, gramaticalmente, não podem receber qualquer marca de posse, seja de forma alienável ou inalienável (Pereira, 2016). Comumente, esse subtipo inclui diversos campos semânticos que, como esperado, são diferentes de uma língua para outra.



1SG-criação-POSS                      cachorro                      estar.doente-MASC-IMPERF  
 ‘Meu cachorro está doente’ (lit. Minha criação de cachorro está doente)

- (38) *wihola kola*  
 wi-hol-**a**                      kola  
 1PL-criação-POSS              arara.vermelha  
 ‘Nossa arara’ (lit. Nossa criação de arara)

Como vemos nos exemplos, a raiz para ‘criação’ também apresenta variação a depender da pessoa do possuidor, recebendo um sufixo possessivo *-i* quando coocorre com os prefixos *-n~-no* de primeira pessoa do singular. Essa ocorrência é semelhante ao que Brandão (2014) descreveu no Paresi, em que nomes possuídos pela primeira pessoa do singular recebem o sufixo de concordância *-i*. Aikhenvald (2020) considera essa propriedade como sendo inovadora do Paresi, já que não é vista em outras línguas Aruák.

Em Paresi, Brandão afirma que nomes inalienáveis, posposições e alguns verbos estativos recebem esse sufixo possessivo. Já nos dados que temos do Enawene Nawe, esse sufixo ocorre somente com a raiz *hol-*, não sendo observada nenhuma ocorrência em outras partes do léxico da língua.

Outra diferença entre Paresi e Enawene Nawe é que, em Enawene Nawe, a raiz *hol-* recebe outro sufixo quando possuída pelas demais pessoas: *-a*, semelhantemente ao que foi visto nos outros sufixos possessivos anteriormente.

- (39) *noholi kotaiyali*  
 no-hol-**i**                      kotaiyali  
 1SG-criação-POSS              anu.branco  
 ‘Meu anu branco’ (lit. Minha criação de anu branco)

- (40) *ere hola ixinise tekwa*  
 ere    hol-**a**                      ixini-se                      takwa  
 3SG   criação-POSS   onça-CLF.PEQUENO.ALONGADO    fugir  
 ‘O gato dele/dela fugiu’ (lit. A criação de gato dele fugiu)

Durante o processo de coleta de dados, utilizando a metodologia do julgamento de gramaticalidade, os falantes disseram que construções como as listadas nos exemplos abaixo são possíveis na língua Enawene Nawe. No entanto, a semântica dessas construções é diferente: nomes de animados não humanos recebem marcas morfológicas de posse alienável quando esses animais são considerados produtos de caças.

- (41) *noxoxokwakoni*  
 no-xoxokwaako-ni  
 1SG-macaco-POSS  
 ‘Meu macaco’ (Elicitação)
- (42) *hikohasera*  
 hi-kohase-ra  
 2SG-peixe-POSS  
 ‘Seu peixe’ (Elicitação)

Deste modo, o macaco a que se referem em contextos como o de (41) não é um macaco que pertence ao falante pelo fato de criá-lo ou considerá-lo como animal de estimação, mas sim um macaco que foi caçado; o mesmo vale para o peixe em (42), que seria o produto de uma pescaria.

### 2.3 Conclusões

Neste capítulo, foram descritos os aspectos morfológicos dos subtipos de posse presentes na língua Enawene Nawe com base no que a literatura especializada fala sobre este tema. Aikhenvald (1999; 2020) afirma que as línguas da família Aruák como um todo distinguem os nomes em obrigatoriamente e opcionalmente possuídos, além de apresentarem uma parcela pequena de nomes que não podem ser possuídos. Assim como o padrão da família a qual pertence, o Enawene Nawe divide seu léxico nominal em nomes inalienáveis, alienáveis e não possuídos. Aikhenvald afirma ainda que há algumas línguas da família que apresentam uma distinção entre alguns nomes inalienáveis, principalmente termos de parentesco, algo também descrito no Enawene Nawe, em que esses nomes possuem um comportamento distinto.

Desta forma, os nomes inalienáveis correspondem a formas presas de posse obrigatória que, quando o possuidor não é especificado, recebem o sufixo *-ti* como marca de não-possuído. Esse sufixo é reflexo do morfema *\*-t/i* de mesma função, que está presente ao longo da família Aruák e que remonta desde a protolíngua (Payne, 1991; Aikhenvald, 2020). Cognatos desse sufixo podem ser encontrados em línguas como Paresi (*-ti*), Baniwa (*-ti*), Piro (*-ti*).

Dentro do grupo de nomes inalienáveis em Enawene Nawe, foi descrita uma subclasse em que estão os termos de parentesco. Esses nomes só podem ocorrer com a presença de um possuidor, com impossibilidade de serem expressos por meio de uma forma não possuída com o sufixo *-ti*. Esse tipo de ocorrência é visto em algumas línguas Aruák, como o Paresi (Aikhenvald, 1999; 2020; Brandão, 2014). Decidimos então, chamar a essa subclasse de nomes

inalienáveis de *inalienáveis não marcados*, conceito de Freitas (2017) que descreve caso semelhante em outra língua Aruák, o Apurinã. Uma outra característica desses nomes em Enawene Nawe é que eles apresentam formas específicas para a primeira pessoa do singular, não podendo receber prefixos de possuidor; além de outras formas se somente ocorrem como a terceira pessoa do singular.

Quanto aos prefixos pronominais de possuidor em Enawene Nawe, eles são semelhantes às marcas de sujeitos de verbos transitivos e intransitivos, o que está de acordo com o que Payne (1991, p. 376) afirma ser padrão para línguas Aruák. Esses morfemas são semelhantes àqueles encontrados ao longo da família Aruák, principalmente o Paresi, língua geneticamente mais próxima do Enawene Nawe (cf. Brandão, 2014, p. 163). A diferença encontrada está na terceira pessoa de singular e plural, que se apresentam como formas pronominais independentes quando possuidores.

Alguns estudos tipológicos entre Paresi e Enawene vem sendo realizados nos últimos anos; deste modo, esta descrição se faz significativa para futuros trabalhos comparativos. No quadro abaixo são apresentadas as formas prefixais de possuidor nas duas línguas. Os dados do Paresi são retirados de Brandão (2014).

**Quadro 10:** Comparação dos prefixos de possuidor em Enawene Nawe e Paresi

Prefixos de Possuidor em Enawene Nawe		Prefixos de Possuidor em Paresi		
	Nomes terminados em vogal	Nomes terminados em consoantes	Nomes terminados em vogal	Nomes terminados em consoante
<b>1SG</b>	n-	no-	n-	no-
<b>2SG</b>	h-	hi-	h-	h-
<b>3SG</b>	en-/ere	ere	en-/in-, ene-/ini-	e-/i-
<b>1PL</b>	w-	wi-	w-	wi-
<b>2PL</b>	d-	di-	x-	xi-
<b>3PL</b>	erenaha	erenaha	en-/in-, ene-/ini-	e-/i-

Quanto aos alienáveis, esses são nomes de posse opcional e correspondem a raízes livres, já que suas formas não possuídas podem ocorrer sem qualquer marca morfológica. Já quando possuídos a estrutura comum é PREFIXO PESSOAL-NOME-SUFIXO POSSESSIVO, de acordo com o padrão tipológico das línguas Aruák (Miranda, 2023, p. 466). Foram descritos três pares de sufixos possessivos na língua: *-ni~-ne*, *-li~-la* e *-ri~-ra*.

A posse alienável (assim como a inalienável) também pode ocorrer por meio de justaposição de duas raízes nominais, com o nome possuidor precedendo o nome possuído que, se alienável, recebe também um sufixo possessivo.

Apesar de não haver qualquer condicionamento semântico para a escolha desses morfemas, como é comum para as línguas Aruák, os sufixos possessivos são condicionados pela pessoa do possuidor: *-ni*, *-li* e *-ri* marcando a primeira pessoa do singular, e *-ne*, *-la* e *-ra* para as demais.

Um ponto observado é que os sufixos *-li~-la* e *-ri~-ra* podem estar ocorrendo em distribuição complementar condicionada pela fonologia, já que os nossos dados mostram que os morfemas *-ri~-ra* ocorrem somente com nomes cuja raiz termina em [e]; e nesses contextos, o uso de *-li~-la* é agramatical.

Já o grupo de nomes aos quais chamamos de não possuídos compõem a parte do léxico nominal em Enawene Nawe que não pode receber qualquer marca morfológica de posse; esses nomes comportam elementos naturais, prenomes e nomes de lugares, como as aldeias do povo Enawene Nawe. Dentro da classe de nomes não possuídos, estão os nomes de animais que, para ocorrerem em construções possessivas, sempre devem aparecer justapostos à raiz nominal *hol-* ‘criação’. Essa raiz recebe o sufixo *-i* de concordância de primeira pessoa do singular, e *-a* quando possuída pelas demais pessoas.

A presença desses sufixos e, principalmente, de *-i* é outra semelhança entre Enawene Nawe e Paresi. Brandão (2014) descreve a existência de um sufixo semelhante que ocorre com nomes inalienáveis. Em Enawene Nawe, nossos dados mostram que somente a raiz *hol-* recebe esses morfemas, mas estudos futuros serão necessários para aprofundar essa questão, que não é comum à família Aruák, sendo inovadora em Paresi e Enawene Nawe.

### 3. Número

Neste capítulo são abordados alguns conceitos teóricos sobre a categoria de número nominal, com foco especial a pluralidade. Utilizamos como base teórica os textos de Corbett (2000, 2012), Dryer (2013), Haspelmath (2013) para apresentar algumas características gerais da categoria de número nas línguas do mundo. Além disso, foram consultados alguns trabalhos tipológicos sobre as línguas Aruák, como Payne (1991) e Aikhenvald (1999; 2020). Com essa bibliografia, buscamos realizar, ainda que de forma preliminar, a descrição da categoria de número na língua Enawene Nawe.

#### 3.1 Marcação de número nas línguas do mundo

A categoria de número em línguas humanas pode apresentar características distintas. Em relação a marcação de número nominal, que é o foco deste capítulo, Corbett (2000) afirma que esta é a parte da categoria de nomes em que é encontrada a maior variedade. Segundo o autor, a distinção mais comum é feita por meio da distinção entre singular e plural; entretanto, há tipos de oposição de número que o autor identifica como mais complexas, como a marcação dual para duas entidades, trial para três, e paucal para quantidades pequenas. Além disso, a marcação de número pode nem mesmo ser obrigatoriamente expressa nos nomes, havendo casos em que alguns nominais são obrigatoriamente marcados no sistema de número, enquanto os outros não podem ser; há também casos em que alguns nominais são opcionalmente marcados, e outros não (Corbett, 2000, p. 70).

Dentre as diversas codificações dos sistemas de número nominal encontrados nas línguas naturais, a forma mais comum e primária apresenta a distinção entre singular e plural, sendo o plural a referência a mais de uma entidade no mundo real. Geralmente a forma não marcada indica o singular (Corbett, 2000).

Quanto ao plural, Dryer (2013) afirma que há duas formas utilizadas para a expressão desse significado nas línguas do mundo: a) por meio da mudança morfológica do nome por meio de um afixo flexional adicionado à base singular, como em português *casa/casas* (sendo essa a mais comum); e b) por meio de uma palavra independente que pode ocorrer em qualquer posição do sintagma nominal, modificando o nome sem estar ligada a ele, como no exemplo abaixo da língua havaiana, em que a palavra plural *mau* tem a mesma função do sufixo -s em português.

## (43) Havaiano – Família Austronésia

*elua au mau ia*  
 elua au **mau** ia  
 dois meu PL peixe  
 ‘Meus dois peixes’

(Elbert and Pukui, 1979)

Para compreender como a marcação do plural é realizada entre as línguas do mundo, Dryer (2013) analisou uma amostra de 1066 línguas distribuídas entre cinco continentes. O autor encontrou nove diferentes ocorrências de plural dentro das duas formas em que essa propriedade é expressa. Dentre essas nove diferentes ocorrências, mais da metade se realizam por meio da mudança na morfologia dos nomes. A expressão de pluralidade mais frequente nas línguas analisadas é por meio da sufixação de morfemas de número, que corresponde a mais de 48% da amostra.

Outra característica da categoria de número nominal é o fato de que alguns sistemas podem apresentar uma marcação não obrigatória. Desta forma, línguas nas quais a categoria de número é “menos dominante, o significado do nome pode ser expresso normalmente sem qualquer referência ao número” (Corbett, 2000, p. 10). A essa ocorrência Corbett chama de *general number*, em tradução livre ‘número geral’. Com isso, o autor quer dizer que o significado é expresso fora do sistema de número.

Como exemplo da ocorrência do *general number* está o Bayso, uma língua Cuxítica da família Camito-Semítica “com algumas centenas de falantes no Sul da Etiópia” (Corbett, 2000, p.10). Em Bayso, há certas formas nominais que representam o significado geral, isto é, não fazem nenhuma referência ao número. Um exemplo é a palavra *lúban*, nome para o animal leão, que não faz qualquer tipo de sugestão sobre a quantidade de entidades: ao usar essa forma nominal, o falante pode tanto estar se referindo a somente um leão, quanto a mais de um, o que faz com que o contexto seja levado em conta para a interpretação. Vemos um uso de *lúban* no exemplo abaixo, retirado de Corbett (2000, p.10).

## (44) luban foofe

luban foofe  
 leão.geral assitir.1sg

Literalmente: ‘Eu assisti leão’ (pode ser apenas um, ou mais leões)

Línguas como o Bayso, que expressam o *general number* por meio de uma única forma são mais raras, segundo Corbett (2000). Para o autor, é mais comum que as línguas expressem a ideia do *general number* por meio de formas que normalmente são utilizadas para

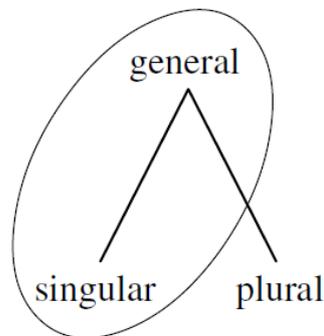
outros significados da categoria de número. Assim, em línguas nas quais se realiza a distinção de singular e plural (que são o nosso foco nesse capítulo), o *general number* pode ser expresso de duas formas: ao combinar esse significado com o singular, ou com a forma plural (Corbett, 2000, p. 14).

A primeira delas (sobre a qual discutiremos aqui) combina, como dito acima, o significado geral de número com o singular. Desta forma, tanto o significado do *general number*, quanto o do singular são expressos por meio de uma única forma (Corbett, 2000, p. 14). Esse caso é encontrado no Japonês e visto no exemplo abaixo, em que o nome *inu* ‘cachorro’ pode ser utilizado sem que haja qualquer especificação de número; em oposição a isso, existe a forma plural *inu-tati* ‘cachorros’, utilizada para deixar claro que se trata de mais de uma entidade.

- (45) *Kooen ni wa inu ga iru rasii*  
 Kooen        ni        wa        **inu**                                ga        iru        rasii  
 parque        em        TOPIC cachorro/cachorros    SUJ    estar    parece  
 “Parece que há um cachorro/uns cachorros no parque.”  
 (Corbett, 2000, p. 14):

Corbett (2000, p. 15) afirma que, em línguas que apresentam o *general number*, a distinção de número é feita “quando importa, e não automaticamente como em línguas iguais ao inglês” (Tradução minha)<sup>9</sup>. Desta forma, o autor ilustra os tipos de sistemas de marcação de número nominal que se caracterizam pela oposição de *general number*/singular versus plural da seguinte maneira:

**Figura 6:** Sistema General number/Singular versus Plural



(Corbett, 2000, p.14)

<sup>9</sup> “But in such languages, the distinction is made ‘when it matters’ and not automatically, as in languages like English”.

Quanto à maneira como a distinção é feita, o autor diz que há variações: como a possibilidade de se fazer uso de numerais e artigos, ou ter essa distinção condicionada pela importância do significado de número para o nome em questão. Essa importância, pontua Corbett, também varia de uma língua para outra, e pode considerar se o nome está topicalizado ou não, se é a primeira menção a ele no discurso, se o referente é humano ou inanimado, etc (Corbett, 2000, p. 14).

Mesmo que em muitas línguas seja dito que a categoria nominal de número é obrigatória, nem todos os nomes são marcados, havendo nomes que não se encaixam na distinção de número, sendo comumente chamados de nominais *não contáveis* (Corbett, 2012). Mas mesmo para nominais contáveis, o tipo de sistema ilustrado acima recai sobre a não obrigatoriedade da marcação de número. Esse tipo de línguas não é incomum, como mostra Haspelmath (2013). Segundo o autor, a ocorrência da marcação morfológica de número nominal varia de acordo com os parâmetros de obrigatoriedade e animacidade (que se divide em +Humano e -Humano).

Segundo Haspelmath (2013), entende-se por obrigatoriedade da marcação de plural o fato de que, sempre que há intenção de se fazer referência ao significado de plural, ele deve ser usado. Por isso ele salienta que a ocorrência analisada diz respeito à marcação, não sobre a ocorrência de significado. Desta forma, a não ocorrência de marcação de plural não significa que apenas o significado singular é expresso na língua, mas que uma forma não marcada com o número nominal pode ser usada tanto para um único referente quanto para um grupo de referentes.

Dito isto, a propriedade de obrigatoriedade da marcação de plural diz respeito a não ocorrência da marcação, a ocorrência obrigatória, ou a marcação morfológica da pluralidade que se apresenta de forma opcional (Haspelmath, 2013). O autor, então, chega a seguinte codificação da ocorrência de pluralidade nas línguas do mundo:

**Quadro 11:** Ocorrência da pluralidade

<b>Valores</b>	<b>Número de línguas</b>
Sem número nominal	28
Plural apenas em nomes para humanos, opcional	20
Plural apenas em nomes para humanos, obrigatório	40
Plural em todos os nomes, sempre opcional	55
Plural em todos os nomes, opcional em inanimados	15
Plural em todos os nomes, sempre obrigatório	133

(Haspelmath, 2013)

Em relação à animacidade, Haspelmath (2013) afirma que esse parâmetro (mais especificamente a *hierarquia* que ele apresenta) aparenta ser o fator que mais tem influência na obrigatoriedade da marcação de número. O autor se apoia em Corbett (2000) que, por sua vez, baseia-se na teoria de Smith-Stark (1974) sobre a hierarquia nominal da pluralidade. Para Haspelmath (2013), a explicação para qual é exatamente o papel da animacidade na marcação do plural parece estar no fato de que a distinção entre uma e mais de uma entidade é mais relevante quando se trata de seres animados (principalmente aqueles com traço +Humano) do que os inanimados.

No entanto, apesar da generalização de que nomes para seres humanos sejam mais propensos a obrigatoriedade da marcação de número do que nomes para não humanos (principalmente inanimados), para Haspelmath (2013) há exceções. Com isso, o autor apresenta outras três possibilidades: a) plural somente em nomes para inanimados, obrigatório; b) plural em nomes inanimados, opcional; e c) plural em todos os nomes, opcional nos animados humanos. Para além desses três padrões, não foram atestados casos em que a marcação de plural ocorresse mais com inanimados do que com nomes para humanos.

### 3.2 Pluralidade nominal em Línguas Aruák

Um traço comum entre as línguas Aruák é o fato de que todas elas apresentam a distinção entre singular e plural (Aikhenvald, 1999; 2020). No entanto, o número nominal é ainda uma categoria muito pouco explorada nos estudos descritivos e analíticos das línguas que compõem a família; e mesmos os estudos tipológicos como os de Payne (1991), Aikhenvald (1999) e Miranda (2023), pouco ou nada falam sobre a marcação de número nominal.

Mesmo que a presença da distinção entre singular e plural seja encontrada ao longo de toda família Aruák, a marcação de número não é obrigatória em nomes ou sintagmas nominais (Aikhenvald, 1999; 2020). Além disso, essa é uma categoria que segue a hierarquia de animacidade sobre a qual falamos na seção anterior: é mais provável que a marcação explícita de número ocorra com referentes animados, principalmente aqueles com traço [+humano], do que com inanimados (Aikhenvald, 2020, p. 20).

Segundo Aikhenvald (2020), a marcação do singular ocorre de forma não marcadas. Já quanto aos morfemas de plural, a autora afirma que essas marcas são bastante uniformes ao longo da família Aruák, sendo reflexos daquelas que remontam da protolíngua e desempenhavam a mesma função. Mesmo no Proto-Aruák as marcas de plural diferenciavam a

animacidade dos referentes: os afixos *\*-na*, *\*-ni* e *\*-nai* marcavam o plural de animados humanos; já *\*-pe* marcava o significado de plural em animados não humanos e inanimados.

Boa parte das línguas Aruák apresentam dois ou mais afixos que separam animados (principalmente humanos) de inanimados no que diz respeito a marcação de plural. É o caso do Baré. Os morfemas *-ñu~nu* marcam o plural de nomes com referentes humanos e alguns animados não humanos: *khiña-nu* (pessoa-PL) ‘pessoas’; *kwati-ñu* (onça-PL) ‘onças’; esses morfemas também podem ter o significado de coletivo, e.g. *sujudawa-nu* (soldado-PL) ‘grupo de soldados’; *habia-nu* (porco-PL) ‘grupo de porcos’. Já para os inanimados e nomes relacionados a animais, o Baré faz uso do morfema *-be*: *ada-be* (árvore- PL) ‘árvores’; *nu-biya-be* (1SG-animal.doméstico-PL) ‘meus animais domésticos’ (Aikhenvald, 1995, p. 18-19).

Taylor (1976) descreve o plural nominal na língua Arawak (hoje chamada Lokono). O autor afirma que o significado de plural pode ser expresso por variados sufixos, dos quais ele destaca como sendo os principais *-no* (e seus alomorfes *-non* e *-o*) para seres humanos (46a), além de *-be* para inanimados e animados não humanos (46b) e *-kho* que, segundo o autor, indica coletivo (46c).

- (46) a) *loko-no* (pessoa-PL) ‘pessoas, povo’  
*dinhi-non* (tio-PL) ‘tios’  
*hebethi-o* (homem.velho-PL) ‘velhos’
- b) *áda-be* (árvore-PL) ‘árvores’  
*anoána-be* (abutre- PL) ‘abutres’
- c) *ibíro-kho* (pequeno-COL) ‘gêmeos’  
*téete-kho* (mãe-COL) ‘mães’ (Em referência à própria mãe e às tias)
- (Taylor, 1976, p. 371-372)

Entretanto, não é incomum línguas em que uma única marca morfológica de plural é usada para animados e inanimados. Segundo Hanson (2010), a língua Piro apresenta o sistema *general number/singular versus plural*, sendo o primeiro não marcado para número, e o plural marcado por um único sufixo: *-ne*. A marcação de plural é somente obrigatória para seres humanos e, mesmo em outros contextos, o plural é mais uma vez condicionado pelo parâmetro de animacidade do referente, pois segundo a autora, “quanto mais animado for o referente, é mais provável que ele receba a marcação de número”, (Hanson, 2010, p. 128. Tradução

minha<sup>10</sup>). Podemos observar essa ocorrência nos exemplos a seguir, retirados e traduzidos do trabalho de Hanson (2010):

- (47)   çeçi-**ne** ‘homens’  
           kʃiyiçri-**ne** ‘jacarés’  
           sotli-**ne** ‘pedras’<sup>11</sup>

Segundo Brandão (2014), a língua Paresi também apresenta marcação de plural obrigatória somente para seres humanos. Para a autora, um único morfema, *-nae*, possui significado de número plural e de função associativa. Em contraste a esse sufixo, Brandão descreve uma palavra independente, *toli*, que geralmente marca coletivo de referentes animados não humanos e inanimados (Brandão, 2014, p. 160). Já para Silva (2013), o sufixo *-nae* não é considerado uma marca de plural. Segundo o autor, *-nae* é um morfema de “coletivo aumentativo” que é sufixado a “pronomes pessoais plenos, nomes comuns contáveis, não contáveis e nomes próprios”. O sufixo *-nae* se refere a quatro ou cinco entidades quando ligado a nomes contáveis; quando ligado a não contáveis, tem significado de “grande porção”; já com nomes próprios, o sufixo denota ‘grupo, tipo ou coletividade’ (Silva, 2013, p. 163).

### 3.3 Pluralidade na língua Enawene Nawe

Assim como é comum para as línguas da família Aruák, a categoria de número nominal apresenta a distinção entre singular e plural, sendo que o singular também possui o significado de *general number* nos termos de Corbett (1991) que discutimos anteriormente neste capítulo.

O singular/*general number* ocorre sempre não marcado. Assim, ao usar essa forma, o falante pode fazer referência tanto a uma entidade (singular), quanto a mais de uma (*general number*) sem qualquer marca morfológica de número. Nesse caso, conforme o que afirma Corbett (1991, p. 10), o significado do número será expresso fora do sistema, ou seja, o contexto da comunicação é que vai determinar o significado do singular/*general number*, como vemos nos exemplos abaixo.

<sup>10</sup> “[...] *the more animate the referent, the more likely it will receive number marking*” (Hanson, 2010, p. 128).

<sup>11</sup> Segundo Corbera Mori (2023), para alguns povos Aruák, como o povo Piro (e também os Machiguenga), a pedra é vista como um referente animado, algo diferente das línguas indo-europeias e que explica o fato de seu plural ser mais frequentemente marcado.

- (48) *xoxokwako nowayowa*  
 xoxokwako no-wayo  
 macaco 1sg-ver  
 ‘Eu vi um macaco/alguns macacos’
- (49) *ere anolokwa kohasexi*  
 ere alolokwa kohase-xi  
 3SG pegar peixe-CLF.PEQUENO  
 ‘Ele pegou um peixe pequeno/uns peixes pequenos’

Em oposição ao singular/*general number*, o significado de plural é marcado somente pelo sufixo *-nawe*. O morfema de plural *-nawe* ocorre com referentes animados e inanimados, mas possui valor de obrigatoriedade somente com referentes que possuem o traço semântico [+humano], como já era esperado e vemos nos exemplos a seguir.

- (50) *witotena, kolakalalinawe totena, mamita owironawe.*  
 wi-tote-na, kolakala-li-**nawe** tote-na.  
 1PL-acabar-IMPERF velho-MASC-PL acabar-IMPERF  
 mami-ta owiro-**nawe**  
 morrer-EMPH mulher-PL  
 ‘Nós acabamos, velhos acabaram, morreram as mulheres’ (Hotaketi)
- (51) *weranenawe haita enotikwane daneha.*  
 w-erane-**nawe** haita enoti-kwa-ne dane-ha  
 1PL-esposo-PL já não.indígena-CLF.PLANO-POSS ir-PL  
 ‘Nossos esposos já foram para a cidade’ (Elicitação)
- (52) *holi kanene ere etane nawe takwana towane*  
 holi kanene ere etane-**nawe** takwa-na towane  
 EMPH CONJ 3SG neto-PL chegar-IMPERF BEN  
 ‘Aí os netos dela chegaram’ (Xinikaloli)

Para nomes de animados não humanos e inanimados (53), o uso de *-nawe* passa a ser opcional, sendo expresso somente quando a referência ao número nominal é essencial para o contexto da comunicação.

- (53) a) nexexati ‘piolho’  
 nexexati-nawe ‘piolhos’
- b) dowa ‘aranha’  
 dowa-nawe ‘aranhas’

c) owi            ‘cobra’  
 owi-nawe       ‘cobras’

d) dokwati      ‘lanterna’  
 dokwati-nawe ‘lanternas’

e) derati         ‘música’  
 derati-nawe    ‘músicas’

f) kaho          ‘carro’  
 kaho-nawe     ‘carros’

O morfema *-nawe* pode, em alguns contextos expressar o significado de coletivo. Essa função ocorre geralmente, mas não exclusivamente com referentes não humanos, como vemos nos exemplos abaixo.

(54) *enawenenawe*  
 enawene-**nawe**  
 pessoa-COL  
 ‘Pessoas, Povo’

(55) *hato ixenenawe neto nekata*  
 hato ixene-**nawe** neto n-ekata  
 CONJ onça-COL mãe 1SG-achar,pensar  
 ‘Eu acho que era mãe das onças’ (Xinikaloli)

(56) *dotohenawe*  
 dotohe-**nawe**  
 terra,terreno-COL  
 ‘Lugar com várias áreas de terra’ (Xinikaloli)

O significado de coletivo não é tão claro em todos os contextos, e o fato de que há uma única forma para expressão de número em Enawene Nawe dificulta ainda mais a identificação. Em nossa análise, buscamos ocorrência em que um grupo/conjunto é visto como uma unidade, mesmo que o uso do morfema *-nawe* ainda remeta ao significado de plural, como entendemos ser o caso dos exemplos citados acima.

É muito comum que a marca de número em Enawene Nawe ocorra em construções possessivas (57). Em casos de posse alienável que, como vimos anteriormente, é marcada pelos

sufixos *-ni~-ne*, *-li~-la* e *-ri~-ra*, a ordem dos morfemas é sempre POSSE-NÚMERO (58); já em construções com as marcas de gênero *-li~-ri* e *-lo~-ro*, o morfema de número *-nawe* também aparece sempre por último na construção (59). Mais uma vez a animacidade condiciona o uso da marca de número, sendo obrigatória para humanos e opcional para o resto do léxico nominal.

- (57) *weranetonawe haita hikwaha dane*  
 w-eraneto-**nawe**      haita   hikwa-ha      dane  
 1PL-esposa-PL      já      sair-PL      ir  
 ‘Nossa esposas já saíram’ (Elicitação)

- (58) *erenaha kadene noheronaninawe*  
 erenaha      kadene      no-herona-ni-**nawe**  
 3PL      CONJ      1sg-amigo-POSS-PL  
 ‘Eles são meus amigos’ (Elicitação)

- (59) *holi kolakalinawe okwa*  
 holi   kolakala-li-**nawe**      okwa  
 EMPH   velho-MASC-PL      dizer  
 ‘Os mais velhos dizem’ (Xinikaloli)

Como a marcação de número não é obrigatória em todos os contextos da língua, é comum que os falantes façam uso de numerais para especificar a quantidade de entidades a que estão se referindo. Quando algum numeral aparece na sentença, a utilização da marca de plural comumente é omitida, mesmo em construções com referentes humanos, como vemos em (61).

- (60) *hatita xoxokwako nowayo*  
 hatita   xoxokwako   no-wayowa  
 um   macaco      1sg-ver  
 ‘Eu vi um macaco’ (elicitación)

- (61) *erenaha owana ekanaweta diwaxi*  
 erenaha      owana      ekanawe-ta      diwa-xi  
 3PL      BEN      dois-EMPH      criança-CLF.PEQUENO  
 ‘Eles têm dois bebês’ (Elicitação)

- (62) *namerataha erakox. nasemene humumumum ikanaweta nalolokwa hoxikia*  
 n-amerataha      erakoxi      n-ase-ene      humumumum  
 1SG-pescar      perto      1SG-ouvir-3SG.O      barulho.de. motor  
 ikanawe-ta      n-alolokwa      hoxikia  
 dois-EMPH      1SG-pegar      matrinxã  
 ‘Eu pescava perto. Ouvi humumumum (barulho de motor). Peguei dois matrinxã’ (História dos primeiros contatos)

- (63) *haheronekakwa hatitali xamiyali wiwaiyo*  
 haheronekakwa.hatitali xamiyali wi-waiyo  
 três caititu IPL-ver  
 ‘Eu vi três caititus’ (Elicitação)

Abaixo, apresentamos o quadro 11 com os numerais de 1-20 na língua Enawene Nawe. A partir do número cinco, a base referencial para a contagem consiste nas mãos e nos pés: cinco é a mão inteira ‘*wesekoti tota*’; já o número dez corresponde às duas mãos inteiras ‘*ikanawekwa wesekoti tota*’; quinze é baseado em uma mão e dois pés (o do próprio falante e de outra pessoa) ‘*wesekoti tota hikixi kixiti tota kali*’; e 20 é contado com as duas mãos e os dois pés ‘*ikanawekwa wesekoti tota ikanawekwa kixiti tota kali*’. Pela complexidade de muitos desses numerais, os falantes estão passando a utilizar numerais da língua portuguesa para referência a grandes e pequenas quantidades. Os numerais mais registrados em nossos dados são um, dois, e em menor número, três.

Como o sistema de numerais não é o foco deste capítulo, os dados da tabela foram coletados, porém não chegaram a ser analisados para compreensão de suas estruturas, que exigiria um estudo somente sobre isso; escolhemos colocá-los nesse trabalho para registro dos dados inédito, esperando também que seja um incentivo para futuras pesquisas que busquem descrever e analisar o sistema de numerais da língua Enawene Nawe.

**Quadro 12:** Numerais em Enawene Nawe

<b>Numeral</b>	<b>Glosa</b>
Hatita	‘um’
ikanawe / haheronekakwa	‘dois’
haheronekakwa hatitali kali	‘três’
haheronekakwalikine	‘quatro’
wesekoti tota	‘cinco’
wesekoti hakwa heita eyowalane	‘seis’
hakwa wesekoti heita ikianawe eyowa dane	‘sete’
wesekoti hakwa heita haherone kakwa haitit kali eyowa	‘oito’
wesekoti hakwa heita haherone kakwalikine eyowa	‘nove’
ikanawekwa wesekoti tota	‘dez’
ikianawekwa wesekoti haitita kixiti heita eyowa	‘onze’
ikianawekwa wesekoti tota haherone kakwa kixiti heita wyowa	‘doze’
ikianawekwa wesekoti tota haherone kakwa haititali kali kixiti heita eyowa	‘treze’
wesekoti tota haherone kakwalikini kixiti heita eyowa	‘quatorze’

wesekoti tota hikixi kixiti tota kali	‘quinze’
wesekoti tota hakwa kixiti heita eyowa kali	‘dezesseis’
wesekoti tota hakwa kixiti tota haherone kakwa hikixi heita eyowa kali	‘dezessete’
wesekoti tota hikixi tota haherone kakwalikini haititali kali	‘dezoito’
wesekoti tota hikixi tota hakwa heita haherone kakwalikini eyowa dane kali	‘dezenove’
wesekoti tota kixiti tota kali	‘vinte’

### 3.4 Conclusões

Nesse capítulo, foram discutidos alguns aspectos morfológicos e semânticos dos sistemas de número nominal em línguas naturais, com especial atenção a línguas da família Aruák. Também foi apresentada uma breve e preliminar descrição e análise do sistema de número nominal na língua Enawene Nawe.

Vimos, de acordo com Corbett (1991), que muitas línguas combinam os significados de singular (e plural) com o que o autor chama de *general number*, isto é, quando uma forma nominal pode ter seu significado expresso sem qualquer especificação de número.

Esse sistema é o que encontramos na língua Enawene Nawe que, como é comum a todas as línguas Aruák, distingue o número nominal em singular e plural (Aikhenvald, 1999; 2020). Como vimos nesse capítulo, o Enawene Nawe combina o singular com o *general number*. Nesses casos, uma única forma pode fazer referência tanto a uma entidade, quanto mais de uma. Sendo a expressão da quantidade de seres referenciados de extrema importância para a comunicação, os falantes fazem uso de numerais, sendo os mais comuns *hatita* ‘um’, *ikanawe* ‘dois’ e *haheronekakwa hatitali kali* ‘três.

O significado de plural é expresso por um único morfema: *-nawe*. Esse sufixo é um claro reflexo de *\*-nai*, uma das marcas de plural que remontam do Proto-Aruák (Aikhenvald, 1999; 2020). Sobre seu uso, o morfema *-nawe* pode ocorrer tanto com animados, quanto com inanimados. No entanto, é mais produtivo e só possui valor de obrigatoriedade em contextos com referentes humanos. Mesmo em contextos com humanos, a marca de plural pode ser omitida quando numerais aparecem na sentença.

Mesmo que ainda expresse o significado de pluralidade, o morfema *-nawe* também pode ser usado para referência de um grupo/conjunto de entidades que é visto como uma unidade, tendo o sentido de coletivos.

## 4. Classificação Nominal

Neste capítulo são apresentadas as propriedades comumente encontradas nos sistemas de classificação nominal nas línguas do mundo, com ênfase às categorias de gênero gramatical e classificadores. Com base na literatura sobre o tema, são realizadas a descrição e análise preliminares dos sistemas de classificação nominal da língua Enawene Nawe. A seção 4.1 inicia o capítulo com uma visão geral da classificação nominal; em 4.2 iniciamos a discussão sobre o gênero gramatical para, em 4.2.1, analisarmos e descrevermos o comportamento da categoria em Enawene Nawe. Já em 4.3 o focamos nos sistemas de classificadores, para descrevermos em 4.3.1 as propriedades morfossintáticas desses morfemas na língua estudada.

### 4.1 Os sistemas de classificação nominal

Os estudos sobre a classificação nominal são encontrados desde os primeiros trabalhos científicos da linguística e filologia, nos textos de Pānini e Protágoras (Passer, 2016, p. 2). É sabido que todas as línguas naturais possuem nomes e/ou sintagmas nominais e, por consequência, sempre fazem uso de variadas estratégias para classificação de seus referentes. Segundo Passer (2016, p. 1), a classificação nominal é uma ferramenta gramatical que as línguas utilizam para agrupar os nomes em categorias semânticas e/ou morfológicas. Porém, mesmo que as línguas do mundo apresentem o traço comum em relação a categorização nominal, elas diferem na maneira como classificam os nomes e em como esses sistemas se comportam.

Primeiramente é preciso entender o que se quer dizer com a expressão “classificação nominal” que, segundo Contini-Morava & Kilarski (2013, p. 265), é frequentemente usado de maneira ambígua e raramente se deixa claro o que de fato está sendo classificado: um nome, um objeto linguístico, ou uma entidade do mundo extralinguístico? Sobre isso Senft (2000, p. 27) questiona:

[...] temos que perguntar se o nome classificado a que o classificador se refere ainda é o mesmo que se encontra no léxico (sem ser classificado). Um classificador se refere apenas a um objeto na realidade extralinguística ou se refere também à categoria intralinguística 'nome' e muda seu significado? Ou, em outras palavras, a Partícula Classificatória se refere a um 'referente' no 'mundo real' ou a um 'nome' como entidade no léxico de uma língua? (Tradução minha)<sup>12</sup>

<sup>12</sup> “[...] we have to ask whether the classified noun the classifier referred to is still the same noun that is to be found in the lexicon (without being classified by one or the other or even by more classifiers). Does a classifier only refer to an object in the extralinguistic reality or does it also refer to the intralinguistic category ‘noun’ and

Lucy (2000, p.331) providencia uma resposta a esses questionamentos dizendo que deveríamos falar sobre classificação de *referentes*, e não necessariamente de nomes. Segundo o autor, isso se deve ao fato de a escolha de um morfema classificatório ser baseada em seu conteúdo semântico. Somente quando for possível afirmar com bastante certeza que a classificação é feita baseando-se em critérios puramente formais (algo que não é possível, segundo Corbett, 1991) é que se deve falar em “classificação nominal”.

Neste trabalho escolhemos, de acordo com Contini-Morava & Kilarski (2013, p. 265) e Epps (2022), utilizar o termo “classificação nominal” como se referindo a classificação de referentes e/ou nomes por meio de morfemas classificatórios que são gramaticalizados em algum nível, “e expressos em um ou mais contextos sintáticos relacionados aos nomes” (Epps, 2022, p. 2), considerando tanto contextos dentro do sintagma nominal, quanto aqueles que estão fora dele.

Segundo Epps (2022), o primeiro ponto de discussão sobre a classificação nominal é quanto ao nível de gramaticalização que esses sistemas possuem: desde estratégias mais lexicais às mais gramaticalizadas. A tipologia linguística tradicionalmente propõe três sistemas utilizados para a categorização de referentes nominais nas línguas do mundo: classificadores, gênero e classes nominais. Segundo Grinevald (2000, p. 55), esses sistemas podem ser analisados a partir de um *continuum* léxico-gramatical, no qual a parte lexical se refere ao léxico, à dinâmica de formação de palavras e à composição semântica; já a parte gramatical refere-se à morfossintaxe. O gênero e as classes nominais são considerados sistemas mais gramaticais; no extremo mais lexical são colocados os termos de classe e medida; já os classificadores são postos em uma posição intermediária nesse *continuum*.

Segundo Dixon (1986, p. 105), é importante distinguir essas categorias, já que elas podem ter “papeis semânticos semelhantes, mas tendo *status* gramaticais um tanto diferentes”. Segundo o autor, sistemas de gênero (e classes nominais) e classificadores apresentam características formais bem distintas.

É frequente que as análises linguísticas se baseiem em poucos parâmetros; no caso dos estudos sobre classificação nominal, esses parâmetros frequentemente são a ausência ou presença da concordância, e o *locus* morfossintático dos morfemas classificatórios (Seifart, 2009, p. 366). Por esse motivo, alguns autores defendem que é necessário expandir os critérios analisados, indo além dos universais que são definidos como as unidades básicas da tipologia

---

change its meaning? Or, in other words, does the Classificatory Particle refer to a ‘referent’ in the ‘real world’ or to a ‘noun’, an entity in the lexicon of a language?”.

apenas com base em poucas características. Assim, deve-se utilizar um número maior de propriedades detalhadas especificamente para a língua estudada (Seifart, 2009).

Para além do nível de gramaticalização, autores que mais recentemente estudam o tema da classificação nominal, como Grinevald (2000), Senft (2000; 2007), Contini-Morava & Kilarski (2013), Passer (2016) e Aikhenvald (2000; 2008; 2016; 2017) discorrem sobre outras propriedades utilizadas para definir e diferenciar o status gramatical dos sistemas de gênero e classificadores.

Deste modo, é importante olhar para propriedades que dizem respeito a contribuição semântica dos morfemas classificatórios (Aikhenvald 2000; Senft, 2000; Contini-Morava & Kilarski, 2013), a ocorrência ou não de variação na marcação, a abrangência a todos os nomes da língua (Grinevald, 2000; Aikhenvald, 2016; Passer, 2016), entre outras.

Como veremos adiante neste capítulo, os sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe destoam do que a tipologia aponta como prototípico para essas categorias. Desta forma, pensando nas características dessa língua, decidimos analisar determinadas propriedades que possibilitem capturar toda uma gama de particularidades dos sistemas de classificação nominal estudados, realizando uma descrição “sem a necessidade de visualizar uma ou outra característica como desviante de uma tipologia pré-estabelecida” (Seifart, 2009, p. 378) mas sim como a ampliação dos estudos já existentes. No quadro 12 listamos as propriedades escolhidas para analisar os sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe.

**Quadro 13:** Propriedades dos sistemas de gênero e classificadores

Propriedades	Sistemas	
	Gênero Gramatical	Classificadores
Marcação múltipla/Única	Marcação múltipla	Marcação única
Obrigatoriedade de classificação	Classifica todos os nomes	Não classifica todos os nomes
Flexibilidade na classificação	Classificação inflexível	Permite flexibilidade
Tipo de marcação	Baseada no sistema	Baseada no falante
<i>Locus operandi</i>	Em todos os contextos	Contexto específico
Contribuição Semântica	Pouca ou nenhuma contribuição	Há contribuição
Funções semânticas e discursivas	Podem desempenhar	Podem desempenhar

**Fonte:** Corbett (1991); Grinevald (2000; 2004; 2008); Senft (2000; 2007); Aikhenvald (2000, 2008; 2016; 2017); Passer (2016)

Nas duas sessões que seguem, essas propriedades são a base para a análise e descrição do comportamento dos morfemas de gênero e classificadores, ambos encontrados na língua Enawene Nawe.

## 4.2 Gênero gramatical

Para Corbett (1991), o termo gênero gramatical é sinônimo de classes nominais, e a diferença encontrada na literatura seria mera questão de escolhas terminológicas. Já Aikhenvald (2000, p. 19) afirma que o termo gênero foi inicialmente utilizado pelo filósofo grego Protágoras no século V a.C. para dividir os nomes na língua grega em ‘masculino’, ‘feminino’ e ‘inanimado’ (o que chamamos hoje de gênero neutro). Segundo a autora, esse seria um típico sistema de gênero gramatical, sendo comum em línguas Indo-Europeias como o Latim, que apresentava os três gêneros; ou em línguas que dele são derivadas, como português, espanhol e francês, nas quais há a distinção entre ‘masculino’ e ‘feminino’. Já quanto as classes nominais, Aikhenvald comenta que o termo passou a ser usado quando linguistas começaram a estudar as línguas africanas, que possuem sistemas com oito ou mais classes. Apesar disso, a autora usa o termo ‘classe de nomes’ indistintamente para gênero e classe nominais.

Diferentemente de Corbett (1991), Grinevald (2000) discorre sobre gênero e classe nominais como dois sistemas diferentes. A autora afirma que o gênero, mesmo que nem sempre expresso no próprio nome, tem sua informação expressa em outros elementos da sentença. Além disso, esses sistemas comumente indicam propriedades semânticas de sexo biológico, como é comum em línguas Indo-Europeias; enquanto as classes nominais seriam sistemas mais “exóticos sob um ponto de vista indo-europeu” (p. 57).

Como esse não é o foco deste trabalho, não entraremos mais a fundo nas divergências teóricas que envolvem as categorias de gênero e classes nominais. Basta saber que utilizaremos o termo *classes* ou *classes de gênero* para indicar as categorias em que os nomes são classificados. O termo *gênero gramatical* será usado levando em consideração a presença dessa categoria na família linguística Aruák, a qual pertence a língua Enawene Nawe, analisada a partir daqui.

### 4.2.1 Gênero Gramatical em Enawene Nawe

Em Enawene Nawe, segundo Reis (2020), Brandão e Reis (2020) e Brandão e Reis (2022), o gênero é expresso por meio dos sufixos *-lo~-ro* para feminino, e *-li~-ri* para masculino. A existência dessas classes está de acordo com uma propriedade dos sistemas de

gênero gramatical que possuem um inventário mais limitado, com poucas classes em que os nomes podem ser classificados (Corbett, 1991; Grinevald, 2000; Aikhenvald, 2000; 2008; Passer, 2016).

Além disso, está de acordo com o que Aikhenvald (1999, p. 83; 2020, p. 21) afirma para as línguas da família Aruák que, prototipicamente, distinguem os nomes em duas classes: masculino e feminino. As marcas de gênero gramatical são bastante estáveis entre as línguas da família, sendo essa uma categoria que remonta do Proto-Aruák, com os afixos de terceira pessoa do singular \*(-)(r)u(-) ‘feminino’ e \*(-)(r)i(-) ‘masculino’.

No entanto, o gênero na língua Enawene Nawe possui um comportamento diferente do que a tipologia de classificação nominal aponta como sendo prototípico desse sistema. A partir daqui analisaremos cada uma das propriedades listadas no quadro 12 para o sistema de gênero gramatical, para que, partindo dessas características, o comportamento das marcas de gênero na língua Enawene Nawe seja descrito.

#### 4.2.1.1 *Concordância/Marcação múltipla*

Frequentemente, a literatura sobre o tema afirma que o gênero é um sistema de classificação nominal definido pela presença de concordância obrigatória (Corbett, 1991; Aikhenvald, 2000; Grinevald, 2000). Sendo assim, línguas aglutinantes e fusionais são mais “adequadas” para o emprego de concordância por meio de afixos; enquanto línguas isolantes muito provavelmente não exibirão a propriedade da concordância (Passer, 2016, p. 42).

Contudo, a definição do que seria a concordância (do inglês *agreement*) pode ser entendida sob o prisma de dois autores: Corbett (1991) e Passer (2016). O primeiro considera que a concordância é o fator principal que diferencia o gênero gramatical dos demais sistemas de classificação nominal. Para Corbett (1991), os morfemas de gênero precisam estar presentes em palavras associadas aos nomes (que seria o caso de artigos, pronomes e/ou modificadores), mesmo que não estejam expressas no nome em si. A esse perfil, o autor chama de marcação *covert* (em oposição àquelas que realizam a marcação *overt*, com os morfemas de gênero sendo expresso tanto nos nomes, quanto em palavras associadas<sup>13</sup>). Entre as línguas mais próximas do perfil de marcação *covert* descrito por Corbett (1991) estão as da família Aruák que, assim como muitas línguas amazônicas, se caracterizam por terem as marcas de gênero expressas em

<sup>13</sup> O Italiano seria um exemplo de uma língua que estaria mais próxima da marcação *overt*, já que muitos nomes são classificados como sendo masculino ou feminino de acordo com as vogais finais *-a* ‘feminino’, como *la lettera* ‘a carta’ e *la penna* ‘a caneta’, e *-o* ‘masculino’, visto em *il libro* ‘o livro’ e *il topo* ‘o rato’<sup>13</sup> (FERRARI, 2005, p. 243).

outras categorias ligadas aos nomes na sentença, como pronomes pessoais e demonstrativos, adjetivos e nominalizações. Um exemplo são marcas de masculino *-ri* e feminino *-ru* do Palikur, que não são expressas na morfologia dos nomes, mas sim em palavras associadas a eles, como em *paha-p-ri awayg* (NUM-CLF.ANIMADO-MASC homem) ‘um homem’, e *paha-p-ru tino* (NUM-CLF.ANIMADO-FEM mulher) ‘uma mulher’ (Aikhenvald & Green, 1998, p. 434).

Diferentemente de Corbett (1991), o conceito do que seria a concordância de gênero gramatical para Passer (2016) está contido no que este autor chama de *marcação múltipla*. Deste modo, a marcação de gênero, além de ser expressa para além do nome, se repete em “uma variedade de satélites nominais” (p. 44), como o exemplo do alemão abaixo.

- (64) *Meine Rüstung ist eine ganz aus Fehlern gewebte.*  
 mein-e Rüstung ist ein-e  
 meu-FEM.SG armadura:NOME.FEM.SG ser:PRES.1SG uma-FEM.SG  
 ganz aus Fehlern gewebt-e  
 completamente de erros:NOME.MASC.PL tecida-NOME.FEM.SG  
 “A minha armadura é a que está completamente tecida de erros.”  
 (Passer, 2016, p. 44)

Para Passer (2016), não basta que a informação sobre a classe do nome seja copiada uma única vez na sentença, mas é preciso que haja uma repetição em vários satélites nominais, sendo a *marcação múltipla* e não a concordância nos termos de Corbett (1991) o que caracteriza o gênero e o diferencia de sistemas de classificadores (que também podem ser expressos em outros elementos da sentença). Sobre isso, ele fala que:

A concordância neste estudo tem que satisfazer os seguintes critérios: a informação da classe do nome é copiada para um marcador de classe que ocorre em uma *gama* de satélites nominais específicos de uma língua, que são diferentes do nome que controla a concordância. Ao combinar com uma variedade desses satélites, os marcadores podem ocorrer *múltiplas vezes* no mesmo contexto. É supostamente empregado em sistemas de gênero e sistemas “híbridos”, mas não em sistemas de classificadores. (Tradução e destaque meus)<sup>14</sup>

(Passer, 2016, p. 194)

Neste trabalho, apesar de em alguns momentos utilizarmos o termo concordância gramatical, adotamos o conceito de *marcação múltipla* de Passer (2016) para descrever não só

<sup>14</sup> “Agreement in this study has to satisfy the following criteria: The noun’s class information is copied to a class marker that occurs on a range of language specific nominal satellites, which are different from the noun that controls the agreement. By combining with a variety of those satellites, the markers may occur multiply in the same context. It is supposedly employed in both concordial class and ‘hybrid’ systems, but not in classifier systems.”

a marcação de gênero em Enawene Nawe, como também os classificadores (que segundo o autor, apresentam *marcação única*, como veremos mais adiante).

Nossa escolha se baseia no comportamento dos sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe, já que se levarmos em conta o conceito de Corbett (1991) de que uma única expressão dos morfemas classificatórios na sentença é suficiente para caracterizar a concordância, teríamos que considerar que classificadores também apresentam essa propriedade. No entanto, para esse autor, é justamente a concordância que distingue o gênero gramatical de outras categorias de classificação nominal.

Assim, tendo em vista o comportamento dos sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe, e o de muitas línguas amazônicas, em que classificadores podem ser encontrados em palavras associadas aos núcleos nominais, acreditamos que o conceito de marcação *múltipla* se encaixe melhor na análise e descrição que estamos propondo.

Dito isto, a análise dos dados mostrou que a marcação múltipla não é uma propriedade das marcas de gênero em Enawene Nawe. Observamos que, quando presente na sentença, os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* muitas vezes se restringem a apenas um alvo de concordância fora do sintagma nominal, como vemos em (65) e (66). A alta produtividade dos morfemas de gênero está restrita somente em contextos nos quais os nomes apresentam referentes com o traço [+humano]. Os morfemas de gênero quase sempre aparecem ligados a verbos estativos/descritivos ou nominalizações (em sua maioria agentivas, mas não exclusivamente nelas, como vemos no exemplo 65).

(65) *Thainaxi okwana, Thainaxi okwatiyalo.*

Thaina-xi	okwa-na	Thaina-xi
NOM.PROP-CLF.PEQUENO	ter.ciúme-IMPERF	NOM.PROP-CLF.PEQUENO
okwa-ti-ya- <b>lo</b>		
ter.ciúme-NPOSS-NMLZ?-FEM		

‘A Thainá está com ciúmes, a Thainá é ciumenta’ (Elicitação)

(66) *kokoli kolakalali kolakalali olawa esewali merena hatawalali enoti.*

koko- <b>li</b>	kolakala- <b>li</b>	kolakala- <b>li</b>	olawa	ere
tio-MASC	ser.velho-MASC	ser.velho-MASC	branco	3SG
sewali	Ø-merena	hatawala- <b>li</b>	enoti	
cabelo	3SG-ter.medo	ser.mal-MASC	não.indígena	

“Meu tio era velho, era velho com cabelo branco, ele teve muito medo do não indígena mau.” (História dos primeiros contatos)

Dentro do SN, esses morfemas são expressos somente em termos de parentesco ou nominalizações, como vemos em (67).

- (67) *atoli kolaketiwa danakalinasali awe*  
 ato-**li** kolaketiwa danakali-nasa-**li** awe  
 avô-MASC antigamente caçar-NMLZ-MASC ser.bom  
 ‘Antigamente, meu avô era um bom caçador’ (Elicitação)

Em relação à concordância de gênero realizada pelos pronomes pessoais, Corbett (1991) e Aikhenvald (2008) afirmam que essa classe é a que mantém a distinção de gênero por mais tempo. Aikhenvald (1999; 2020) afirma que as línguas Aruák tem como padrão distinguirem o gênero do referente nas terceiras pessoas do singular. Em Enawene Nawe esta característica já está perdida<sup>15</sup>, sendo a forma livre *ere* (que também é demonstrativo) utilizada sem qualquer concordância de gênero (68ab). Pronomes demonstrativos como *etako* ‘aquele’ também perderam a distinção de gênero (69-70).

- (68) a. *eyoneita Kamike ere towane nowa.*  
 eyone-ita Kamike **ere** to-wane nowa  
 pegar-IFV NOME.PROP 3SG ?-BEN seguir  
 ‘Kamike pega e segue ele/ela’ (Owali Kamike)
- b. *hato kotalanawe ere denowa dane*  
 hato kotala-nawe **ere** denowa dane  
 CONJ ave-PL 3SG seguir ir  
 ‘Aí ela (Ayadero) vai atrás das aves’ (Wadali)
- (69) *etakota sotene dane yayalinawe*  
 etako-ta sot-ene dane yaya-li-nawe  
 DEM-EMPH saber-3SG.O ir irmão.mais.velho-MASC-PL  
 ‘Aquele que sabe vai até os irmãos mais velhos’ (*Xinikaloli*)
- (70) *etako owiro*  
 etako owiro  
 DEM mulher  
 ‘Aquele mulher’ (Elicitação)

Apesar do *corpus* limitado, a análise mostrou que a produtividade dos morfemas -*li~-ri* e -*lo~-ro* é bastante baixa na fala espontânea: quase que a totalidade dos exemplos de concordância dos morfemas de gênero gramatical do Enawene Nawe foram coletados por meio de elicitação, principalmente das marcas para feminino. No entanto, mesmo em casos elicitados, os falantes fazem questão de diferenciar o uso dos morfemas com referentes humanos dos

<sup>15</sup> Apesar de prototípico das línguas Aruák, a ausência da distinção de gênero nos pronomes de terceira pessoa do singular não é mais encontrada em algumas línguas da família como Waurá e Mehinaku (cf. Richards, 1973; Corbera Mori, 2005; 2011), e também o Paresi (cf. Brandão, 2014; Silva, 2013).

contextos em que essas marcas aparecem ligadas a referentes com traços [-animado] e/ou [-humano], como vemos no exemplo (71) abaixo. Segundo eles, no primeiro caso *-li~-ri* e *-lo~-ro* fazem referência a ‘mulher e homem’, enquanto nas vezes em que ocorrem com referentes não-humanos é como se não tivessem qualquer significado para eles.

- (71) *kaialikwase koxikwasero aikiolikwa-se*  
 kaialikwase                      koxi-kwa-se-**ro**  
 piranha                              ser.pequeno-CLF.PLANO-CLF.PEQUENO-FEM  
 aikioli-kwa-se  
 dente-CLF.PLANO-CLF.PEQUENO  
 ‘A piranha é pequena e o dente dela é pequeno

Isso vai fazer com que haja uma grande variação no uso das marcas de gênero com referentes que possuem traços [-animado] e/ou [-humano], com a escolha dos morfemas ficando a critério de cada falante, como veremos mais a fundo na seção sobre flexibilidade na marcação de gênero. Os exemplos abaixo apresentam contextos em que o mesmo referente inanimado ocorre com e sem as marcas de gênero, a depender da vontade de cada falante.

- (72) a. *holi kanene Dodoware hakolone ikiaxixinaserise*  
 holi    kanene                      Dodoware    hakolo-ne  
 EMPH   CONJ                      NOM.PROP    casa-POSS  
 ikiaxixi-nase-**ri**  
 ser.pequeno-CLF.CILÍNDRICO-MASC  
 ‘Aí a casa de Dodoware é a menor’ (*Hotaketi*)

- b. *wakero hakolone ikiaxixi*  
 w-akero                      hakolo-ne    ikiaxixi  
 1PL-tia                      casa-POSS    ser.pequeno  
 ‘A casa da nossa tia é pequena (Elicitação)

#### 4.2.1.2 Obrigatoriedade

Outra característica definidora dos sistemas de gênero é a *obrigatoriedade*, já que é padrão que os sistemas de gênero gramatical empreguem uma classificação obrigatória (Corbett, 1991; Grinevald, 2000; Aikhenvald, 2008; 2016). Em línguas que apresentam classes de gênero, todo e qualquer nome é classificado em pelo menos uma das classes existentes, e isso ocorre em todo e qualquer contexto, mesmo que a classe em questão não seja expressa de forma *overt*, isto é, não esteja transparente na morfologia dos nomes (Passer, 2016, p. 187).

Segundo Allan (1977, p. 285), a obrigatoriedade na classificação de referentes compreende que as marcas classificatórias sejam obrigatórias em estruturas de superfície sob condições específicas, que no caso de classes de gênero, seriam todas as ocorrências nominais.

Como mencionado anteriormente, as línguas da família Aruák classificam seu léxico nominal em duas classes. Essa classificação tende a ser relativamente transparente, com nomes com referentes femininos (critério de sexo biológico de seres animados) sendo classificados como femininos, e todo o resto é classificado como masculino, ou não-feminino. O gênero dos nomes é comumente expresso por meio da concordância com modificadores e pronomes pessoais e demonstrativos. Além disso, termos de parentesco e nominalizações carregam essas marcas em sua morfologia (Aikhenvald, 2020, p.21).

Em Enawene Nawe, a classificação de nomes com traço [-animado] e [-humano] não é transparente, já que nesses casos a marcação é opcional e, como veremos adiante, flexível. Isso faz com que não se possa identificar a classe a que esses nomes pertencem. No entanto, a classificação de referentes humanos não é só obrigatória, mas bastante transparente: com base no critério de sexo biológico, nomes com referentes femininos são femininos, e nomes com referentes masculinos são masculinos. Nesses casos, as classes são identificadas por meio de concordância e, em alguns casos, pela morfologia dos nomes.

Somente nomes com referentes humanos recebem as marcas de gênero em sua morfologia; esses nomes comportam os campos semânticos pronomes, como *Yokwali*, *Kawali*, *Kawalinero*, *Walitero*; termos de parentesco; e nominalizações. Abaixo, o quadro 13 ilustra os nomes em Enawene Nawe que recebem as marcas de gênero em suas morfologias.

**Quadro 14:** Nomes em Enawene Nawe com a marca de gênero em sua morfologia

<b>Nomes masculinos</b>	<b>Glosa</b>	<b>Nomes femininos</b>	<b>Glosa</b>
<i>atoli</i>	‘avô’	<i>ahero</i>	‘avó’
<i>hahali</i>	‘pai’	<i>mamalo</i>	‘mãe’
<i>kokori</i>	‘tio’	<i>kekero</i>	‘tia’
<i>yayali</i>	‘irmão mais velho’	<i>yayalo</i>	‘irmã mais velha’
<i>yowali</i>	‘irmão mais novo’	<i>yowalo</i>	‘irmã mais nova’
<i>watoli / natoli</i>	‘cunhado’	<i>watolo / natolo</i>	‘cunhada’
<i>diwalise</i>	‘menino’	<i>diwalose</i>	‘menina’
<i>ehataliti</i>	‘velho’	<i>ehataloti</i>	‘velha’
<i>nokiasarili</i>	‘cansado’	<i>nokiasaroli</i>	‘cansada’
<i>menanesaliti / awetaliti</i>	‘moço’	<i>menanasaloti / awetaloti</i>	‘moça’
<i>masemani/masemanehali</i>	‘safado’	<i>masemani / masemanehalo</i>	‘safada’

<i>daratali</i>	‘professor’	<i>daratalo</i>	‘professora’
<i>waratali</i>	‘enfermeiro/ curandeiro’	<i>waratalo</i>	‘enfermeira/ curandeira’
<i>oseratiyali</i>	‘chorão’	<i>oseratiyalo</i>	‘chorona’
<i>meratahali</i>	‘pescador’	<i>meratahalo</i>	‘pescadora’

#### 4.2.1.3 Flexibilidade na classificação e tipo de classificação

A classificação por meio de sistemas de gênero ocorre tipicamente com um nome sendo atribuído a somente uma classe. Isso implica dizer que a informação sobre o gênero a qual o nome pertence é parte de sua entrada lexical, sendo copiada por meio da concordância (Passer, 2016). Entretanto, é possível que ocorram casos em que um nome é classificado em dois ou mais gêneros diferentes, seja por fatores culturais (como quando animais assumem características humanas em histórias) ou pragmáticos (cf. Dixon, 1986, p. 106; Aikhenvald, 2000, p.21; Fedden & Corbett, 2015, p.9; Passer, 2016, p. 200). Outra possibilidade é que essa classificação esteja lexicalizada na língua, fazendo com que um nome seja produtivamente classificado em duas classes diferentes. Esse é o caso da palavra alemã *schild* ‘escudo’ que, quando masculina, significa o instrumento de defesa usado em guerras, mas quando classificada no gênero neutro, significa sinal de trânsito (Passer, 2016, p. 212).

Outro ponto que a flexibilidade pode indicar é a gramaticalização desse sistema: por permitir uma maior flexibilidade na classificação, já que sistemas mais gramaticalizados tendem a não permitir a flexibilidade na classificação, enquanto aqueles menos gramaticalizados apresentam uma variação maior (Passer, 2016, p.212). Desta forma, a possibilidade de um mesmo nome ser classificado em mais de uma classe de gênero pode estar ligada ao grau de gramaticalização dessa categoria, fazendo com que o gênero gramatical em Enawene Nawe esteja mais distante do polo prototípico no *continuum* léxico-gramatical proposto por Grinevald (2000).

A possibilidade de um sistema apresentar flexibilidade na classificação também pode estar intimamente ligada ao tipo de sistema que ocorre nas línguas. Sistemas de gênero gramatical são também conhecidos por serem sistemas *fechados*. Desta forma, a maneira como os nomes são classificados em uma determinada classe é, segundo Passer (2016), baseada no próprio sistema, ou seja, essa atribuição não sofre qualquer influência da parte dos falantes. O autor afirma que por esse motivo não é possível traçar uma divisão do que seria um caso de gênero gramatical ou classificadores apenas com base na diferença entre a atribuição semântica e a atribuição formal, como fala Corbett (1991). Isso ocorre porque, em teoria, sistemas formais seriam *invariantes*, e sistemas semânticos teriam sua atribuição mais livre.

No entanto, todo sistema de gênero tem uma base semântica e, não importa o quão formal seja, sempre fará referência aos parâmetros semânticos de sexo biológico, humanidade e animacidade (cf. Corbett, 1991, p. 34; e Aikhenvald, 2016, p. 18) Então, o que há são sistemas semânticos de atribuição livre que podem apresentar variação por conta da vontade do falante, e aqueles que, como seria o caso do gênero gramatical, têm sua atribuição baseada no próprio sistema, impossibilitando qualquer tipo de variação de registro (Passer, 2016, p. 44).

Em Enawene Nawe, foi observado uma certa flexibilidade na classificação do léxico nominal, e mais uma vez os traços semânticos [+/- animado] e, principalmente, [+/- humano] tem grande influência em como o gênero se comporta quando se analisa essa propriedade.

Nos dados analisados, vimos que nomes com referentes humanos, que tem sua classificação baseada no critério de sexo biológico, são classificados em apenas uma das classes, como mencionado na seção anterior; já aqueles cujos referentes possuem traços [-humano] foram, em muitos casos, classificados tanto como masculinos, quanto femininos, como vemos nos exemplos abaixo. Em (73ab), o nome *kolohi* ‘lagarto’ é marcado tanto com o morfema *-lo* ‘feminino’, quanto com *-li* ‘masculino’, ambas as marcas ocorrendo com função anafórica para retomada do referente.

- (73) a. *kolohi nowa koheseti, horairo holi enehola owahakase*  
 kolohi            n-owa            koheseti            horai-**lo**            holi  
 lagarto            1SG-pegar            mata            verde-FEM            EMPH  
 en-eho-la                            owaha-kase  
 3SG-rabo-POSS                            ser.comprido-CLF.LONGO  
 ‘Eu peguei um lagarto na mata, ele é verde e a rabo dele é comprido.’  
 (Elicitação – Falante 1)

- b. *kolohi nowa kohiseti, horakoli owaha ehola*  
 kolohi            n-owa            kohiseti            hora-ko-**li**,  
 lagarto            1SG-pegar            mata            verde-CLF.CIRCULAR-MASC  
 owaha            en-eho-la  
 ser.comprido    3SG-rabo-POSS  
 ‘Eu peguei um lagarto na mata, ele é verde e a rabo dele é comprido.’  
 (Elicitação – Falante 2)

Dentro das possibilidades, tentou-se coletar outros dados elicitados com falantes diferentes para tentar chegar a uma explicação para essa flexibilidade. Nesses dados, a variação na escolha dos morfemas foi mais uma vez observada quando o nome apresenta referentes não humanos. Abaixo, o quadro 14 ilustra a variação encontrada na análise dos dados da fauna dos

Enawene Nawe. O ‘x’ significa que o falante não forneceu exemplos para o referente em questão.

**Quadro 15:** Variação na marcação de gênero em 18 itens lexicais em Enawene Nawe

<b>Animais</b>	<b>Glosa</b>	<b>Gênero (Falante 1)</b>	<b>Gênero (Falante 2)</b>	<b>Gênero (Falante 3)</b>
<i>Wakowa</i>	acauã	MASC	MASC	MASC
<i>konahō</i>	anu-preto	FEM	Não usou marca de gênero	Não usou marca de gênero
<i>hoserese</i>	coruja	FEM	FEM	MASC
<i>kalo</i>	arara vermelha	MASC	MASC/FEM	FEM
<i>xamiyali</i>	caititu	FEM	MASC/FEM	MASC
<i>wisowisohi</i>	caiarara	FEM	MASC/FEM	MASC
<i>malola</i>	tatu-canastra	FEM	MASC	MASC
<i>walalaliyaka</i>	abotoado (peixe)	FEM	Não usou marca de gênero	MASC
<i>kayali</i>	pacu	MASC	MASC	x
<i>tawalio kasali</i>	caninana	MASC	MASC	x
<i>menese</i>	sucuri	MASC	MASC	MASC
<i>eyakali</i>	jacaré	MASC	Não usou marca de gênero	Não usou marca de gênero
<i>akioli</i>	tartaruga	FEM	MASC	Não uso marca de gênero
<i>kolohi</i>	bico-doce (lagarto)	MASC	FEM	MASC
<i>dohō</i>	calango-cego	FEM	Não usou marca de gênero	Não usou marca de gênero
<i>tolidoli</i>	abelha	FEM	FEM	MASC
<i>dowakwahi</i>	aranha	MASC	FEM	FEM/MASC
<i>akola</i>	escorpião	MASC	MASC	MASC

Desta forma, vemos que os dados coletados mostraram grande variação na marcação de gênero a depender do falante, com um mesmo referente sendo classificado tanto como masculino, quanto como feminino. Mostrando mais uma vez uma característica peculiar do sistema de gênero em Enawene Nawe que destoa do que a literatura sobre o tema apresenta.

Segundo Contini-Morava e Kilarski (2013), é comum que algumas línguas apresentem variação na marcação de gênero com inanimados e animados não humanos e, em alguns casos, pode ser que o gênero com animais indique a distinção de sexo biológico. Quando questionados se era possível usar tanto o gênero masculino quanto feminino para, por exemplo, fazer referência a um animal macho ou fêmea, os falantes disseram que não, por não se tratar de seres humanos. Há também a possibilidade do uso das marcas de gênero para classificar inanimados façam referência a propriedades físicas como tamanho e forma; ou ainda que o fator

cultural influencie o gênero ao qual nomes para não humanos (principalmente animais) são classificados.

É notável a influência do traço semântico [+/- humano] no comportamento das marcas de gênero em Enawene Nawe. Segundo Aikhenvald (2008, p. 1036), a flexibilidade na marcação é maior em sistemas de gênero predominantemente semânticos (o que parece ser o caso desta língua). No entanto, informações como as mencionadas acima são de difícil acesso na análise do *corpus* que possuímos, já que o sistema de gênero com animados não humanos e inanimados é semanticamente opaco, fazendo com que não se possa chegar a uma conclusão do que de fato causa a flexibilidade na classificação.

#### 4.2.1.4 *Locus Operandi*

O *locus operandi* da marcação de gênero é uma propriedade que está intimamente ligada com a concordância baseada no conceito de marcação múltipla: como esses morfemas tendem a se expressar em múltiplos alvos de concordância, é esperado que eles venham a “transcender as fronteiras do sintagma nominal” (Passer, 2016, p.205).

Como vimos, a múltipla marcação dos morfemas de gênero não ocorre em Enawene Nawe, mesmo em contexto com referentes humanos. No entanto, essas marcas podem ser expressas fora do sintagma nominal, mesmo que nesses casos os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* atinjam um único alvo de concordância que, como temos visto na maioria das ocorrências, são verbos estativos descritivos. E mais uma vez é importante pontuar que a ocorrência dos morfemas de gênero não é obrigatória em casos em que os referentes têm traços semânticos de [-animado] e/ou [-humano]. Assim, uma informação pode ser passada sem que o gênero seja expresso, não havendo qualquer falha na compreensão por parte dos falantes, como vemos abaixo.

- (74) a. *nohakoloni akote*  
 no-hakolo-ni            akote  
 1SG-casa-POSS        ser.grande  
 ‘Minha casa é grande.’ (Elicitação – Falante 1)

- b. *nohakoloni akoteri*  
 no-hakolo-ni            akote-ri  
 1SG-casa-POSS        ser.grande-MASC  
 ‘Minha casa é grande.’ (Elicitação – Falante 2)

#### 4.2.1.5 Contribuição Semântica

Já em relação a contribuição semântica, não é esperado que marcas de gênero contribuam com o sintagma nominal, mesmo que esses sistemas sempre apresentem nichos semanticamente produtivos, como é o caso da distinção de sexo biológico que frequentemente ocorre na classificação de referentes animados, principalmente humanos (cf. Passer, 2016, p. 222-227).

Em relação a essa propriedade, o sistema de gênero em Enawene Nawe se comporta de maneira similar ao que seria prototípico para essa categoria nas línguas do mundo. Desta maneira, as marcas de gênero em Enawene Nawe contribuem para que haja a distinção de sexo biológico nas sentenças com referentes humanos (Brandão e Reis, 2022, p.14), algo que está dentro dos nichos semanticamente produtivos sobre os quais menciona Passer (2016).

Foi encontrado uma única ocorrência de contribuição semântica do morfema de gênero feminino *-ro* em uma das histórias coletadas durante trabalho de campo: na história de *Xinikaloli*, o falante faz uso do morfema *-ro* ligado ao nome *ixini* ‘onça’. Gramaticalmente, nomes de animais não recebem marcas de gênero em sua morfologia, mas nesse caso o morfema *-ro* parece estar indicando que essa onça não é como as outras, mas possui traços humanos, mais especificamente, de uma mulher.

- (75) *Alanero ixiniro, anine ixiniro.*  
 Alanero            ixini-**ro**                            anine ixini-**ro**  
 NOM.PROP        onça-CLF.ANIMADO?    comer onça-CLF.ANIMADO?  
 ‘Alanero mulher onça, a mulher onça come’ (*Xinikaloli*)

Como mencionado, essa foi a única ocorrência de uma contribuição semântica para além no nicho semântico de sexo biológico a ser documentada até aqui. Acharmos importante mencioná-la para mostrar mais um comportamento peculiar dos morfemas de gênero em Enawene Nawe que merece uma investigação mais aprofundada em pesquisas futuras.

#### 4.2.1.6 Função semântica

Apesar da rara contribuição, os sistemas de gênero costumam apresentar determinadas funções semânticas. Uma dessas funções é a expansão do léxico, conforme aponta Contini-Morava & Kilarski (2013). Isso ocorre pelo uso produtivo de marcas classificatórias para funções derivacionais, isto é, pela reclassificação das raízes lexicais (Passer, 2016, p. 12). No entanto, a diferenciação entre um processo derivacional e simplesmente a classificação de

um mesmo referente não é tão simples, sobre isso Contini-Morava & Kilarski (2013, p. 20) comentam:

Em resumo, as raízes lexicais podem ser usadas com diferentes marcadores de classificação para expressar significados diferentes, o que aumenta o inventário lexical de uma língua. Em alguns casos, esses padrões são suficientemente sistemáticos para que se possa considerar a reclassificação de uma haste nominal como derivacional; em outros, os padrões podem ser menos regulares, mas ainda assim refletem o uso de classe/gênero para agrupamento e diferenciação de conceitos relacionados. Em ambos os casos, pode-se questionar se estamos tratando da mesma raiz nominal ou de uma raiz diferente que seja semelhante em forma e significado, mas os padrões podem ser detectados sem resolver esta questão (Tradução minha)<sup>16</sup>.

A nominalização é um dos processos derivacionais que criam palavras novas em uma língua; e não é incomum que morfemas de gênero apresentem essa propriedade, como afirma Armoskaite (2014) ao analisar o sistema de classificação do Lituano, em que as marcas de gênero feminino são bastante produtivas na criação de novos nomes para a língua, como visto nos exemplos abaixo.

- (76) a. *gimdė*  
gimd-ė  
parir-PAS  
'Ela pariu'
- b. *gimda*  
gimd-**a**  
parir-FEM.NOM.SG  
'Útero'

Na língua Enawene Nawe, as nominalizações são o contexto em que os morfemas de gênero *-li~-ri* e *-lo~-ro* mais aparecem, juntamente com os verbos descritivos. Em alguns casos, essas marcas parecem precedidas por nominalizador agentivo *-nasa*, como vemos nos itens 1-4 do quadro abaixo; outras vezes, são os próprios morfemas de gênero que realizam a derivação, como ilustrado nos itens 5-10. Observamos também que há nominalizações que são feitas somente pelo uso do morfema feminino, enquanto a ausência indica a forma masculina da palavra, como os verbos *sotase* 'saber' e *olatiwaka* 'fazer almoço/cozinhar'.

<sup>16</sup> "In summary, lexical stems may be used with different classification markers to express different meanings, which increases the lexical inventory of a language. In some cases, these patterns are systematic enough that one can regard reclassification of a nominal stem as derivational; in others the patterns may be less regular but nevertheless reflect the use of class/gender for grouping and differentiation of related concepts. In either case one may question whether we are dealing with the same nominal stem or a different stem that is similar in form and meaning, but the patterns can be detected without resolving this question."

**Quadro 16:** Nominalizações a partir do uso dos morfemas de gênero em Enawene Nawe

	<b>Verbo</b>	<b>Glosa</b>	<b>Nominalização</b>	<b>Glosa</b>
1.	<i>yakakali</i>	atirar	yakakali-nasa- <b>li</b> / yakakali-nasa- <b>lo</b>	Atirador (a)
2.	<i>wererewali</i>	correr	wererexowali-nasa- <b>li</b> / wererexowali-nasa- <b>lo</b>	Corredor (a)
3.	<i>danakali</i>	caçar	danakali-nasa- <b>li</b> / danakali-nasa- <b>lo</b>	Caçador (a)
4.	<i>menolalita</i>	Nadar	menolali-nasa- <b>li</b> / menolali-nasa- <b>lo</b>	Nadador (a)
5.	<i>oseratiya</i>	chorar	oseratiya- <b>li</b> / oseratiya- <b>lo</b>	Chorão / Chorona
6.	<i>merataha</i>	Pescar	merataha- <b>li</b> / merataha- <b>lo</b>	Pescador (a)
7.	<i>awerata</i>	Curar	werata- <b>lo</b> / werata- <b>li</b>	Enfermeiro, curandeiro / Enfermeira, curandeira
8.	<i>olatiowaseka</i>	Fazer almoço/cozinhar	olatiowase- <b>Ø</b> / olatiowase- <b>ro</b>	Cozinheiro (a)
9.	<i>sotase</i>	saber	sotase- <b>Ø</b> / sotase- <b>ro</b>	Sábio / Sábida
10.	<i>hera</i>	Estar bravo	hera- <b>li</b> / hera- <b>lo</b>	Bravo / Brava

Em meio aos dados elicitados de nominalizações, mesmo que escassas, observamos ocorrências em que os morfemas de gênero são utilizados para derivar nome de nome, como *darata-li/darata-lo* ‘professor(a)’ derivados de *darati* ‘papel/escrita’; e verbo ativos derivados de verbo ativos, como nos exemplos abaixo com os verbos *haosota-li/haosota-lo* ‘ensinar para homem/ensinar para mulher’(77ab) criados a partir de *haosota* ‘ensinar’, e *holikwa-li/holikwa-lo* ‘dançar (para homem)/dançar (para mulher)’, do verbo *holikwa* ‘dançar’ (78ab).

(77) a. *daratalo haosotalikena enoti walatane heye diwa*  
 darat-a-**lo** haosota-**li**-kena enoti walata-ne  
 papel-?-FEM ensinar-MASC-? não-indígena língua-POSS  
 heye diwa-**li**-se  
 POSP criança-MASC-CLF.LONGO  
 ‘A professora ensina português para o menino’ (Elicitação)

b. *daratalo haosotalokena enoti walatane heye diwa*  
 darat-a-**lo** haosota-**lo**-kena enoti walata-ne  
 papel-?-FEM ensinar-FEM-? não-indígena língua-POSS  
 heye diwa-**lo**-se  
 POSP criança-FEM-CLF.LONGO  
 ‘A professora ensina português para a menina’ (Elicitação)

- (78) a. *Thainala holikwalo? Holikwalo.*  
 Thaina-la                    holikwa-**lo**    Ø-holikwa-**lo**.  
 NOM.PROP-INT            dançar-FEM    3SG-dançar-FEM  
 ‘A Thainá dança? Dança.’ (Elicitação)
- b. *Jurandirla holikwali? Holikwali.*  
 Jurandir-la                    holikwa-**li**    holikwa-**li**.  
 NOM.PROP-INT            dançar-MASC    3SG-dançar-MASC  
 ‘O Jurandir dança? Dança.’ (Elicitação)

As funções semânticas (e funcionais) dos morfemas de gênero em Enawene Nawe necessitam de uma investigação mais aprofundada, para que assim possibilite uma melhor compreensão dessas ocorrências. Além disso, como é possível perceber neste trabalho, há uma carência principalmente de dados espontâneos da língua; assim, a ampliação da base de dados também se faz necessária.

Dito isto, o comportamento do gênero em Enawene Nawe se mostrou bastante diferente daquele proposto pela tipologia linguística, com os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* ficando restritos ao sintagma nominal quando ligado a nomes com referentes humanos e nominalizações; e quando fora do SN, se restringem a verbos estativos descritivos, sendo semanticamente significativos e obrigatórios somente quando os nomes apresentam os traços [+animado] e [+humano].

O quadro abaixo sintetiza as propriedades analisadas do sistema de gênero em Enawene Nawe.

**Quadro 17:** Propriedades do sistema de gênero em Enawene Nawe

Propriedade de um sistema de gênero gramatical	Sistema de gênero em Enawene Nawe
Marcação múltipla	Não
Classifica todos os nomes	Não
Classificação inflexível	Sim com referentes humanos / Não para o resto do léxico nominal
Marcação baseada no sistema	Sim com referentes humanos / Não para o resto do léxico nominal
Ocorre em todos os contextos	Não
Contribuição semântica limitada	Sim
Podem desempenhar semânticas e discursivas	Sim

Como é possível observar, esse sistema de classificação da língua possui propriedades que destoam do que um sistema de gênero gramatical deveria apresentar. O questionamento a ser feito é: ainda podemos chamá-lo de *gênero gramatical* quando seu comportamento claramente não corresponde a essa categoria? Ao fim deste capítulo retornaremos a essa discussão.

Passemos agora à análise e descrição do sistema de classificadores documentados na língua Enawene Nawe.

### 4.3 Classificadores

Outro mecanismo de que as línguas do mundo se valem para classificação do léxico nominal é, como mencionado anteriormente, o sistema de classificadores. Ao contrário dos estudos sobre gênero gramatical, foi somente a partir da segunda metade do século XX que os classificadores passaram ter mais atenção dos estudiosos da linguística, sendo os pioneiros os trabalhos de Allan (1977) e Lyons (1977). A partir dos primeiros anos do século XXI, outros estudos tipológicos foram realizados, como é o caso dos textos de Grinevald (2000), Aikhenvald (2000) e muitos outros trabalhos que surgiram ao longo das décadas, o que possibilitou o refinamento da tipologia desses sistemas (Kilarski, 2013, p. 180).

Assim como o gênero, a presença de classificadores está atrelada às características genéticas de uma língua. Deste modo, línguas isolantes tendem a apresentar classificadores ao invés de marcas de gênero (Passer, 2016, p. 20). Além disso, há determinadas áreas do globo em que línguas com sistemas de classificadores são mais comuns: Dixon (1986, p.109) aponta que o sul do continente asiático, as Américas, a África e a Austrália são regiões em que classificadores são frequentemente encontrados.

Segundo Allan (1977), os classificadores são definidos a partir de dois critérios: eles são morfemas que ocorrem na estrutura morfossintática da língua e possuem significado. Assim, o autor apresentou uma série de categorias semânticas que serviriam como base para muitos dos estudos realizados sobre classificadores nos anos seguintes. Ele então aponta sete bases semânticas para a classificação nominal por meio de classificadores, são elas: a) material; b) configuração; c) consistência; d) tamanho; e) localização; f) arranjo; e g) quantidade.

Grinevald (2000) propôs uma tipologia morfossintática dos sistemas de classificadores. Ela afirma que das sete categorias semânticas apontadas por Allan (1977), somente (a-d) e, talvez, (e) seriam características marcadas por classificadores. A autora define os classificadores como um sistema explícito de categorização nominal, com clara origem

lexical e usado em contextos morfossintáticos específicos. Grinevald afirma que classificadores podem se apresentar tanto como morfemas independentes, quanto como afixos ligados a outras categorias lexicais.

Aikhenvald (2000, p. 13) retoma a definição de Allan (1977) para afirmar que classificadores também podem se comportar como morfemas que ocorrem na morfossintaxe de uma língua sob condições específicas, tendo significado e denotando determinadas características salientes dos referentes nominais. Para a autora, assim como nos sistemas de gênero gramatical, os classificadores podem apresentar diferentes graus de gramaticalização. Senft (2007) e Contini-Morava e Kilarski (2013) definem classificadores como sendo todos os meios de classificação nominal que não são gêneros/classes nominais.

Esse sistema é dividido em *classificadores nominais*, ocorrendo dentro do sintagma nominal adjacentes ao nome ao qual classificam; *classificadores numerais*, morfemas presentes em construções quantitativas ou ligados a numerais; *classificadores genitivos*, que estão presentes em sentenças possessivas; *classificadores verbais*, que classificam um referente nominal ao ocorrerem ligados a verbos; e *classificadores locativos*, tipos mais raros e que se apresentam como argumento de uma adposição locativa (cf. Allan, 1977; Dixon, 1986; Aikhenvald, 2000; Grinevald, 2000; 2015).

Aikhenvald (2017) também faz uma referência em seu trabalho tipológico a um outro tipo de classificador: os *classificadores múltiplos*. A autora afirma que os classificadores múltiplos se caracterizam por serem marcas classificatórias que podem ocorrer em diversos contextos morfossintáticos. Esse tipo de classificador é bastante presente nas línguas amazônicas, inclusive nas línguas Aruák, em que “mais da metade das línguas possuem um complexo sistema de classificadores múltiplos” (Aikhenvald, 2020, p. 21).

A seguir veremos a descrição dos classificadores da língua Enawene Nawe e suas propriedades morfossintáticas e semânticas.

#### 4.3.1 Classificadores em Enawene Nawe

A língua Enawene Nawe também faz uso de classificadores para categorização de referentes com base em traços semânticos de *forma*, *tamanho* e *consistência*. Esses morfemas podem ocorrer ligados aos nomes, tendo função derivacional, a verbos e numerais e, em menor ocorrência, em demonstrativos, possuindo função anafórica. Esse comportamento é característico do que Aikhenvald (2017) chama de *classificadores múltiplos*, isto é, o mesmo classificador pode ocorrer em mais de um contexto (p. 383).

Brandão e Reis (2022) descreveram sete classificadores que ocorrem como afixos em Enawene Nawe. Aqui apresentamos a descrição de mais quatro morfemas documentados na língua, como vemos no quadro abaixo. Dos onze, apenas se tem conhecimento da origem lexical de cinco classificadores: *-kase(-)* ‘logo,rígido’ é originado do nome *kase(ti)* ‘perna’; *-xi(-)* ‘pequeno’ de *ikiaxixi* ‘ser.pequeno’; *-nase* ‘cilíndrico’ deriva de *anase* ‘mão de pilão’; *-ako* ‘dentro’ do advérbio *ako*; e *-ri(-)* ‘redondo’ originado de *iri* ‘fruto’.

**Quadro 18:** Classificadores em Enawene Nawe

Classificador	Glosa
<i>-kase(-)</i>	‘longo’
<i>-hi(-)</i>	‘fino, longo’
<i>-se(-)</i>	‘pequeno alongado’
<i>-xi(-)</i>	‘pequeno’
<i>-nase(-)</i>	‘cilíndrico’
<i>-oko(-)</i>	‘circular’
<i>-ri(-)</i>	‘redondo’
<i>-la(-)/-ra(-)</i>	‘líquido’
<i>-he</i>	‘consistência de pó’
<i>-kwa(-)</i>	‘plano’
<i>-ako</i>	‘dentro’

O classificador *-kase* é usado para categorizar referentes que tenham não só um tamanho alongado, mas também uma forma rígida e inflexível. Pode ser usado com determinados animais (79), objetos (80) e, em contextos específicos, com seres humanos, ao fazer referência à altura (81).

- (79) *doho oxikakasero*  
 doho            oxika-**kase-ro**<sup>17</sup>  
 calango        ser.amarelo-CLF.LONGO-FEM  
 ‘O calango é amarelo’ (Brandão e Reis, 2022, p. 6)

- (80) *xixawekase nowane*  
 xixawe-**kase**            no-wane  
 cuiá-CLF.LONGO        1SG-BEN  
 ‘Tenho colheres’ (Elicitação)

- (81) *nawalikase.*  
 n-awa-li-**kase**

<sup>17</sup> A ordem dos morfemas de gênero e classificadores no mesmo contexto não é fixa: em alguns casos, o classificador ocorre antes do gênero (79), mas também é possível que essa ordem seja invertida (81). Não está claro até esse ponto se a diferença na posição dos morfemas é gramaticalmente significativa.

1SG-ser.bonito-MASC-CLF.LONGO  
 “Eu sou bonito e alto.” (Elicitação)

O classificador *-hi* também faz referência a seres de estrutura alongada, mas que possuem forma fina, ocorre com partes do corpo (82), objetos (83), e nomes de animais (84), podendo estar lexicalizado alguns casos, como em *dalihi* ‘lacreia’.

- (82) *kitakotihi*  
 kitakoti-**hi**  
 cintura-N.POSS-CLF.FINO  
 “Cintura fina” (Elicitação)
- (83) *hatokolyohi*  
 katokolyo-**hi**  
 galão-CLF.FINO  
 ‘Garrafa’(Elicitação)
- (84) *yakialihi*  
 yakiali-**hi**  
 jacaré-CLF.FINO  
 ‘tuvira’ (Brandão e Reis, 2022, p. 7)

Diferentemente de Brandão e Reis (2022), que descrevem o afixo *-se* como tendo o significado de grande/longo, aqui entendemos que esse classificador faz referência a entidades de tamanho relativamente pequeno, mas com forma alongada, como é possível perceber nos exemplos abaixo. Esse classificador pode ocorrer com nomes referentes a seres humanos (85), animais (86) e objetos (87). Sua origem lexical é incerta.

- (85) *diwalose*  
 diwa-lo-**se**  
 criança-FEM-CLF.PEQUENO.ALONGADO  
 ‘Menina’ (Brandão e Reis, 2022, p. 6)
- (86) *hoserese kahalatesero*  
 hoserese kahalate-**se-ro**  
 coruja pintando.com.bolinhas-CLF.PEQUENO-FEM  
 ‘A coruja é pintada de bolinhas’ (Elicitação)
- (87) *dokwaitise*  
 dokwaiti-**se**  
 lanterna-CLF.PEQUENO.ALONGADO

‘Pilha de lanterna’ (Elicitação)

O classificador *-xi*, originado de verbo descritivo *ikiaxixi* ‘ser pequeno’, é o morfema mais produtivo com referentes humanos, fazendo referência a bebês ou pessoas de baixa estatura (88ab); também categoriza animais (89) e objetos pequenos (90).

- (88) a. *diwaxi*  
 diwa-**xi**  
 criança-CLF.PEQUENO  
 ‘Bebê’ (Texto)
- b. *ere awaloxi*  
 ere            awa-lo-**xi**  
 3sg            ser.bonito-FEM-CLF.PEQUENO  
 ‘Ela é bonitinha’ (Texto)
- (89) *tawalowaxi*  
 tawalowa-**xi**  
 barata-CLF.PEQUENO  
 ‘Baratinha’ (Elicitação)
- (90) *maratiholaxi*  
 maratihola-**xi**  
 isca-CLF.PEQUENO  
 ‘A isca é pequena’ (Brandão e Reis, 2022, p. 7)

O classificador *-nase* categoriza entidades de forma arredondada como cilindros. Sua origem lexical possivelmente é da palavra *anase* ‘mão de pilão’. Esse morfema pode ocorrer com animais (91), fazendo referência ao formato de corpos humanos (92); ou com seres inanimados tridimensionais de formato comprido e arredondado (93).

- (91) *ixini dotanasero*  
 ixini    dota-**nase**-ro  
 onça    vermelho-CLF.CILÍDRICO-FEM  
 ‘Onça parda’ (Elicitação)
- (92) *awalita taneta towane wiyayowa wixonase.*  
 awa-li-ta                    taneta                    towane                    wi-ayo-wa  
 bonito-MASC-EMPH        ?                    ?-BEN                    1PL-ver-REF  
 wixo-**nase**  
 nós-CLF.CILÍDRICO

‘Nós vimos que foi ficando bonito com nós (com a mesma forma de seres humanos)’ (*Iyakaliti*)

- (93) *okolinase*  
 okoli-**nase**  
 flecha-CLF.CILÍDRICO  
 ‘Arma de fogo’ (Elicitação)

Conforme Brandão e Reis (2022), o afixo *-oko(-)* categoriza referentes de formas circulares e tridimensionais. É lexicalizado em nomes de parte do corpo como *kanase-oko* BOCA-CLF.CIRCULAR ‘lábio’ e alguns objetos como *tinihi-ti-oko* orelha-N.POSS-CLF.CIRCULAR ‘brinco’. Ocorre também com nomes de objetos (94) e animais (95), como vemos abaixo em exemplos retirados de Brandão e Reis (2022, p. 8).

- (94) *halakota nokolioko awitalioko?*  
 halakota      n-okoli-**oko**                      awita-li-**oko**  
 onde            1SG-flecha-CLF.CIRCULAR      ser.novo-MASC-CLF.CIRCULAR  
 ‘Onde está meu arco novo?’ (Brandão e Reis, 2022, p. 8)

- (95) *manese erokoli*  
 manese            er-**oko**-li  
 sucuri            ser.grande-CLF.CIRCULAR-MASC  
 ‘A sucuri é grande’ (Brandão e Reis, 2022, p. 8)

O classificador *-ri* e seu alomorfe *-li* têm exatamente a mesma morfologia da marca de gênero masculino e, por isso, demandou um pouco mais atenção em sua análise. Não é fácil identificar se o morfema em questão é um classificador ou indica gênero, principalmente quando ligado a seres não humanos.

Dito isto, foi observado que esse morfema também classifica entidades que apresentam forma arredondada, com a diferença de que nesse caso os referentes possuem uma circunferência menor, arredondada como um fruto, tendo sua origem na palavra *iri* ‘fruto’. Aparece lexicalizado em partes do corpo como *xiweri* ‘cabeça’ e *kakoli* ‘bochecha’ e pode ocorrer com nomes de animais (96).

- (96) *malola koxirisero*  
 malola            koxi-**ri**-se-ro  
 tatu.peba        ser.pequeno-CLF.REDONDO-FEM-CLF.PEQUENO.AÇONGADO-FEM

‘O tatu é pequeno’

Brandão e Reis (2022) descrevem os morfemas que categorizam líquidos como *-ya* (97a) e *-da* (97b), tal como ocorre em Paresi, língua Aruák geneticamente mais próxima do Enawene Nawe. Os dados das autoras são de falantes anciãos do povo.

(97) a. *kairiya notera*  
           *kairi-ya*                               no-tera  
           milho-CLF.LÍQUIDO               1SG-beber  
           ‘Bebo chicha de milho’

b. *ekinodakoda*  
       *ekinodako-da*  
       ekinodako-CLF.LÍQUIDO  
       ‘Rio Ekinodakoda’

(Brandão e Reis, 2022, p. 8)

Durante nossa coleta, realizada com alguns falantes mais jovens, na casa dos 20 anos, observamos a possibilidade de estes morfemas estarem ocorrendo como *-ra* e *-la*, como vemos nos exemplos (98a) e (98b), respectivamente. Há a hipótese de que esses morfemas estejam passando por uma alomorfa, condicionada pelo fator geracional. No entanto, os dados não são suficientes para chegar a uma conclusão.

(98) a. *ketera*  
           *kete-ra*  
           mandioca-CLF.LÍQUÍDO  
           ‘Chicha de mandioca’ (Elicitação)

b. *kolitola*  
       *kolito-la*  
       milho-CLF.LÍQUIDO  
       ‘Chicha de milho’ (Elicitação)

Outro classificador que aponta a consistência dos referentes é *-he*, categorizando coisas que tenham aspecto de pó ou farinha. Não é tão produtivo, ocorrendo principalmente como morfema derivacional (99ab), já sendo lexicalizado em nomes como *honehe* ‘areia’ e *makalahe* ‘farinha específica para fazer chicha’.

(99) a. *malatihe*  
           *malati-he*

jacu-CLF.PÓ  
 ‘Tipo específico de farinha escura’ (Elicitação)

b. *esewehe*  
 ese-we-**he**  
 semente-?-CLF.PÓ  
 ‘Sal’ (Elicitação)

O classificador *-kwa* é outro morfema cuja origem lexical é incerta; ele classifica referentes de dimensões planas. Ocorre em todos os nomes de aldeia dos Enawene Nawe que, segundo Silva (2012, p. 94) sempre fazem menção a algum curso d’água, como *Halataikwa*, *Kolinakwa*. O autor, que não é linguista, chama esse morfema de “sufixo de lugar”, e de fato observamos esse morfema agindo como uma posposição locativa significando ‘em’ ‘no/na’, tendo seu uso determinado pela característica semântica plana do nome classificado (100ab), conforme afirma Aikhenvald (2017, p. 380). Ocorrências semelhantes são vistas em Paresi e Palikur (cf. Brandão, 2014, p. 125; Aikhenvald & Green, 2012, p. 458). Nossa análise mostrou também sua ocorrência categorizando peixes de forma achatada (101ab).

(100) a. *hotakinekwa herayatiha kakwa kali*  
 hotaki-ne-**kwa** herayati-ha kakwa kali  
 aldeia-POSS-POST.LOC fazer.festa-PL COM também  
 ‘Na aldeia (dos peixes) também fazem festa com ela’ (*Xinikaloli*)

b. *alitioko otaka werakwa tiyane*  
 alitioko otaka wera-**kwa** Ø-tiya-ne  
 pimenta fogo jirau-POST.LOC 3SG-fazer-3SG.O  
 ‘Ela faz fogo de pimenta no jirau’ (*Xinikaloli*)

(101) a. *kaialikwase koxikwasero, aikiolikwase*  
 kaiali-**kwa**-se koxi-**kwa**-se-ro,  
 piranha-CLF.PEQUENO pequeno-CLF.PLANO-CLF.PEQUENO-FEM  
 aikioli-**kwa**-se  
 dente-CLF.PLANO-CLF.PEQUENO  
 ‘A piranha é pequena e o dente é pequeno’ (Elicitação)

b. *walalailiyaka erokwasero*  
 walalailiyaka ero-**kwa**-se-ro  
 abotoado ser.grande-CLF.PLANO-CLF.PEQUENO.ALONGADO-FEM  
 ‘O peixe abotoado é grande’ (Elicitação)

Outro classificador que pode ocorrer como uma posposição locativa em Enawene Nawe é *-ako*, como vemos em (102). É usado para indicar a parte interna de órgãos (103) e já está lexicalizado em algumas partes do corpo (104);

- (102) *mahia hakolako wala, mamalo okwa. nohekiowa okwa*  
 mahia            **hakol-ako**            wala    mamalo            okwa.  
 não                casa-POST.LOC            NEG    mãe                dizer  
 no-hekiowa    okwa  
 1SG-fora        dizer  
 ‘Não foi na casa (que eu nasci), minha mãe disse. Eu (nasci) fora.’ (*Hawenanali*)

- (103) *wakowa kiya dosakori*  
 wakowa            kiya    dos-**ako**-ri  
 acauã             preto    olho-CLF.DENTRO-CLF.REDONDO?  
 ‘O olho do acauã é preto’ Lit. Dentro do olho do acauã é preto (Elicitação)

- (104) *hinodoako*  
 hinodo-**ako**  
 pescoço-CLF.DENTRO  
 ‘Garganta’ (Elicitação)

Descrito os onze classificadores em Enawene Nawe, começamos a partir daqui a analisar a literatura base deste trabalho e as propriedades contidas no quadro 12 para entender mais a fundo o comportamento do sistema de classificadores na língua, iniciando pela propriedade de marcação múltipla/única.

#### 4.3.1.1 *Marcação Múltipla/Única*

A marcação múltipla não é uma propriedade dos sistemas de classificadores, já que essas marcas comumente ficam restritas ao sintagma nominal (Grinevald, 2000; 2008; Aikhenvald, 2000; Contini-Morava e Kilarski, 2013). Para Passer (2016), apesar de existir a possibilidade de classificadores estarem presentes em outras categorias lexicais, eles não ocorrem em múltiplos alvos de concordância. Sobre isso, autor retoma o texto de Allan (1977) para explicar que:

Os marcadores de concordância copiam informações do nome e ocorrem em uma gama de satélites nominais e possivelmente no próprio nome. Os classificadores "têm significado, no sentido de que um classificador denota alguma característica saliente percebida ou imputada da entidade à qual um nome associado se refere (ou pode se referir)" (Allan 1977: 285). Os classificadores, portanto, não copiam informações

semânticas do nome, mas eles próprios carregam essas informações. (Tradução minha)<sup>18</sup>

(Passer, 2016, p. 198)

Assim, prototipicamente, a propriedade distintiva dos classificadores é a sua *marcação única* (Passer, 2016), já que esses sistemas são comumente definidos como marcas que ocorrem pelo menos uma vez dentro do chamado “contexto classificatório” (Dixon, 1986; Grinevald, 2000), que seria a sentença encabeçada pelo nome a ser classificado.

Como falamos anteriormente, se considerássemos a definição de Corbett (1991) para analisar as ocorrências dos classificadores em Enawene Nawe, teríamos que considerar que esses morfemas podem apresentar concordância gramatical, já que eles ocorrem em palavras associadas aos nomes fora do sintagma nominal em verbos estativos descritivos como vemos nos exemplos (94), (95), (96) e (100ab). Ademais, também ocorrem em pronomes (105) e numerais (106).

- (105) *hataako kanene xewalaka. Dodokiene, enaolila enako*  
 hat-**ako**                      kanene                      xewalaka                      Dodokiene,  
 outro-CLF.DENTRO      CONJ                      chefe                      NOM.PROP  
 en-aoli-la  
 3SG-cacique-POSS  
 ‘Outro (quarto dentro da casa) é do chefe. Dodokiene, cacique dele.’ (*Hotaketi*)

- (106) *wakowa, nowayowa ikianawerese atatanaheno.*  
 wakowa                      no-wayowa                      ikianawe-re-se  
 acauã                      1SG-ver                      dois-?-CLF.PEQUENO.ALONGADO  
 ata-tana-heno  
 galho-ávore-em.cima  
 ‘Vi dois acauãs em cima do galho’

(Brandão e Reis, 2022, p. 9)

No entanto, seguimos o conceito de marcação única de Passer (2016) por entender que este conceito se adequa melhor ao comportamento dos sistemas nominais da língua analisada. Sob essa perspectiva, nossa análise mostrou que os classificadores em Enawene Nawe não apresentam marcação múltipla, o que está de acordo com o comportamento prototípico da categoria. Brandão e Reis (2022, p.10) apontam uma única ocorrência elicitada

<sup>18</sup> “Agreement markers copy information from the head noun and occur on a range of nominal satellites and possibly on the noun itself. Classifiers “have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristic of the entity to which an associated noun refers (or may refer)” (Allan 1977: 285). Classifiers thus do not copy semantic information from the head noun but carry this information themselves.”

dessas marcas expressas em mais de um alvo de concordância (107). No entanto, essa é um caso raro e opcional, já que como vimos em outros exemplos, a informação semântica carregada pelo classificador é suficiente quando inserida na sentença uma única vez.

- (107) *xamiyali ikianawenase horanasero tekwa*  
 xamiyali ikianawe-**nase** hora-**nase-ro** tekwa  
 caititu dois-CLF.CILÍNDRICO ser.bravo- CLF.CILÍNDRICO-FEM fugir  
 ‘Dois caititus bravos fugiram’

(Brandão e Reis, 2022, p.10)

Para Passer (2016, p. 199), o único “desvio” dessa marcação única seria o que ele chama de *classificação dupla*. A classificação dupla consiste em contextos nos quais há a ocorrência de dois classificadores diferentes ligados a um mesmo referente. Nesses casos, de acordo com o autor, esses classificadores diferem quanto a semântica: cada um deles classifica o referente nominal “de acordo com a sua própria perspectiva”. Além disso, a ordem em que os classificadores são expressos parece ser relativamente livre e não há qualquer documentação de línguas em que mais de dois classificadores coocorrem com o mesmo nome (Dixon, 1982, p.203).

Em Enawene Nawe, a maioria dos classificadores podem coocorrer ligados ao mesmo nome; são exceções o classificador e *-kase* ‘longo, rígido’, e os morfemas que categorizam a consistência dos referentes, *-he* ‘pó’ e *-ra~-la* ‘líquido’. Abaixo são apresentados exemplos do nosso *corpus* em que vemos a coocorrência de classificadores que, cada um a seu modo, salientam diferentes traços semânticos de um mesmo referente.

- (108) *olawahisehi*  
 olawahi-**se-hi**  
 corda-CLF.PEQUENO.ALONGADO-CLF.FINO  
 ‘Cordinha fina’ (Elicitação)

- (109) *maose koxilisero*  
 maose koxi-**li-se-ro**.  
 tatu.canastra SER.PEQUENO-CLF.REDONDO-CLF.PEQUENO.ALONGADO-FEM  
 ‘O tatu canastra é pequeno’ (Elicitação)

- (110) *diwatirih*  
 diwa-ti-**ri-hi**  
 criança-N.POSS-CLF.REDONDO-CLF.FINO  
 ‘Dedinho’ (Brandão e Reis, 2022, p. 6)

#### 4.3.1.2 *Obrigatoriedade*

Outra propriedade distintiva dos classificadores é a sua *não obrigatoriedade*. Esses morfemas não são inseridos em todo e qualquer contexto, o que implica que a sua classificação não é obrigatória. Classificadores também não classificam todos os nomes de uma língua. Isso se dá porque o escopo semântico desses morfemas não cobre todo o léxico nominal de uma língua; assim, determinados nomes são “excluídos” de certas categorias cobertas pelos classificadores (cf. Passer, 2016, p. 187-193).

Mais da metade das línguas Aruák apresentam um sistema complexo de classificadores que podem ocorrer em verbos, nomes e construções possessivas; eles frequentemente fazem referência a forma, consistência e animacidade dos referentes (Aikhenvald, 2020, p. 2). E assim como é próprio desse sistema, classificadores em línguas Aruák não são obrigatórios em todos os contextos linguísticos e não classificam todos os nomes.

Em Enawene Nawe, a classificação de referentes por meio de classificadores não é obrigatória e, por consequência, não cobre o léxico nominal por completo. Notamos, no entanto, que esses morfemas estão passando a ser mais significativos em construções com referentes não humanos, que é justamente o contexto em que os morfemas gênero não ocorrem com frequência. Ainda assim, isso não significa que os classificadores são de uso obrigatório com inanimados não humanos e inanimados.

#### 4.3.1.3 *Flexibilidade na classificação e tipo de marcação*

Prototipicamente, sistemas de classificadores permitem uma maior flexibilidade na classificação dos nomes, que podem não só ser categorizados em mais de uma classe, mas também ocorrer com dois classificadores simultaneamente. Isso ocorre pelo fato de existir a possibilidade de um mesmo referente nominal ter diferentes propriedades semânticas destacadas por diferentes classificadores, como vimos acima e conforme menciona Passer (2016, p. 210),

Os exemplos do Mandarim mostram um mesmo referente sendo diferenciado por dois classificadores. Segundo Zhang (2007), o classificador *zhang* indica uma pintura como uma entidade física de superfície plana; *fu* acrescenta mais significados para a sentença: diferentemente de *zhang*, o uso do classificador *zhen* carrega implicações de sofisticação, indicando que pintura em questão é valiosa.

- (111) a. *yi zhang hua*  
 yi zhang hua  
 um CLF.PLANO pintura  
 ‘Uma pintura’
- b. *yi zhen hua*  
 yi zhen hua  
 um CLF.PAPEL pintura  
 ‘Uma pintura’
- (Zhang, 2007, p. 53)

A classificação nominal por meio de classificadores em Enawene Nawe mostrou, assim como é esperado dessa categoria, uma certa flexibilidade: há casos, como vimos mais acima, de um mesmo nome ocorrer com dois classificadores, assim como referentes poderem ter certas propriedades semânticas sendo especificadas por diferentes classificadores em diferentes contextos. Deste modo, a escolha do falante por determinado classificador é baseada em qual propriedade do referente ele deseja destacar (Aikhenvald, 2000, p. 44). Nos exemplos abaixo temos a palavra *diwa*, nome sem gênero que se refere a uma criança independente de idade ou sexo, mas que com o devido classificador (e morfema de gênero), especifica uma propriedade do referente.

- (112) a. *diwaxi nato haita ahero wane*  
 diwa-xi nato haita ahero wane  
 criança-CLF.PEQUENO eu já avó morrer  
 ‘Eu era criança (bebê) e minha avó já tinha morrido’ (*Hawenanali*)
- b. *diwalise ehitana, maiha erolise wala.*  
 diwa-li-se ehi-ta-na  
 criança-MASC-CLF.PEQUENO.ALONGADO transformar-EMPH-IMPERF  
 maiha ero-li-se wala  
 não ser.grande-MASC-CLF.PEQUENO.ALONGADO NEG  
 ‘Se transformou em criança (menino), não era grande.’ (*Xinikaloli*)

A flexibilidade na classificação é uma propriedade diretamente ligada ao tipo de marcação que o sistema apresenta, como foi possível observa na análise do gênero em Enawene Nawe.

Sistemas de classificadores comumente apresentam uma marcação baseada nas escolhas dos falantes, algo que está intimamente relacionado com o grau de gramaticalização desses morfemas (Passer, 2016, p. 216). Há, é claro, exceções a essa regra, já que muitas línguas

apresentam classificadores mais gramaticalizados, ou mesmo lexicalizados em muitas palavras, o que impossibilita qualquer tipo de variação.

Em Enawene Nawe, apesar da ocorrência de morfemas lexicalizados em alguns nomes da língua, que nesses casos impossibilita qualquer variação, o sistema de classificadores permite que a marcação seja baseada nas escolhas e necessidades dos falantes.

- (113) a. *wisowisohi kaxahi*  
 wisowisohi kaxa-**hi**  
 caiarara ser.fino-CLF.FINO  
 ‘O caiarara (espécie de macaco) é fino’ (Elicitação)
- b. *etako wisowisohi koxiokose*  
 etako wisowisohi  
 DEM caiarara  
 koxi-**oko-se**  
 ser.pequeno-CLF.CIRCULAR-CLF.PEQUENO.ALONGADO  
 ‘Aquele caiarara é pequeno’ (Elicitação)

O fato de a marcação por meio de classificadores apresentar a flexibilidade de um mesmo referente poder ser categorizado por mais de um classificador a depender a escolha e necessidade do falante, corresponde com a linha de gramaticalização proposta por Passer (2016), colocando o sistema de classificadores em Enawene Nawe junto com outros menos gramaticalizados.

#### 4.3.1.4 *Locus operandi e Contribuição semântica*

Por consistirem em um sistema de marcação única, a ocorrência dos classificadores fica limitada a poucos contextos: geralmente dentro do sintagma nominal. No entanto, uma vez que essas marcas são introduzidas no discurso, podem ocorrer fora do SN e apresentar função anafórica (Passer, 2016, p. 206).

Como vimos anteriormente, os tipos de classificadores mais comuns nas línguas do mundo são: nominais, verbais, numerais, locativos e genitivos. Em Enawene Nawe, os classificadores podem ocorrer na morfologia dos próprios nomes, em verbos estativos descritivos, alguns pronomes, numerais e construções locativas, propriedade que Aikhenvald (2017) chama de *classificadores múltiplos*. Classificadores não foram encontrados em construções genitivas da língua. Além disso, essas marcas também não ocorrem em adjetivos (Brandão e Reis, 2022), e mesmo nos contextos morfossintáticos em que ocorrem, o uso dos

classificadores está a critério dos falantes, o que indica a não obrigatoriedade desse sistema em nenhum dos contextos da língua Enawene Nawe.

Alguns desses morfemas também podem ocorrer em sentenças sem a presença de um nome, com clara função de anáfora. Esse comportamento resulta da contribuição e função semânticas, além de funções discursivas que os classificadores estão passando a ter na língua Enawene Nawe.

Desta forma, por serem morfemas que carregam significado, espera-se que classificadores contribuam semanticamente com a sentença em que estão presentes. Segundo Passer (2016, p. 274), a contribuição semântica de um sistema está ligada à sua transparência: um sistema com contribuição semântica produtiva é mais acessível do que aqueles com pouca ou nenhuma contribuição (que por consequência, são mais opacos semanticamente).

Deste modo, a classificação nominal pode ser usada para prover informação semântica sobre itens que não recebem qualquer marca de distinção de classe (Contini-Morava e Kilarski, 2013, p. 20). Em Enawene Nawe, os classificadores fazem referência a forma, consistência e tamanho dos referentes categorizados. Como falado acima, quase que a totalidade dos casos de classificação por meio de classificadores é com referente que são [-animado] e [-humano], cuja classificação com base no gênero gramatical é bastante instável e semanticamente opaca. Percebemos assim, que os classificadores estão suprindo a lacuna de classificação deixada pelo sistema de gênero em contextos com referentes não humanos.

Além da alta contribuição semântica e, conseqüentemente, transparência do sistema de classificadores em Enawene Nawe, esses morfemas estão passando a ter algumas funções semânticas e discursivas na língua, como veremos na subseção seguinte.

#### *4.3.1.5 Funções semântica e discursiva*

Uma das funções semânticas que morfemas classificatórios podem apresentar é a criação de itens lexicais por meio de derivação. Segundo Contini-Morava e Kilarski (2013), classificadores não costumam ser utilizados para expansão do léxico. Mas os autores salientam que é comum que esses morfemas tenham essa função quando em dois tipos de sistemas complexos: naqueles em línguas que possuem diferentes sistemas de classificação ou que apresentem classificadores múltiplos (p. 17), como é o caso do Enawene Nawe.

A expansão do léxico ocorre por meio do uso produtivo de morfemas classificatórios na reclassificação da raiz da palavra (Passer, 2016, p. 12). Assim, as raízes lexicais podem ser usadas com diferentes morfemas classificatórios para expressar diferentes

significados, aumentando o inventário lexical da língua (Contini-Morava e Kilarski, 2013, p. 20).

Em Enawene Nawe, os classificadores apresentam um uso bastante produtivo na criação de novas palavras, ao ocorrer ligados às raízes nominais. Muitos desse novos itens lexicais são elementos que não faziam parte da cultura tradicional dos Enawene Nawe (Brandão e Reis, 2022, p. 8), mostrando sua produtividade na criação de neologismos. Abaixo vemos uma lista de itens lexicais criados a partir da utilização dos classificadores em função derivacional; alguns são mais produtivos que outros, mas todos desempenham essa função. Na coluna da esquerda, separamos as raízes nominais que já possuem significado na língua, dos classificadores em **negrito**; na glosa destacamos a tradução da raiz, do classificador e entre aspas, a nova palavra derivada.

**Quadro 19:** Uso derivacional dos classificadores em Enawene Nawe

<b>Nome</b>	<b>Glosa</b>
kotala- <b>se</b>	ave-CLF.PEQUENO.ALONGADO 'passarinho'
kailai- <b>kwa-se</b>	pacu-CLF.PLANO- CLF.PEQUENO.ALONGADO 'piranha'
yakali- <b>hi</b>	jacaré-CLF.LONGO.FINO 'tuvira'
ixini- <b>se</b>	onça-CLF.PEQUENO.ALONGADO 'gato'
katokolyo- <b>hi</b>	galão-CLF.LONGO.FINO 'garrafa'
kamatera- <b>hi</b>	ferro-CLF.LONGO.FINO 'panela'
olata- <b>li</b>	ser.reto-CLF.REDONDO 'prato'
otota- <b>kwa</b>	ser.reto-CLF.PLANO 'mesa'
hode- <b>ra</b>	cheiro-CLF.LÍQUIDO 'gasolina'
xixawe- <b>se</b>	cuia-CLF.PEQUENO.ALONGADO 'copo'
xixawe- <b>kase</b>	cuia-CLF.LONGO.RÍGIDO 'colher'
okoli- <b>nase</b>	flecha-CLF.CILÍNDRICO 'arma de fogo'
okoli- <b>se</b>	flecha-CLF.PEQUENO.ALONGADO 'bala'
watataliwe- <b>se</b>	voz-CLF.PEQUENO.ALONGADO 'gravador'



Pode desempenhar semânticas e discursivas	Sim
---	-----

#### 4.4 Conclusões

Como vimos até aqui, aquilo que temos nomeado como gênero gramatical em Enawene Nawe apresenta características que destoam do que a tipologia tradicional aponta como sendo prototípico para essa categoria nominal. Assim, os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* falham em se encaixar na dicotomia estabelecida entre sistemas de gênero gramatical e classificadores.

Se revisarmos a literatura existente sobre classificação nominal e, principalmente gênero, encontramos muitos exemplos de línguas em que esses sistemas não se encaixam no perfil proposto pela tipologia: o Secoya, mais especificamente a variante da língua Tukano falada no Peru, possui sistemas de classificação que não realizam concordância gramatical, seja entre o nome principal e seus modificadores dentro SN, seja entre um predicado e seus argumentos dentro da oração (Vallejos, 2021).

Segundo Vallejos (2021), raízes nominais com referentes humanos podem ocorrer com os sufixos de gênero *-ki~-i* ‘masculino’ e *-ko~-o* ‘feminino; já nomes de animais quase nunca recebem essas marcas, “exceto em histórias tradicionais em que são representados com características antropomórficas” (p. 433, tradução minha)<sup>19</sup>. Segundo a autora, inanimados são classificados por meio do sistema de classificadores existente na língua, e isso ocorre com base na forma desses referentes. Vallejos então aponta evidências da possibilidade de um sistema de gênero *não* apresentar concordância gramatical, algo que destoa do restante das línguas da família Tukano.

Línguas como o Enawene Nawe e o Secoya podem ser inseridas no que Passer (2016) chama de *Grey Area* ‘área cinza’, em que estariam os sistemas de classificação nominal que falham em corresponder ao que se considera prototípico para essas categorias e que, segundo o autor, existem em maior número se comparados aos que se encaixam dentro do que a tipologia aponta.

Para Passer (2016), muitas vezes se considera que esses sistemas sejam transicionais, ou seja, que seriam um estágio intermediário de mudança entre um sistema e outro; algo que, segundo o autor, nem sempre é o caso. Conforme a tipologia, essa mudança sempre ocorre de sistemas menos gramaticais ao mais gramaticais, com classificadores se

<sup>19</sup> “[...] except in traditional stories, where animals are represented with anthropomorphic features” (Vallejos, 2021, p. 433).

tornando sistemas de gênero gramatical, mas nunca o inverso. Então a mudança dos morfemas de gênero em Enawene Nawe para classificadores seria tipologicamente improvável.

Deste modo, assim como Passer (2016), não entendemos o sistema de classificação nominal ao qual até aqui temos chamado de gênero gramatical como sendo um sistema que estaria passando por um processo de transição no sentido de se tornar outra categoria. Mas é inegável que os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* falham em se encaixar na dicotomia estabelecida entre sistemas de gênero gramatical e classificadores.

É bastante provável que uma análise que foque nos aspectos funcionais dessa categoria possibilite uma melhor percepção das reais diferenças entre as marcas de gênero e classificadores em Enawene Nawe, conforme menciona Contini-Morava e Kilarski (2013). Algo que não foi possível realizar neste trabalho devido a limitação do *corpus* analisado.

Ainda assim fica claro que, embora compartilhem determinadas propriedades morfossintáticas, as distribuições das categorias descritas na língua não são idênticas, o que sugere que ainda estamos lidando com dois sistemas diferentes que coexistem em Enawene Nawe.

Como observamos na análise apresentada até aqui, ainda há produtividade de uso dos morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro*, e ela é fortemente condicionada pelo traço semântico [+humano]: em contextos com humanos, a marcação de gênero é diferenciada pelo sexo biológico dos referentes, sendo obrigatória e inflexível, ou seja, não há qualquer variação.

Por conta dessas propriedades, continuamos a afirmar que os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* são marcas de gênero que classificam em masculino e feminino determinados nomes em Enawene Nawe. No entanto, por não apresentar marcação múltipla e não classificar todos os nomes, acreditamos que essa categoria não possa ser chamada de gênero *gramatical*, já que, como foi possível observar, esse sistema possui um baixo grau de gramaticalização e não ocorre em todos os contextos gramaticais da língua.

Deste modo, acreditamos que, assim como em Secoya, os morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* em Enawene Nawe sejam um exemplo de marcas de gênero que realizam a classificação de referentes *sem* marcação múltipla/concordância gramatical. E assim, como o gênero, os classificadores não apresentam essa propriedade.

Se olharmos para família Aruák, Aikhenvald (2020) afirma que muitas línguas da família perderam a concordância gramatical de gênero. Segundo a autora, há uma grande possibilidade de que essa propriedade tenha sido perdida por conta da influência do contato linguísticos com línguas sem distinção de gênero. Em muitos desses casos, os falantes utilizam classificadores como a principal ferramenta de classificação de referentes, mas preservam a

distinção de gênero em construções com referentes humanos por meio de nominalizações e derivações. O Baniwa é um exemplo de língua Aruák que restringiu os morfemas de gênero a contextos com referentes humanos, classificando o restante do léxico nominal por meio de um largo sistema de classificadores, conforme apontam Aikhenvald (2007) e Epps e Salanova (2012).

Esse comportamento é semelhante ao que vimos em Enawene Nawe: as marcas de gênero estão se tornando restritas a contextos com referentes humanos (e em casos raros, a referentes animados; mas sem a transparência semântica vista com humanos); enquanto isso, os classificadores classificam os inanimados e animados não humanos com base em características físicas como forma, tamanho e consistência. Isso está de acordo com a hipótese levantada por Brandão e Reis (2022) ao analisarem os sistemas de classificação em Enawene Nawe.

A descrição do comportamento morfossintático dos sistemas de classificação em Enawene Nawe e, principalmente, dos morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* se mostrou um grande desafio no decorrer deste trabalho, tanto por questões tipológicas, quanto pela limitação de dados. Deste modo, é importante frisar mais uma vez que este estudo se trata de uma análise e descrição preliminar dos sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe e, por esse motivo, necessita de expansão dos dados e aprofundamento da discussão para confirmar ou refutar as hipóteses aqui levantadas.

## 5. Considerações finais

Essa dissertação se propôs a apresentar uma análise e descrição inicial das categorias nominais da língua Aruák Enawene Nawe. No que diz respeito a posse, a língua segue o padrão tipológico da família a qual pertence, distinguindo o seu léxico nominal em nomes alienáveis e inalienáveis, além daqueles que aqui chamamos de nomes não possuídos.

O primeiro grupo, de nomes inalienáveis, tem o tipo de marcação que Nichols (1986, p. 59) chama de núcleo marcado, com a figura do possuído recebendo as marcas morfológicas de posse. A classe dos inalienáveis é dividida em duas subclasses: uma que comporta os termos de parentesco, e outra para o restante dos nomes inalienáveis.

Os termos de parentesco em Enawene Nawe são nomes de posse obrigatória, mas que não podem ocorrer em forma não-possuída com o sufixo *-ti*. Esses nomes também possuem formas de primeira pessoa que não recebem prefixos de possuidor. Classificamos a classe dos termos de parentesco na língua como *inalienáveis não marcados*, conceito de Freitas (2017) que descreve caso semelhante em outra língua Aruák, o Apurinã.

Quanto ao restante dos de nomes inalienáveis, esses também se configuram como nomes de posse obrigatória. Quando possuídos, *sempre* recebem um dos prefixos de possuidor da língua; já quando em sua forma absoluta, *sempre* recebem o sufixo de não-possuído *-ti*.

Os nomes alienáveis são raízes livres de posse opcional. Quando não possuídos, aparecem sem qualquer marca de absoluto; já quando em sua forma possuída, seguem o padrão possessivo de posse alienável das línguas Aruák: PREFIXO PESSOAL-NOME-SUFIXO POSSESSIVO (Miranda, 2023, p. 466). Sobre os sufixos possessivos, foram descritos três pares que desempenham essa função na língua: *-ni~-ne*, *-li~-la* e *-ri~-ra*, com a hipótese de os dois últimos pares estarem ocorrendo em distribuição complementar condicionada pela fonologia, mais precisamente pela vogal que os precede.

Outra parte do léxico descrita é a qual chamamos de nomes não possuídos, que se caracterizam pela impossibilidade de receber qualquer marca morfológica de posse. Uma parte importante dessa classe são os nomes de animais que, para ocorrerem em construções possessivas, sempre devem aparecer justapostos à raiz nominal *hol-* ‘criação’. Essa raiz recebe um quarto par de sufixos: *-i* de concordância de primeira pessoa do singular, e *-a* quando possuída pelas demais pessoas. A presença desses sufixos e, principalmente, de *-i* é outra semelhança entre Enawene Nawe e Paresi que foram descritas neste trabalho.

Em relação à marcação de número em Enawene Nawe, verificou-se a distinção entre singular e plural, como é comum a maior parte das línguas Aruák. O significado de

singular (não marcado) é combinado com o que se entende por *general number*, isto é, uma única forma pode fazer referência tanto a uma entidade, quanto mais de uma (Corbett, 1991). Isso mostra que a categoria de número não possui valor de obrigatoriedade (exceto em casos com referentes humanos).

Disto isto, o sufixo *-nawe* foi descrito como a única marca de número em Enawene Nawe, podendo ocorrer com animados e inanimados, mas somente obrigatório com humanos. Esse sufixo também pode ser usado para expressar o significado de coletivo, referenciando um grupo/conjunto que é visto como uma unidade. O morfema *-nawe* pode ser omitido quando numerais são usados na sentença.

Quanto a classificação nominal, foi levantada a hipótese de que a língua Enawene Nawe não apresenta a categoria de gênero gramatical nos termos proposto pela tipologia linguística, apresentando marcas de gênero que realizam a classificação de referentes sem gerar concordância gramatical. Além disso, o uso dos morfemas *-li~-ri* e *-lo~-ro* está se tornando restrito a construções com referentes humanos.

Já o sistema de classificadores é composto por onze morfemas: *-se* ‘pequeno, alongado’; *-kase* ‘longo, rígido’; *-nase* ‘cilíndrico’; *-xi* ‘pequeno’; *-hi* ‘fino, longo, flexível’; *-oko* ‘circular’; *-la(-)/-ra(-)* ‘líquido’; *-he* ‘pó’; *-ri(-)* ‘redondo’; *-kwa(-)* ‘plano’; *-ako* ‘dentro’. Esses morfemas classificam principalmente a parte do léxico com nomes para inanimados e animados não humanos com base na forma, tamanho e consistência desses referentes.

Com este trabalho espera-se contribuir com a descrição, documentação e com o avanço do ainda incipiente conhecimento sobre a língua Enawene Nawe. Entendemos a importância desta pesquisa, mesmo que preliminar, para incentivar que novos trabalhos sobre a língua sejam realizados, e o Enawene Nawe passe a estar mais presente na literatura linguística.

## Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, Alexandra Y. Classe nominal e gênero nas línguas Aruák. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. v. 10. 1994. pp. 137-259. 1994.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Baré: Languages of the World/Materials 100*. Munich, Germany: Lincom Europa. 1995.
- AIKHENVALD, Alexandra Y; GREEN, Diana. Palikur and the Typology of Classifiers. *Anthropological Linguistics*, Vol. 40, No. 3. 1998. pp. 429-480.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. pp. 65-106. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 65-106.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *A grammar of Tariana, from northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Arawak. In: STRAZNY, Philipp. *Encyclopedia of Linguistics*. pp. 81-84. New York: Fitzroy Deaborn, 2005.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Classifiers in multiple environments: Baniwa of Içana/Kurripako – a North Arawak perspective. *International Journal of American Linguistics*. 73(4): 475-500. 2007.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Gender and noun class. In: BOOIJ, Geert. Et al. *Morphologie / Morphology*. 2008. p. 131-145.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Possession and ownership: a cross linguistic perspective. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert W. M. (eds.) *Possession and ownership: a cross-linguistic typology*. New York: Oxford University Press, 2013.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *How Gender Shapes the World*. Oxford University Press, 2016. 271 p.
- AIKHENVALD, Alexandra Y; DIXON, Robert M. W. Introduction: Linguistic Typology – Setting the Scene. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert M. W. *The Cambridge Handbook of Linguistic Typology*. Cambridge University Press, United Kingdom, 2017, p. 1-35.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Morphology in Arawak Languages. In: Aronoff, Mark.; Granata, Elda, (eds.) *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford University Press, New York, 2020.
- ALLAN, Keith. Classifiers. *Language* 53 (2), 285–311. 1977.
- ARMOSKAITE, Solveiga. Derivation by gender in Lithuanian. In: PAUL, Ileana (ed.). *Cross-linguistic investigations of nominalization patterns*. 169-187. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- BAVIN, Edith L. Body parts in Acholi: alienable and inalienable distinctions and extended uses. In: CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William (Eds.) *The Grammar of Inalienability: A Typological Perspective on Body Part Terms and the Part-Whole Relation*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 1996. pp. 841-864. <https://doi.org/10.1515/9783110822137.841>

- BRANDÃO, Ana Paula; CARVALHO, Fernando; SANTOS-PEREIRA, Everton dos. *Estudo histórico-comparativo preliminar do subgrupo Juruena (Aruák)*. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia (VI CIELLA). Belém-PA, 2018.
- BRANDÃO, Ana Paula; FACUNDES, Sidney. *Paresi and Enawene Nawe: a comparative study*. Paper presented at the Conference on Indigenous Languages of Latin America (CILLA), Austin, 2007.
- BRANDÃO, Ana Paula; ZEZOKIWARE, Jurandir. A documentação participativa: o caso das línguas Paresi- Haliti e Enawene Nawe. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*. n. 50, p. 87-106, jul. 2018.
- BRANDÃO, Ana Paula. Documentação da língua Enawene Nawe. *Endangered Languages Archive*. 2018. Disponível em: [https://www.elararchive.org/index.php?name=SO\\_7612c9c1-3e34-4fbd-9948-ce266435fc60](https://www.elararchive.org/index.php?name=SO_7612c9c1-3e34-4fbd-9948-ce266435fc60). Acesso em: 20/03/2023.
- BRANDÃO, Ana Paula; REIS, Thaina L. Gênero gramatical em Enawene Nawe? *Revista de Letras Norteamericanas* 13(33), p. 208-227. 2020
- BRANDÃO, Ana Paula; REIS, Thaina L. Sistemas de classificação nominal em Enawene Nawe (Aruák). *Cadernos de Etnolingüística* (ISSN 1946-7095), 10(1), 2022.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê 18: Ritual Yaokwa do povo Enawene Nawe*. 2018.
- CAÑAS, Vicente. Diário de campo n. 3. In: CAÑAS, Vicente. *Diários de Campo 1977-1987*. Mimeo. 1983.
- CARVALHO, Fernando O. de. A comparative reconstruction of Proto-Purus (Arawakan) segmental phonology. *IJAL*, vol. 87, no. 1. pp. 49–108. 2021.
- CARVALHO, Fernando O. de; BRANDÃO, Ana Paula. A diachronic account of Paresi (Arawakan): person marking and alignment. *International Journal of American Linguistics* vol. 88, n. 2. pp. 137-170. 2022.
- CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William. *Alienability, inalienability, and nominal classifications*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1989.
- CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William. Prolegomena to a theory of inalienability. In: CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William (eds.) *The Grammar of Inalienability. A typological perspective on body part terms and the whole-part relation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.
- CONTINI-MORAVA, Ellen; KILARSKI, Marcin. Functions of nominal classification. *Language Science*. vol. 40, 2013. pp. 263-299.
- CORBERA-MORI, Angel. A posse nominal em línguas Arawak do Sul e Arawak Central: uma abordagem descritiva. *Estudos Lingüísticos XXXIV*. p. 263-268, 2005.
- CORBERA-MORI, Angel. Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua Mehinaku (Arawak). In: FRANCHETTO, Bruna (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. 2011.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. A pluralidade em Mehináku. In: Gomes, Dionei Moreira; Regúnaga, María Alejandra; Scandelari, Arthur Britta (orgs.). *Diversidade linguística na América: línguas ameríndias*. v. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.
- CORBETT, Greville. 1991. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991
- CORBETT, Greville. 2000 *Number*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CORBETT, Greville. Number of genders. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. (Available online at <http://wals.info/chapter/30>, Accessed on 2023-03-27.)
- CORRÊA, Noemi dos Reis. *Contatos e contraste: territorialidade, etnicidade e história dos indígenas Enawene Nawe*. Dissertação de mestrado pela Universidade do Vale do Taquari. 2015. 152 p.
- DIXON, Robert W. M. *Where Have All the Adjectives Gone? and other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton, 1982.
- DIXON, Robert W. M. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, Colette G., (Org.). *Noun classes and noun classification*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 105-112.
- DRYER, Matthew S. Coding of nominal plurality. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/33>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- DUCHOWNY, Alécia T. et al. *Fundamentos de linguística comparada*. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2012.
- ELAN (Version 6.4) [Computer software]. (2022). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.
- ELBERT, Samuel H.; PUKUI, Mary Kawena. *Hawaiian Grammar*. Honolulu: University of Hawaii Press. 1979.
- ENAWENE, W. Fotografia aérea da Aldeia *Dolowikwa/Kotakwinakwa*- JPEG. 749x421 Pixels. 2022
- EPPS, Patience; SALANOVA, Andrés. A linguística Amazônica hoje. *Liames* 12(1). 7-37. 2012.
- EPPS, Patience. Naduhup Languages and the Typology of Nominal Classification. *Cadernos de Etnolinguística* (ISSN 1946-7095), 10:1. 2022.
- FABRE, Alain. 2005 *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos*. Edição eletrônica disponível em: <http://www.ling.fi/Diccionario%20etnoling.htm>.
- FEDDEN, Sebastian; CORBETT, Greville G. Gender and classifiers in concurrent systems: Refining the typology of nominal classification. *Glossa: a journal of general linguistics* 2(1): 34. 1–47. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.177>
- FERRARI, Franca. A syntactic analysis of the nominal system of Italian and Luganda: how nouns can be formed in syntax. In: DE CAT, Cécile; DEMUTH, Katherine. (ed.) *The Bantu-Romance Connection A comparative investigation of verbal agreement, DPs, and information structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 239-258. 2005.
- FREITAS, Marília Fernanda Pereira. *A posse em Apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák*. Tese de doutorado pela Universidade Federal do Pará. 2017.
- GRINEVALD, Colette. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, Gunter. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp.50-92.
- GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun Classes in African and Amazonian Languages: Towards a Comparison. In: *Linguistic Typology*. vol. 8, 2004. pp. 243-285.

- Hanson, Rebecca. A grammar of Yine (Piro). Tese de doutorado pela Universidade La Trobe, Melbourne, Australia. 2010. 413p.
- HANSON, Rebecca. *A grammar of Yine (Piro)*. Tese de Doutorado em Linguística pela La Trobe University, Austrália, 2010.
- HASPELMATH, Martin. Occurrence of nominal plurality. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/34>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- HEINE, Bernd. Ways of explaining possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 311-328.
- JAKUBAZKO, Andrea. 2003. *Imagens da Alteridade: um estudo da experiência histórica dos Enawene Nawe*. Dissertação de Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 145p.
- KILARSKI, Marcin. *Nominal classification: a history of its study from classical period to the present*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. 405 p.
- KLIFFER, Michael D. *Inalienable possession in Mandarin*. 1998
- KONG, Deran; HSU, Yu-Yin. (In)Alienable Possession in Mandarin Relative Clauses. *Proceedings of the Workshop on Cognitive Aspects of the Lexicon*. p. 16–24. Taipei, Taiwan. Association for Computational Linguistics. 2022.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell. 448 p. 1996.
- LIMA-RODGERS, Ana Paula Ratto. *O ferro e as flautas: Regimes de captura e perecibilidade do Yyaõkwa Enawene Nawe*. Tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014. 482 p.
- LISBOA, Thomaz A. *Os Enauenê-Nauê: os primeiros contatos*. São Paulo: Edições Paulistanas, 1985.
- LUCY, John A. Systems of nominal classification: a concluding discussion. In: SENFT, Gunter (Ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press, Cambridge, 2000. pp. 326–341.
- LYONS, John. *Semantics*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTINS, Silvana Andrade. *Fonologia e Gramática Dâw*. Tese de doutorado pela Vrije Universiteit. 2004.
- MIRANDA, Camille Cardoso. Uma análise preliminar do sistema de classificadores em línguas Aruák. *Domínios de Linguagem*. Uberlândia. vol 14, n.1, pp.85-127. jan-mar 2020a.
- MIRANDA, Camille Cardoso. Categorização nominal em línguas Arawak: revisando a questão de gênero gramatical. *Estudos Linguísticos*. São Paulo. v. 49, n. 3, pp. 1529-1550, dez. 2020b.
- MIRANDA, Camille Cardoso. *Estudo morfológicos em línguas Arawák: uma abordagem tipológica*. Tese de doutorado pela Universidade Estadual de Campinas. 2023.
- MOORE, Denny A.; GALUCIO, Ana V.; GABAS, Nilson Jr. Desafio de documentar e preservar línguas. *Scientifique American (Brasil): Amazônia (A floresta e o futuro)*. p.36-43. n.3, 2008.
- MOSEL, Ulrike. *Tolai syntax and its historical development*. Canberra: Research School of Pacific and Asian Studies - Australian National University, 1984.

- NICHOLS, Johanna. Head-Marking and Dependent-Marking in Grammar. *Language*. Vol. 62, No. 1. pp. 56-119. 1986.
- NICHOLS, Johanna. On alienable and inalienable possession. In: SHIPLEY, William (Org). *In honor of Mary Haas*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. 475-521.
- PASSER, Matthias Benjamin. *The Typology and Diachrony of Nominal Classification*. Netherlands: LOT, 2016. 646 p.
- PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Aruakan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. v. 3, p. 355-499. 1991.
- PEREIRA, Paulo Henrique da Silva. *Aspectos morfossintáticos da marcação de posse em línguas Ameríndias*. Dissertação de Mestrado pela Universidade Estadual de Campinas. 2016. 196 p.
- POSTIGO, Adriana Viana. *A língua Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e morfossintática*. Tese de Doutorado pela Universidade Estadual Paulista. 2014. 244 p.
- REIS, Thaina. L.; Brandão, Ana Paula. Termos de Parentesco em Enawene Nawe (Aruák): Análise Do Gênero Gramatical. *Anais do II Congresso De Línguas Indígenas De Mato Grosso (Clint)*. vol.2. 2018. ISSN 2527-1539.
- REIS, Thaina L. *Uma análise preliminar do gênero gramatical em Enawene Nawe (Aruák)*. Belém, PA: Trabalho de conclusão de curso pela Universidade Federal do Pará. 2020.
- REZENDE, Ubiray Maria Nogueira. *Fonética e fonologia da língua Enawene Nawe (Aruak): Uma primeira abordagem*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro. 2003.
- RICHARDS, Joan. Dificuldades na análise da posse nominal na língua Waurá. In: *Série Lingüística* 1, p. 11-29, 1973.
- SAPIR, Edward. Análise de UHLENBECK, Christianus C. 'Het passieve karakter van het verbum transitivum of van het verbum actionis in talen van Noord-America. *International Journal of American Linguistics*. vol. 1. P. 82–86. 1917.
- SARDINHA, Katie. Story-builder: *A Language Tool for Linguistic Fieldwork and Second Language Learning*. 2011. Disponível em: <http://www.story-builder.ca>.
- SEIFART, Frank. Multidimensional typology and Miraña class markers. In: EPPS, Patience; ARKHIPOV, Alexandre. (eds.) *New Challenges in Typology*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, pp. 365-385. 2009. <https://doi.org/10.1515/9783110219067>.  
Language Universals Series, 2. Ttbingen, 1983.
- SENF, Gunter (Ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press, Cambridge. 2000.
- SENF, Gunter. Nominal classification. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, Oxford, pp. 676–696. 2007.
- Silva, Glauber Romling da. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. 2013.
- SILVA, Márcio F. *Liga dos Enawene-Nawe: um estudo da aliança de casamento na Amazônia Meridional*. Dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo. 2012.

- SMITH-STARK, T. Cedric. The plurality split. In: LA GALY, Michael W.; FOX, Robert A.; BRUCK, Anthony (eds.) *Papers from the Tenth Regional Meeting*. Chicago Linguistic Society. 657–71. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1974
- STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. New York: Oxford University Press, 2009.
- TAYLOR, Douglas. The nominal plural in Arawak. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 42, n. 4. p. 371-374. 1976.
- VALLEJOS, Rosa. Nominal classification without grammatical agreement: evidence from Secoya. *IJAL*. vol. 87, no. 3. pp. 423–455. 2021.
- YOUNG, Robert W.; MORGAN, William. *The Navajo language: A grammar and colloquial dictionary*. Albuquerque: University of New Mexico Press. 1980.
- ZHANG, Hong. Numeral classifiers in Mandarin Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*. 16:1, 43–59. 2007.
- ZORTHÊA, Katia Silene. *Vocabulário Enawene – Português / Português – Enawene*. Cuiabá: OPAN / Projeto Enawene-Nawe. Ms. 1998
- ZORTHÊA, Katia Silene. *Daraiti Ahã: escrita alfabética entre os Enawene Nawe*. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Mato Grosso. 123 p. 2006.

## **Anexo – Termo de consentimento livre e esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da pesquisa:** Estudo das categorias nominais em Enawene Nawe (Aruák): uma análise preliminar

**Nome do(s) pesquisador(es):** Thaina de Lima Reis

**Número do CAAE:** 59254022.3.0000.8142

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) na pesquisa chamada “Estudo das categorias nominais em Enawene Nawe (Aruák): uma análise preliminar”, sob a responsabilidade da pesquisadora Thaina de Lima Reis e orientada pelo Professor Angel Humberto Corbera Mori. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem como objetivo assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra comigo, que sou a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, e tire suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá perguntar para mim. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

Tendo em vista que o conhecimento sobre o Enawene Nawe ainda é pouco e que a descrição da língua necessita avançar, esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever as categorias nominais encontradas no Enawene Nawe, buscando entender o funcionamento da posse nominal, da marcação de número, e das categorias de gênero masculino e feminino e classificadores. Este projeto pode contribuir com a documentação e descrição, bem como com o avanço do conhecimento da gramática da língua Enawene Nawe.

#### **Procedimentos:**

Participando dessa pesquisa você está sendo convidado a: responder alguns questionários orais e/ou escritos sobre a classificação nominal em Enawene Nawe, fazer o registro escrito e em áudio de algumas sentenças, além de gravação em áudio de narrativas tradicionais do povo Enawene Nawe.

A previsão de duração da coleta de dados na aldeia é de 1 (um) mês. Essas coletas de dados serão feitas na comunidade *Dolowikwa/Kotakwinakwa*, assim, você não precisará se deslocar. A duração de cada sessão de coleta com um participante é de aproximadamente 1h30min (uma hora e trinta minutos). A coleta fará uso de gravadores digitais de áudio, que só serão utilizados com sua autorização.

Os dados linguísticos coletados em áudio (sentenças e textos em Enawene Nawe), serão transcritos com auxílio do programa ELAN (Eudico Language Annotator) e armazenados em um banco de dados no Programa Flex, para que seja feita a análise linguística. Todos os dados coletados, serão armazenados em computador pessoal da pesquisadora e HD externo por pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com o artigo quatro do capítulo seis da Resolução CNS 510/16.

Confirmamos que a realização desta pesquisa ocorre somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP-CHS, bem como da Comissão Nacional de Ética em

Pesquisa-CONEP (Resolução CNS304/00) e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI.

Você não deve participar desta pesquisa se for menor de dezoito anos e/ou estiver fora do grupo-alvo, isto é, falantes de Enawene Nawe e Português.

#### **Desconfortos e riscos:**

A sua participação nessa pesquisa poderá lhe causar algum tipo de desconforto, como cansaço pela duração da coleta de dados. Nesse caso, você poderá interromper imediatamente a sua participação.

A sua participação poderá ainda acarretar em um possível risco de intervenção em sua cultura e língua pelo contato com pesquisadores falantes do português brasileiro. Para minimizar este fator, a pesquisa conta com a colaboração de professores indígenas da própria comunidade, que são falantes de Enawene Nawe e Português.

Sua participação neste projeto pode ainda oferecer risco relacionados à pandemia de Covid-19 que, apesar de sob controle, ainda necessita cautela. Portanto, para garantir a proteção de todos os envolvidos, máscaras e álcool em gel serão distribuídos pela pesquisadora, e seu uso será obrigatório. Além disso, a quantidade de pessoas no local da coleta será controlada.

#### **Benefícios:**

A realização desta pesquisa não prevê benefícios diretos a você. No entanto, pode contribuir com o avanço da descrição do Enawene Nawe, e os dados obtidos com este trabalho podem gerar recursos linguísticos para a produção de materiais pedagógicos a serem futuramente utilizados na escola indígena da aldeia *Halataikwa*, beneficiando a comunidade como um todo. Assim, possibilitará que a comunidade Enawene Nawe tenha acesso ao conhecimento de sua própria língua e, desta forma, também contribuam para o seu fortalecimento.

#### **Sigilo e privacidade:**

Você tem a garantia de que sua identidade será protegida e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Os dados linguísticos, isto é, as *transcrições* dos textos coletados nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção acadêmica, na escrita de artigos em periódicos científicos, apresentações em congressos da área e na dissertação de mestrado. Firmamos o compromisso de que seu nome não será citado, mantendo sua identidade em sigilo.

#### **Ressarcimento e indenização:**

A equipe de pesquisa garante que você não terá qualquer custo. Qualquer custo que você tiver para participar da pesquisa, previsto ou não, não importando a natureza do custo, será ressarcida pela equipe de pesquisa.

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

#### **Acompanhamento e assistência:**

A qualquer momento, antes, durante ou após o término deste projeto, você poderá

entrar em contato com a pesquisadora responsável ou com seu orientador para esclarecimentos de dúvidas e/ou assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa.

### **Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora ou com seu orientador.

**Pesquisadora:** Thaina de Lima Reis, aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Endereço profissional: Instituto de Estudos da Linguagem-IEL(Pós-graduação), Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas-SP, Brasil. CEP 13083-859. Telefone para contato: (91) 98502-8011. E-mail: [euthainalima@gmail.com](mailto: euthainalima@gmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1632355070281485>.

**Orientador:** Angel Humberto Corbera Mori, Professor do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Departamento de Linguística, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Endereço profissional: Instituto de Estudos da Linguagem-IEL(Pós-graduação), Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas-SP, Brasil. CEP 13083-859. E-mail: [angel@unicamp.br](mailto:angel@unicamp.br)

Telefone: (19) 98137-8399; Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2662089601550549>.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretária do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP que tem atendimento ao público das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836, e-mail: [cepchs@unicamp.br](mailto:cepchs@unicamp.br)

### **O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).**

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

### **Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do (a) participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

(Assinatura do participante)

**Sobre autorização para gravação de voz:**

- ( ) **SIM**, autorizo a gravação de minha voz.  
( ) **NÃO**, não autorizo a gravação de minha voz.

---

(Assinatura do participante)

**Responsabilidade do Pesquisador:**

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado à CONEP, de acordo com as orientações da Resolução CNS 304/00, disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2000/reso304.doc> E da Portaria 177/PRES/2006, Artigo 6o, da FUNAI, disponível em [http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/LEGISLACAO\\_INDIGENISTA/Cultura/portariadireitoautoral.PDF](http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/LEGISLACAO_INDIGENISTA/Cultura/portariadireitoautoral.PDF).

Os contatos da CONEP (Conselho Nacional de Pesquisa) podem ser acessados via Telefone: (61) 3315-5877 e pelo site: [http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/index.html](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html).

Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa, exclusivamente, para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante. Comprometo-me, também, a divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível à população indígena participante.

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

(Assinatura do pesquisador)